

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

Alexia Costa Melo

NARRATIVAS DA JUVENTUDE DO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO
vozes, imagens e sons de jovens quilombolas

Belo Horizonte

2020

Alexia Costa Melo

NARRATIVAS DA JUVENTUDE DO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO

vozes, imagens e sons de jovens quilombolas

Versão final

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Belo Horizonte

2020

M528n
T

Melo, Alexia Costa, 1976-

Narrativas da juventude do quilombo Mato do Tição [manuscrito] :
vozes, imagens e sons de jovens quilombolas / Alexia Costa Melo. -
Belo Horizonte, 2020.
180 f. : enc, il.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Clarisse Maria Castro de
Alvarenga. Bibliografia: f. 169-171.
Anexos: f. 172-180.

1. Educação -- Teses. 2. Educação -- Relações culturais -- Teses.
3. Quilombos -- Mato do Tição (Jaboticatubas, MG) -- Teses. 4.
Antropologia educacional -- Teses. 5. Estudantes -- Narrativas pessoais -
- Teses.
6. Educação intercultural -- Teses. 7. Patrimônio cultural -- Aspectos educacionais
-- Teses. 8. Ensino audiovisual -- Teses. 9. Jaboticatubas (MG)
-- Educação -- Teses. 10. -- Teses.
- I. Título. II. Alvarenga, Clarisse Maria Castro de, 1974-.
- III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação
CDD- 370.19342



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

UFMG

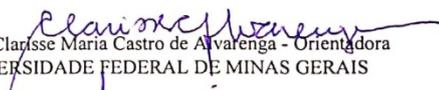
FOLHA DE APROVAÇÃO

Narrativas da Juventude do Quilombo Mato do Tição: vozes, imagens e sons de jovens quilombolas

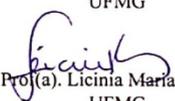
ALEXIA COSTA MELO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 05 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Clarisse Maria Castro de Alvarenga - Orientadora
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS


Prof(a). Shirley Aparecida de Miranda
UFMG


Prof(a). Licitia Maria Correa
UFMG

Belo Horizonte, 5 de fevereiro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e saúdo os guias de luz, os Orixás, as forças da natureza e todos os mestres e mestras que sempre me ensinaram sobre a existência e a resiliência. Agradeço aos povos tradicionais, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, ciganos. Ê salve!

Agradeço a todos da comunidade do Mato do Tição, entre eles Sr. João, D. Nilse, Sabrina, Nilsélia, Rosa, Regina, D. Divina, Lei, Dó, Genário, por todas as acolhidas, ensinamentos, risadas e momentos que compartilhamos. Deixo aqui meus agradecimentos especiais para as jovens Ana, Geíse, Júlia e Thaís, que construíram comigo essa pesquisa. Um salve carinhoso para Rosaura. (in memorian), para Igor, Luan, Geison, Vitor e para as crianças Giovana, Emily, Adriely, Ana Flávia, Raí, Davi “de Sabrina” e Davi “de Néia”.

Agradeço à minha orientadora, Clarisse Alvarenga, por caminhar junto e me apoiar, valorizar minha trajetória e ao mesmo tempo, me instigar a ampliar minha percepção sobre o que poderia ser de fato esta pesquisa. Muito grata pela confiança, carinho e todos os aprendizados.

Agradeço a todos do Promestre, em especial aos meus colegas, que dividiram comigo as descobertas, dúvidas e aflições que fazem parte do aprendizado e à professora Licínia, que indicou valiosos caminhos que se somaram às cuidadosas observações do professor André Brasil durante a qualificação.

À Fernanda de Oliveira, cuja pesquisa de mestrado realizada na comunidade do Mato do Tição me mostrou que seria possível ouvir as falas das pessoas da comunidade para se fazerem presentes em uma dissertação.

À minha prima Raquel, pelo estímulo em ingressar no mestrado, pelas leituras cuidadosas, pelo exemplo e pelas aulas no *Word*, sempre me acompanhando, pacientemente, em todas as etapas.

Agradeço à minha mãe, meu irmão, meu pai (in memorian) e a toda a minha família.

Agradeço imensamente ao William, amor que entrou na minha vida bem no início dessa caminhada e que me apoiou em todos os momentos, contribuindo para que tudo fosse mais leve.

À Nana, por todas as experiências compartilhadas durante nosso percurso com comunicação comunitária.

A todos os amigos que passaram pelo projeto Rede Jovem de Cidadania, em especial Clebin, Michel, Lin, Farofa e Dani. A todos que colaboraram com a escola de Arte e Tecnologia Oi Kabum BH, em especial Paulo Costa. (in memorian)

“É reeditar as nossas trajetórias a partir das nossas matrizes.

E quem é capaz de fazer isso? Nós mesmos!”

(BISPO, 2018).

RESUMO

Esta dissertação busca narrar as etapas de um processo formativo em audiovisual realizado com jovens da comunidade Quilombola Mato do Tição, em Jaboticatubas, Minas Gerais. Esse processo gerou uma série de vídeos contendo registros coletivos, além de gravações em festas e manifestações culturais que aconteceram na comunidade ao longo de 2018. A partir de uma conversa com quatro jovens mulheres participantes da formação, em 2019, surgiram falas que revelam como as práticas estimularam que as jovens criassem outras relações consigo e com o território. Esta pesquisa busca colaborar com a ideia de que a produção audiovisual que se coloca a serviço de grupos ou comunidades, junto a outras formações que consideram a partilha de conhecimentos e valorizam a autorrepresentação dos participantes, pode contribuir para um movimento contracolonial, na medida em que conflui saberes e reconhece que é preciso criar processos formativos para que os grupos e comunidades possam reeditar as suas próprias trajetórias a partir de suas matrizes. (BISPO, 2018) Para isso, caracterizo o Quilombo do Mato do Tição (OLIVEIRA, 2013), descrevo o histórico de meu envolvimento com a comunidade, apresento o processo formativo em audiovisual - que dividi em duas fases para melhor compreendê-lo -, e enuncio as falas das jovens que vivenciaram o processo na tentativa de trazer à tona o ponto de vista delas sobre o processo e sobre os filmes realizados. Ao final, procuro aproximar o processo analisado na relação com outros processos de formação audiovisual por mim experimentados, situando minha trajetória como educadora e pesquisadora.

Palavras-chave: Juventude quilombola; Formação Audiovisual; Narrativas de jovens; Produção Audiovisual.

ABSTRACT

This dissertation seeks to narrate the stages of an audiovisual training process conducted with young people from the Quilombola Mato do Tição community, in Jaboticatubas, Minas Gerais. This process generated a series of videos containing collective records, as well as recordings at parties and cultural events that took place in the community throughout 2018. From a conversation with four young women participating in the formation in 2019, speeches emerged that reveal how These practices encouraged young women to create other relationships with themselves and their territory. This research seeks to collaborate with the idea that the audiovisual production that is at the service of groups or communities, along with other formations that consider the sharing of knowledge and value the self-representation of the participants, can contribute to a counter-colonial movement, as It merges knowledge and recognizes that it is necessary to create formative processes so that groups and communities can reedit their own trajectories from their matrix. (BISPO, 2018) For this, I characterize the Quilombo do Mato do Tição (OLIVEIRA, 2013), describe the history of my involvement with the community, present the formative process in audiovisual - which I divided into two phases to better understand it - and I speak to the young women who experienced the process in an attempt to bring out their point of view about the process and about the films made. In the end, I try to approximate the process analyzed in relation to other audiovisual training processes I experienced, situating my career as an educator and researcher.

Keywords: Quilombola youth; Audiovisual training; Youth Narratives; Audiovisual production.

LISTA DE FIGURAS

FIG. 1: Fotomontagem com fotografias de Giovana, Ana Flávia, Emily e Adriely (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	19
FIG. 2: Fotomontagem com fotografias de Giovana (Quilombo Mato do Tição, 2018)	21
FIG. 3: Print do mapa com a localização de Jaboticatubas e do quilombo Mato do Tição.....	26
FIG. 4: Josefa Basílio dos Santos e Benjamin de Siqueira.....	29
FIG. 5: Casa Velha (Quilombo Mato do Tição, 2019)	29
FIG. 6: Capela (Quilombo Mato do Tição, 2019)	29
FIG. 7: Casa Dona Nilse (Quilombo Mato do Tição, 2019)	29
FIG. 8: Frames de Júlia, Geíse, Thaís e Ana, retirados das gravações realizadas no momento em que assistiam o material produzido por elas. (Quilombo Mato do Tição, 2019).....	30
FIG. 9: Casa de Júlia (Quilombo Mato do Tição, 2019).....	31
FIG. 10: Casa de Geíse (Quilombo Mato do Tição, 2019).....	31
FIG. 11: Fotografia de Ana tirada da sua casa com celular e enviada pelo <i>WhatsApp</i>	31
FIG. 12: Casa de Thaís (Quilombo Mato do Tição, 2019)	31
FIG. 13: Print de diálogo do grupo Quilombo Digital	39
FIG. 14: Print de diálogo do grupo Quilombo Digital	39
FIG. 15: Sequência de frames retirados de gravação realizada com Geíse, enquanto relata sobre o primeiro contato com a câmera, no início do processo formativo em audiovisual. (Quilombo Mato do Tição, 2019)	40
FIG. 16: Frame retirado de gravação realizada com Júlia, mostrando a parte do corpo que mais a incomodava ao lidar com a câmera. (Quilombo Mato do Tição, 2019)	41
FIG. 17: Frame retirado de gravação realizada com Ana, no momento em que mostra algumas formas de segurar a câmera. (Quilombo Mato do Tição, 2019).....	41
FIG. 18: Frame retirado de gravação realizada com Ana. (Quilombo Mato do Tição, 2019) ..	41
FIG. 19: Frame retirado de gravação realizada com Thaís, que mostra com as mãos o tempo do plano. (Quilombo Mato do Tição, 2019)	42
FIG. 20: Jovens brincam de fazer ritmos com copos de plástico (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	43
FIG. 21: Pulseira de miçanga feita por jovem do quilombo (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	43
FIG. 22: Frame retirado de gravação feita por Ana, da música <i>Gessi los Beibe</i> , brincadeira de mão que ensinei durante um dos momentos em que a oficina de audiovisual coincidiu com a oficina de música. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	43
FIG. 23: Frame retirado de gravação de Ana, no momento em que Sr. João ensina a música de roda, <i>Dois anéis</i> , durante a oficina de música. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	43
FIG. 24: Print de gifs animados criados pelas jovens. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	44
FIG. 25: Print de gifs animados criados pelas jovens. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	44
FIG. 26: Frame retirado das gravações realizadas na oficina de música, ministrada por Jonatah Cardoso, pelas jovens que participavam da oficina de audiovisual. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	44
FIG. 27: Frame retirado das gravações realizadas na oficina de música, ministrada por Jonatah Cardoso, pelas jovens que participavam da oficina de audiovisual. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	44
FIG. 28: Ana escreve no papel os nomes dos botões com as funções da câmera, enquanto Thaís e Júlia os localizam na câmera	45

FIG. 29: Ana escreve no papel os nomes dos botões com as funções da câmera, enquanto Thaís e Júlia os localizam na câmera	45
FIG. 30: Desenhos dos botões e funções da câmera feitos em papel kraft	46
FIG. 31: Desenhos de alguns movimentos de câmera e enquadramentos feitos no papel kraft	46
FIG. 32: Desenhos de alguns movimentos de câmera e enquadramentos feitos no papel kraft	46
FIG. 33: Júlia escreve no papel os nomes dos botões com as funções da câmera	46
FIG. 34: Luan mexe na câmera enquanto os outros jovens, em volta da mesa, observam.....	46
FIG. 35: Fotografia da saída do Bando, em 2015. Thaís é o mascarado que está de branco. (Quilombo Mato do Tição, 2015)	47
FIG. 36: Fotografia da saída do Bando, em 2015. (Quilombo Mato do Tição, 2015).....	47
FIG. 37: Fotografia da saída do Bando, em 2015. (Quilombo Mato do Tição, 2015).....	47
FIG. 38: Fotografia que mostra o momento em que Dona Nilse e as jovens comentam sobre as fotografias do quilombo de outros tempos. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	48
FIG. 39: Fotografia que mostra o momento em que Dona Nilse e as jovens comentam sobre as fotografias do quilombo de outros tempos.(Quilombo Mato do Tição, 2018)	48
FIG. 40: Desenhos feitos no papel kraft com funções da câmera voltados para captação do som direto, considerando o microfone da câmera e o microfone shotgun (boom). (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	48
FIG. 41: Frame retirado da gravação com Ana, que mostra com os braços algumas posições que ela usava com a câmera. (Quilombo Mato do Tição, 2019).....	50
FIG. 42: Frame retirado da gravação com Ana, que mostra com os braços algumas posições que ela usava com a câmera. (Quilombo Mato do Tição, 2019).....	50
FIG. 43: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, a partir de uma proposição. Na imagem, Geíse tira uma selfie usando o celular. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	51
FIG. 44: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, a partir de uma proposição. Na imagem, Ana tira uma selfie usando o celular. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	51
FIG. 45: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, a partir de uma proposição. Na imagem, Thaís tira uma selfie usando o celular. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	51
FIG. 46: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, a partir de uma proposição. Na imagem, Júlia tira uma selfie usando o celular. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	51
FIG. 47: Frame retirado de gravação no momento em que Geíse vira a câmera de vídeo para elas como se estivesse tirando uma selfie com o celular. (Quilombo Mato do Tição, 2018)..	51
FIG. 48: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 1, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	52
FIG. 49: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 1, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	52
FIG. 50: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 1, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	52
FIG. 51: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 2, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	53
FIG. 52: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 2, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	53
FIG. 53: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 2, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	53

FIG. 54: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 3, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	53
FIG. 55: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 3, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	53
FIG. 56: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 3, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	53
FIG. 57: Frame retirado de gravação realizada pelas jovens com Sr. João, a partir da proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	54
FIG. 58: Frame retirado de gravação realizada pelas jovens com Sr. João, a partir da proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	54
FIG. 59: Frame retirado de gravação de Júlia e Geíse com a cadela Lôra. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	54
FIG. 60: Frame retirado de gravação de Júlia e Geíse com a cadela Lôra. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	54
FIG. 61: Sequência de frames retirados de gravação realizada pelas jovens, a partir da proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	55
FIG. 62: Sequência de frames retirados de gravação realizada pelas jovens com Sr. Dante, a partir da proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	55
FIG. 63: Sequência de frames retirados de gravação realizada pelas jovens com Davi, a partir da proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	56
FIG. 64: Sequência de frames retirados de gravação realizada pelas jovens com Rosaura, que ensina a receita do pastel. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	56
FIG. 65: Júlia, Thaís e Ana assistem o material gravado com Rosaura. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	58
FIG. 66: Júlia edita material gravado com Rosaura. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	58
FIG. 67: Print de trecho do vídeo “Cozinhei uma Xima”, postado no canal YouTube de Marcelino Francisco, de Moçambique.	59
FIG. 68: Print de trecho do vídeo “Cozinhei uma Xima”.	59
FIG. 69: Print de conversas no grupo Quilombo Digital	61
FIG. 70: Print de sequência de frames do vídeo da página Quebrando o tabu, retirado de rede social.....	63
FIG. 71: Frame da gravação realizada no caminho para o rio. Giovana aponta a câmera de fotografia para quem está com a câmera, enquanto a câmera a filma. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	64
FIG. 72: Frame da gravação durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	64
FIG. 73: Fotografia de Júlia capturada durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	65
FIG. 74: Fotografia de Júlia, capturada durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	65
FIG. 75: Fotografia de Giovana, capturada durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	65
FIG. 76: Fotografia de Giovana, que registra Raí comendo bolo e Geíse com o violão. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	65
FIG. 77: Fotografias dos momentos de visionagem do material gravado durante a preparação do Judas e saída do Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	69
FIG. 78: Fotografia do momento em que assistimos o material da entrevista com Lindomar e os jovens ficavam rindo das minhas perguntas. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	70

FIG. 79: Fotografia do momento em que os jovens assistem à entrevista com Lindomar. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	70
FIG. 80: Fotografia dos combinados para a gravação da Reza de Santa Cruz. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	72
FIG. 81: Fotografia do cronograma de gravação do mês de junho. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	72
FIG. 82: Frame da gravação de Thaís, no momento em que a avó dela, D. Nilse, começa a preparar a cruz que fica no quintal, com a ajuda de Giovana, sua neta. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	73
FIG. 83: Frame da gravação de Thaís, no momento em que D. Nilse envolve a cruz com o papel crepom cortado. Davi, neto dela, acompanha, ao fundo. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	73
FIG. 84: Frame da gravação de Thaís, no momento em que D. Nilse enfeita a cruz para a Reza de Santa Cruz. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	73
FIG. 85: Frame da gravação de Thaís, no momento em que D. Nilse finaliza o enfeite da cruz.	73
FIG. 86: Sequência de frames retirados da gravação realizada por Ana e Geíse, no momento em que Genário prepara a Cruz do Cruzeiro, lugar onde acontece a reza na parte da noite. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	75
FIG. 87: Frame retirado da gravação com Geíse, no momento em que ela demonstra como usaram a luz e o flash do celular na hora da gravação da reza no alto do morro. (Quilombo Mato do Tição, 2019).....	75
FIG. 88: Frame retirado da gravação com Ana, no momento em que ela descreve as dificuldades que teve durante a gravação da reza. (Quilombo Mato do Tição, 2019).....	77
FIG. 89: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, que demonstram os focos de iluminação presentes na reza que é realizada no alto do morro, aos pés do Cruzeiro. Na figura, as pedras que servem de base para a Cruz, também recebem as velas ofertadas pelas pessoas da comunidade. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	77
FIG. 90: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, que mostra os tambus que são usados no Candombe esquentando na beirada da fogueira. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	77
FIG. 91: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens. Júlia coloca uma vela nas pedras aos pés do Cruzeiro. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	78
FIG. 92: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens. Jovens da comunidade do Matição tocam os tambus durante o Candombe. O enquadramento considera uma luz lateral, que parece ser de um celular, na tentativa de criar uma possibilidade de registro no ambiente com pouca iluminação. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	78
FIG. 93: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, no momento em que registra Sr. Badu, ancião da comunidade, durante o Candombe. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	78
FIG. 94: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, no momento em que registra Dona Bina, anciã da comunidade, durante o Candombe. (Quilombo Mato do Tição, 2018) ..	78
FIG. 95: Frame retirado de gravação realizada por Júlia, que coloca a câmera no tripé para registrá-la junto a avó e a tia, enquanto enfeitam o altar. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	79
FIG. 96: Frame registrado de gravação realizada por Júlia, que mostra o altar enfeitado. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	79
FIG. 97: Frame retirado de gravação realizada por Júlia, no momento da Coroação de Maria. (Quilombo Mato do tição, 2018).....	79

FIG. 98: Frame retirado de gravação realizada por Júlia, que mostra a saída das bandeiras dos Santos de dentro da Capela. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	80
FIG. 99: Frame retirado de gravação realizada por Júlia, que mostra a subida das bandeiras no mastro. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	80
FIG. 100: Frame retirado de gravação realizada por Júlia, que mostra as pessoas da comunidade reunidas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	80
FIG. 101: Frame retirado de gravação realizada por Júlia e Geíse, no momento em que Lei, pai de Júlia puxa o Candombe. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	80
FIG. 102: Frame retirado de gravação realizada por Júlia e Geíse, no momento em que Dona Divina, anciã da comunidade, dança e abençoa os tambores e os tocadores. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	80
FIG. 103: Frame retirado de gravação realizada por Júlia e Ana, durante a procissão do Reinado da Irmandade Nossa Senhora do Rosário. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	82
FIG. 104: Frame retirado de gravação do Reinado da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, mostrando as dançantes do Reinado. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	82
FIG. 105: Frame retirado de gravação, que mostra os tocadores do Reinado. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	82
FIG. 106: Fotografia de Geíse capturada com a câmera de vídeo, que mostra a lateral da casa de Dona Divina e parte da fogueira montada para a festa de São João. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	83
FIG. 107: Fotografia de Geíse capturada com a câmera de vídeo, que mostra a fogueira montada para a festa de São João. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	83
FIG. 108: Fotografias do momento em que Igor opera o programa de edição, enquanto outros jovens acompanham. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	88
FIG. 109: Fotografia de Geíse e Júlia assistindo o material gravado durante o passeio ao rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	89
FIG. 110: Fotografia das jovens editando o vídeo O Pastel de Rosaura. (Quilombo Mato do tição, 2018)	89
FIG. 111: Fotografia da exibição do vídeo Judas e o Bando na comunidade. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	93
FIG. 112: Fotografia do telão, no momento da exibição do filme O Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	93
FIG. 113: Fotografia da exibição do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)..	93
FIG. 114: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	98
FIG. 115: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	98
FIG. 116: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. Na imagem, o dono do cavalo que vai carregar o Judas afaga o bicho. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	98
FIG. 117: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. Na imagem, alguns trazem palha para preencher o boneco do Judas. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	98
FIG. 118: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. Na imagem, Sr. Dante, ancião da comunidade, chega para acompanhar a feitura do Judas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	99
FIG. 119: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. Na imagem, Sr. Dante se senta com a ajuda de Ana, Geíse e Emily. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	99
FIG. 120: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. Na imagem, Dona Divina, anciã da comunidade, acompanha o movimento. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	100
FIG. 121: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. Na imagem, Lindomar conversa com Sr. Dante sobre a feitura do Judas. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	100

FIG. 122: Frame retirado da gravação com Geíse, que observa a cena do vídeo Judas e o Bando, em que Lindomar amarra as bombas no arame. (Quilombo Mato do Tição, 2018) .	100
FIG. 123: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Lindomar amarra as bombas no arame com a ajuda de Vitor (Quilombo Mato do Tição, 2018)	100
FIG. 125: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	102
FIG. 126: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Sr. Dante acompanha o movimento da rua. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	103
FIG. 127: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Sr. Dante toca caixa. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	103
FIG. 128: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Sr. João capina o lugar onde o Judas vai ser queimado. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	103
FIG. 129: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Sr. João canta para a câmera. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	104
FIG. 130: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que os jovens se direcionam para o campo de futebol para trocar de roupa. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	106
FIG. 131: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando no momento em que os mascarados saem do campo de futebol e andam pela estrada. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	106
FIG. 132: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que aproveitamos o carro passando para gravar usando a luz do farol. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	106
FIG. 133: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que os mascarados se aproximam da parte central da comunidade. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	106
FIG. 134: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	107
FIG. 135: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	108
FIG. 136: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Sr. Dante toca caixa no meio dos mascarados. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	111
FIG. 137: Frame retirado da gravação com Geíse, no momento em que ela aponta no vídeo Judas e o Bando, a presença da música eletrônica, em contraste com a música tocada pelo Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	112
FIG. 138: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	112
FIG. 139: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Dona Bina se aproxima do mascarado. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	114
FIG. 140: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que cantam a música Fede pra daná mas é gostoso.. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	114
FIG. 141: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	114
FIG. 142: Frame retirado da gravação com Ana, no momento em que os primos dela também assistem ao vídeo Judas e o Bando e André se mostra mascarado no meio do Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2019)	116
FIG. 143: Frames retirados da gravação com Ana, no momento em que chamam a pesquisadora para mostrar qual mascarado era o André.(Quilombo Mato do Tição, 2019)	116
FIG. 144: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que os mascarados dançam. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	117
FIG. 145: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. André é o mascarado pequeno, de chifre vermelho. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	117
FIG. 146: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	117
FIG. 147: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018).....	117

FIG. 148: Frame retirado da gravação como Júlia, no momento em que ela aponta no vídeo Judas e o Bando o mascarado que mais lhe dava aflição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	118
FIG. 149: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	118
FIG. 150: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	118
FIG. 151: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	119
FIG. 152: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	119
FIG. 153: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	120
FIG. 154: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	120
FIG. 155: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	120
FIG. 156: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	123
FIG. 157: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	124
FIG. 158: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	127
FIG. 159: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	127
FIG. 160: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	128
FIG. 161: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	128
FIG. 162: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	129
FIG. 163: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	130
FIG. 164: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	130
FIG. 165: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	130
FIG. 166: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	131
FIG. 167: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	131
FIG. 168: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	132
FIG. 169: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	132
FIG. 170: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	133
FIG. 171: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	134
FIG. 172: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	134
FIG. 173: Fotografia de Júlia capturada durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	134
FIG. 174: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	135
FIG. 175: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	135
FIG. 176: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	136
FIG. 177: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	136
FIG. 178: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	137
FIG. 179: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	137
FIG. 180: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	138
FIG. 181: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	138
FIG. 182: Fotografia de Giovana capturada durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	139
FIG. 183: Fotografia de Giovana capturada durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	139
FIG. 184: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	139
FIG. 185: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	139
FIG. 186: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	140
FIG. 187: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	140
FIG. 188: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	141
FIG. 189: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	141
FIG. 190: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	141

FIG. 191: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	142
FIG. 192: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	142
FIG. 193: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	142
FIG. 194: Frame retirado da gravação com Ana, no momento em que ela comenta sobre o áudio durante uma cena do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	143
FIG. 195: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	143
FIG. 196: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	143
FIG. 197: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	143
FIG. 198: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	144
FIG. 199: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	144
FIG. 200: Sequência de frames retirados do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	144
FIG. 201: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	146
FIG. 202: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	146
FIG. 203: Sequência de frames retirada do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	147
FIG. 204: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	149
FIG. 205: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	149
FIG. 206: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	150
FIG. 207: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	150
FIG. 208: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	151
FIG. 209: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	151
FIG. 210: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	152
FIG. 211: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)	152

LISTA DE ABREVIATURAS

INRC Inventário de Referências Culturais

IPHAN Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

INCRA Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

OIT Organização Internacional de Trabalho

ONU Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: (EN)CRUZAMENTOS COM A COMUNIDADE QUILOMBOLA MATO DO TIÇÃO	20
1. O QUILOMBO MATO DO TIÇÃO: HISTÓRIA E TRADIÇÃO	26
1.1. Sobre o Quilombo	26
1.2. Jovens do Mato do Tição	30
2. PROCESSO FORMATIVO EM AUDIOVISUAL COM JOVENS NO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO: PRIMEIRA FASE	36
2.1. Desafios na construção da autonomia e do cuidado	36
2.2. O corpo e a câmera	40
2.3. Um passo de cada vez	44
3. PROCESSO FORMATIVO EM AUDIOVISUAL COM JOVENS NO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO: SEGUNDA FASE	67
3.1 Experiências práticas de gravação durante as festas	67
3.2 Montagem dos materiais e exibição na comunidade	85
4. NARRATIVAS DE JOVENS SOBRE OS FILMES PRODUZIDOS NO PROCESSO FORMATIVO EM AUDIOVISUAL	97
4.1. Judas e o Bando: registrando a tradição.....	98
4.2. Passeio no rio: cruzamentos afetivos com o território	123
4.3. Vô João e as galinhas: aprendendo com os mais velhos.....	147
5. REPENSANDO CAMINHOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO AUDIOVISUAL COM JOVENS NO MATO DO TIÇÃO	153
5.1. Percurso com a comunicação comunitária.....	153
5.2. A experiência no Quilombo Mato do Tição	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
BIBLIOGRAFIA	170
ANEXOS	173



FIG. 1: Fotomontagem com fotografias de Giovana, Ana Flávia, Emily e Adriely (Quilombo Mato do Tição, 2018)

INTRODUÇÃO: (EN)CRUZAMENTOS COM A COMUNIDADE QUILOMBOLA MATO DO TIÇÃO

“Abre o caminho, o sentinela está na porta
Abre o caminho pro mensageiro passar
Pro mensageiro passar
Pro mensageiro passar”
Padê – Kiko Dinucci e Juçara Marçal

Abro este texto saudando o senhor dos caminhos, mensageiro que faz o elo entre os visíveis e os invisíveis, num constante leva e traz. Elemento dinâmico como princípio vital, que intercede para desenvolver, mobilizar, crescer, transformar, comunicar. Companheiro de viagem em mais de três mil quilômetros percorridos, entre a cidade de Belo Horizonte e Jaboticatubas, ao longo do ano de 2018 e 2019.

A estrada começa margeando os bairros Aarão Reis, Ribeiro de Abreu, segue em frente ao Quilombo de Mangueiras, desdobra em Santa Luzia, cruza a linha do trem, passa pela ponte sobre o rio das Velhas e por fim adentra no caminho que corta o cerrado. Passa pelo Mosteiro de Macaúbas, em seguida por Pinhões, Taguaraçu de Baixo, até chegar em Jaboticatubas. Depois de cruzar pela Igreja Matriz e descer contornando a praça em direção ao distrito de São João de Almeida, na altura do Bairro Santo Antônio, avisto a estrada de terra, último trecho em direção ao quilombo Mato do Tição (OLIVEIRA, 2013).

As idas e vindas tiveram início no verão, passando pelo período de chuvas, tempestades e alagamentos no percurso da estrada, seguidas pela brisa fria do outono e pela seca dos dias de inverno, com sol intenso e céu azul.

Procurei criar uma espécie de ritual que se repetiu semanalmente, ao longo de cerca de seis meses; ida com o sol, volta com a lua. No trajeto que fazia todo sábado pela manhã, observava as pessoas realizando as primeiras atividades do fim de semana: umas iam às compras, outras trabalhavam na construção de casas, mexendo o cimento e enchendo carrinhos de mão, enquanto outros levantavam paredes ou lavavam carros. Via crianças voltando com o pão da padaria nas mãos, outros a caminho da igreja, cachorros ainda preguiçosos se esquentando no sol. Caminhões vendendo sacos de laranja, mexerica, abacaxi e mais à frente, a tradicional Kombi de caldo de cana no meio da estrada. Ritual que a cada semana propiciava um afastamento progressivo do meio urbano, mudando o estado de contemplação do concreto à paisagem exuberante, ao mesmo tempo em que exigia estado constante de atenção para encarar as curvas sinuosas do trajeto.

No ritual ida, pude observar os rios em período de estiagem, a paisagem em tom ferrugem e fosco, para depois ver explodir o verde das árvores e me deparar com o mato que margeia a estrada durante o período de chuva envolvendo todo o espaço. Até que em outro dia cruzar com trabalhadores e suas foices abrindo passagem. Levava sempre uma caixa de som improvisada, com um *pendrive* repleto de músicas variadas para me distrair dos pensamentos, mas que em muitos momentos me levaram a divagar.

No ritual volta, cruzava com alguns andarilhos e homens montados a cavalo, passando por botecos de beira de estrada, carros, caminhões e motos que interferem cotidianamente nos lugares de passagem dos animais silvestres que vivem nas matas ao redor.

Escolhi começar por essa história, pois ela constitui parte importante do percurso de uma relação. Os caminhos compõem um ritual de cruzamentos constantes com a comunidade Quilombola Mato do Tição.



FIG. 2: Fotomontagem com fotografias de Giovana (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Meu primeiro contato foi em 2010, após a comunidade quilombola, já certificada pela Fundação Cultural Palmares, ser selecionada em editais voltados para a área cultural. Uma das propostas começou a ser viabilizada em 2009, pelo Programa Mais Cultura – Pontos de Cultura, do Governo Federal em parceria com o Governo Estadual. A proposta tinha como objetivo fortalecer e divulgar a cultura negra por meio de oficinas. Nesse momento, minha relação com o Quilombo Mato do Tição se deu a partir da coordenação de um processo formativo realizado junto a dois jovens educadores, que se desenvolveu no sentido de que as crianças quilombolas pudessem fazer uso da linguagem audiovisual e fotográfica para registrar o cotidiano, as brincadeiras, as histórias contadas pelos mais velhos e o Candombe¹.

Desde então não parei de frequentar a comunidade, onde segui tecendo laços e experimentando momentos de afetos e aprendizados, principalmente com as crianças, com os mais velhos, e também com as mulheres. O restante das pessoas da comunidade sempre me

¹ Candombe é um ritual de louvação, com toques de três tambus: Requinta, Chama e Santana, onde os candombeiros entoam cantos em várias vozes, que são puxados por um de cada vez e em verso, enquanto dança no meio da roda e de frente para os tambus. É momento de dar vivas e louvar os antepassados, os candombeiros que já se foram, os santos e Nossa Senhora do Rosário.

acolheu muito bem e prossegui mantendo contato também com os jovens que eu conheci ainda crianças, nos momentos de encontro e prosa durante as festas. Continuei indo ao quilombo para passar o dia e conversar com as pessoas, brincar e levar as crianças para nadar no lajeado, ouvir histórias e rezar.

A comunidade atualmente conta com uma multiplicidade de crenças e religiões, mas tem a religião católica como oficial, trazendo consigo tradições, promessas, cantos e rezas que foram transmitidos pelos antigos. Ao mesmo tempo, a espiritualidade vivenciada pelos atuais anciãos sempre passou também por Dona Divina, filha descendente direta de Benjamim de Siqueira, considerado fundador da comunidade, grande conhecedor de plantas e curas, e foi ela quem assumiu a responsabilidade pela parte espiritual da comunidade mais ligada à Umbanda. Médium de berço, começou a benzer desde pequena e após fazer o santo e ser batizada na Umbanda, passou a fazer o trabalho de benzeção com os guias. (OLIVEIRA, 2013) As rezas, os cantos, os santos e os rituais católicos do Mato do Tição também confluem com os tambores do Candombe, tradição herdada dos antigos, que sempre é entoado para dar vivas e louvar os antepassados, os candombeiros que já se foram, os santos e Nossa Senhora do Rosário.

A questão da religiosidade entrecruza minha relação com essa comunidade, considerando que sou praticante de religião de matriz africana. Com o tempo fui percebendo os diversos vínculos que as pessoas do Mato do Tição têm com a espiritualidade, e a partir da convivência e também por causa disso, sempre tentei acolher as conversas e dúvidas de qualquer um dos jovens ou crianças, como também permaneci receptiva ao ouvir dicas das mulheres sobre restrições de conversas sobre o invisível com algumas pessoas da comunidade que têm outra crença. Dessa forma, ao observar e escutar, fui identificando as diferenças entre as pessoas, reconhecendo e aceitando o grau de envolvimento e espontaneidade que era possível ter com cada uma. Também foi importante me inteirar sobre os movimentos que já haviam sido feitos por pessoas “de fora”, envolvidas com trabalhos espirituais dentro do quilombo e observar quem da comunidade participava e quem, ao mesmo tempo, tinha medo ou não interagiu.

Minha convivência com a comunidade do Mato do Tição se intensificou, por causa das gravações de um documentário² do qual integrei a equipe de filmagem, que compôs o Inventário de Referências Culturais (INRC) e foi registrado entre os anos de 2014 e 2017. O registro de bens culturais em seis quilombos da Serra do Cipó, entre eles - Ascaxar, Açude,

² Quilombos da Serra do Cipó, Minas Gerais; Documentário, 76 min, 2014-2017. Inventário Nacional de Referências Culturais – IPHAN. Realização: Campo.

Mato do Tição, Três Barras, Buraco e Cubas - foi a chance de voltar a conviver com a comunidade do Mato do Tição e registrar diversas manifestações culturais e religiosas que compuseram o documentário. Essa oportunidade abriu outra brecha para que meu caminho se cruzasse novamente com as pessoas do lugar, reacendendo o desejo de trabalhar com os jovens e, ao mesmo tempo, elaborar uma pesquisa a ser desenvolvida com eles.

Durante as comemorações da Festa de São João, em junho de 2017, acendi uma vela, encostei o topo de minha cabeça no mastro que suspendia a bandeira de São João Batista e fiz uma firmeza: gostaria muito de trabalhar com a comunidade e com os jovens e naquele gesto deixava a cargo da espiritualidade a abertura dos caminhos para que isso pudesse se concretizar, se assim tivesse que ser. Nesse mesmo momento eu planejava escrever um projeto para ingressar no Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da UFMG e desejava que fosse possível desenvolver minha pesquisa de mestrado com aquelas pessoas. Naquele instante, intimamente eu apostava que poderia ter chances de ser aprovada no mestrado e que um processo de produção audiovisual junto a essa comunidade poderia gerar justamente esta dissertação que apresento.

No final do ano de 2017, junto à confirmação do meu ingresso no Mestrado, a Associação do Mato do Tição aprovou um projeto no Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais, para a realização de uma oficina de audiovisual com os jovens do quilombo, dentro do projeto *Formação de lideranças e agentes culturais no Quilombo Mato do Tição – Registro Audiovisual como instrumento de memória*. A oportunidade de ministrar a oficina como educadora, a convite da associação, veio contribuir para a viabilidade da pesquisa que aqui apresento, na medida em que partiu do interesse dos jovens da comunidade pela produção de imagens, proporcionou-me idas frequentes ao quilombo durante vários meses e abriu caminhos em direção à compreensão e domínio do processo de produção audiovisual por parte deles. A intenção da formação era contribuir para o vislumbre da expressividade do uso da linguagem, fazendo surgir novas maneiras de ver, ouvir e, simultaneamente, se fazer representar.

Os encontros aconteceram todos os sábados na comunidade, ao longo de seis meses e se iniciaram em fevereiro de 2018. As jovens participantes do processo formativo produziram uma série de imagens que foram disparadas por exercícios que focavam tanto na relação com os equipamentos e nas questões da linguagem audiovisual, quanto na busca por interações com os saberes dos mais velhos e com o território, envolvendo processos de registro de todas as festas que aconteceram durante o período e também registros cotidianos junto às pessoas da comunidade.

A partir das imagens filmadas, montamos filmes que se basearam em decisões coletivas sobre como organizar, produzir sentido e dar visibilidade ao material que foi gravado. Posterior ao processo de formação em filmagem, visando operação de câmera e captação de som direto, executado de fevereiro a julho de 2018, o processo de montagem dos materiais aconteceu de agosto a outubro de 2018. Os vídeos deram origem a um DVD contendo cinco produções e foram exibidos na comunidade durante a comemoração do dia da Consciência Negra, em novembro de 2018. A distribuição dos DVDs ficou sob os cuidados das jovens realizadoras e da Associação Quilombola Mato do Tição.

Em março de 2019, retornei à comunidade para conversar com as quatro jovens realizadoras, participantes do processo formativo, Júlia Eduarda, de 15 anos; Geíse, de 16 anos; Thaís Emanuele, de 17 anos; e Ana Cristina, de 18 anos. Em encontros gravados individualmente e no local de escolha das jovens, foram exibidos três filmes contidos no DVD, para que elas pudessem recordar e comentar livremente sobre o processo de formação, produção audiovisual e o resultado dos filmes.

Inicialmente, pensei que a pesquisa seria em torno das produções audiovisuais geradas pelas jovens do quilombo Mato do Tição durante o processo formativo em audiovisual, a partir de uma análise sobre os filmes. No caminho, percebi que o processo vivenciado por mim, como arte educadora, e pelas jovens, como realizadoras, poderia revelar diversas relações que foram criadas - entre nós, a comunidade, as tradições, os mais velhos e o território.

Afinal, com o andamento do trabalho, minha principal questão de pesquisa se tornou: identificar as formas singulares como cada uma das jovens do quilombo do Matição elabora o processo de aprendizado audiovisual e os filmes que realizaram. Dessa forma, optei por valorizar as falas das jovens ao longo de todo o texto, buscando revelar o que está inscrito diretamente no título da dissertação e criar com as vozes que surgiram, uma análise do processo. A tentativa é contribuir, para além da análise dos filmes, com detalhes, imagens e reflexões das jovens sobre o próprio processo de formação.

No Capítulo 1 apresento a Comunidade Quilombola Mato do Tição, a partir de relatos, buscando um arranjo de narrativas que entrelaçam a minha perspectiva com as das jovens, pontuadas por falas e informações presentes na dissertação de mestrado *Quando reza a fé no Quilombo Matição, família, festas, males e curas fazem comunidade*³ (OLIVEIRA,

³ OLIVEIRA, de Fernanda. *Quando reza a fé no Quilombo Matição, família, festas, males e curas fazem comunidade*. Belo Horizonte, 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

2013)⁴, como forma de evidenciar a pluralidade de vozes que recontam as histórias da comunidade. Nas transcrições das entrevistas, procurei manter as expressões principais das falas das jovens, que traduzem a mistura do português quilombola do Mato do Tição com o português convencional.

No Capítulo 2 e 3 descrevo detalhadamente as etapas do processo formativo e da produção dos filmes, optando por utilizar, junto às vozes das jovens, fotografias e informações que foram registradas no meu diário de campo, assim como frames retirados das gravações realizadas separadamente com cada uma das jovens, no intuito de dar visibilidade para as experiências vivenciadas no processo coletivo de aprendizagem e para o gestual que as jovens utilizaram para descrever as práticas.

No Capítulo 4 procurei conjugar as quatro narrativas das jovens, enunciadas em momentos distintos durante as gravações, baseando a construção do texto na sequência de frames que foram retirados de cada filme que foi exibido, no intuito de criar um fio condutor para os comentários, sublinhar áudios presentes nos filmes e apontar observações que ultrapassam o conteúdo desses.

No Capítulo 5 apresento minha trajetória com formação audiovisual, no sentido de compartilhar alguns caminhos que foram trilhados anteriormente e pensamentos que surgiram a partir da experiência de formação audiovisual com as jovens do quilombo Mato do Tição.

⁴ Conheci a antropóloga Fernanda de Oliveira antes da realização da pesquisa de mestrado citada nessa dissertação. Além da nossa proximidade com a comunidade do quilombo Mato do Tição, compartilhamos a amizade, a espiritualidade e trabalhos importantes dentro da minha trajetória profissional, como os documentários realizados nos quilombos da Serra do Cipó e nos quilombos de BH.

1. O QUILOMBO MATO DO TIÇÃO: HISTÓRIA E TRADIÇÃO

1.1. Sobre o Quilombo

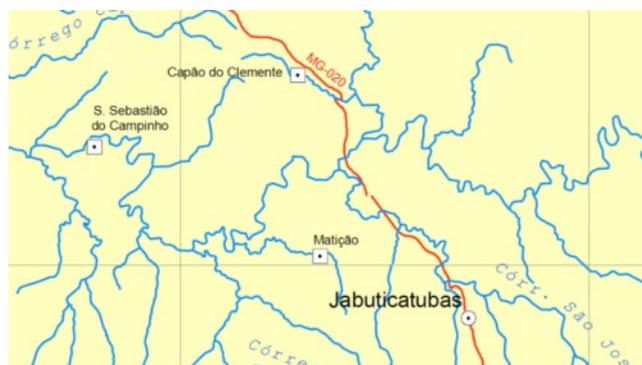


FIG. 3: Print do mapa com a localização de Jaboticatubas e do quilombo Mato do Tição

O Quilombo Mato do Tição é situado em uma área rural a quatro quilômetros da sede do município de Jaboticatubas - MG. A cidade de *Jabó*, como é mais conhecida, distancia-se cerca de 70 quilômetros de Belo Horizonte, fazendo parte da região metropolitana dessa capital. Jaboticatubas é um município que abrange cerca de 80% da área total do Parque Nacional da Serra do Cipó, região de reconhecida relevância socioambiental, paisagística, cultural e turística. *Matição*, como é mais conhecido, é uma das Comunidades Tradicionais que resistem na Serra do Cipó⁵, sendo que o mapeamento realizado pelo IPHAN inclui mais de seis comunidades quilombolas somente nessa região (OLIVEIRA, 2013).

A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais⁶ afirma que estes são:

“grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2003).

As jovens que participaram da pesquisa eram bem pequenas ou nem haviam nascido, quando a comunidade do Matição se organizou como Associação Quilombola Mato do Tição, no ano de 2004. Naquele mesmo ano foi aberto um processo para regularização fundiária e retomada de seu território original, mas o INCRA/MG não deu início ao processo mesmo

⁵ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaboticatubas> e <http://www.jabonews.com.br/2017/03/20/a-importancia-da-comunidade-quilombola-mato-do-ticao>, acessados em 29 de novembro de 2019.

⁶ Decreto no. 4.887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos: In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm
Decreto no. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007: In: <http://bibspi.planejamento.gov.br/handle/iditem/578>, acessado em 29 de novembro de 2019.

depois da formalização da autodeterminação como *Comunidade remanescente de Quilombo*, certificado concedido pela Fundação Cultural Palmares, em 2006.

O autoreconhecimento não é apenas um ato burocrático e envolve a participação política e articulação local e nacional com outras Comunidades Quilombolas. O critério fundamental para dizer se uma comunidade é ou não protegida pela lei⁷ é a consciência de sua identidade entre os membros que a formam. Isso quer dizer que são os próprios indivíduos da comunidade que podem dizer se são ou não quilombolas, se são ou não povos tradicionais. Ficam resguardados, portanto, à sua autorepresentação e autodeterminação⁸. (COSTA FILHO, 2011)

A formalização como Associação Quilombola do Mato do Tição teve como intuito a preservação e divulgação da cultura negra, a inserção das famílias em programas e políticas públicas, a luta pelo direito à terra, a promoção da causa quilombola e a geração de renda⁹. Segundo a classificação feita por Sabrina Helen dos Santos, atual tesoureira da Associação Quilombola do Mato do Tição e mãe de Júlia, conta-se atualmente na comunidade por volta de 29 residências habitadas por mais de 35 famílias, com cerca de 180 moradores. O território que hoje é ocupado pelo quilombo consiste em uma pequena parte das terras que ocupavam os ancestrais daqueles que atualmente são os anciãos da comunidade.

Dona Nilse de Siqueira, descendente direta de Benjamin de Siqueira e Josefa Basílio dos Santos, considerados os fundadores da comunidade, conta que Matição é um *lugar*, uma *família* e uma *comunidade*. Família e comunidade começaram mais tarde, no lugar onde já havia a povoação pelos antepassados, negros e índios, radicados nas terras em que se firmou esse território: “esse Matição todo... que antigamente era Tança, Pedro Basílio, Rita, os escravos... Eles ganharam alforria e ficaram aqui. São esses os libertos. Foi por conta deles que libertaram isso tudo.” (OLIVEIRA, 2013)

Os mais velhos contam que seus antepassados foram emprestados ou trocados por animais, de uma fazenda para outra na região da Serra do Cipó, para fazerem o trabalho pesado, até serem alforriados de forma totalmente desprovida de recursos e de terras. As dificuldades foram muitas.

⁷ In: <http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf>, acessado em 10 de setembro de 2019.

⁸ A Convenção 169 sobre Povos Indígenas e Tribais, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU), foi adotada em Genebra, em 27 de junho de 1989, e entrou em vigor internacional em 5 de setembro de 1991. No Brasil, o cumprimento dessa Convenção foi determinado pelo Decreto Presidencial n.º 5.051, de 19 de abril de 2004.

⁹ In: http://www.emater.mg.gov.br/portal.cgi?flagweb=site_tpl_paginas_internas&id=18705#.WXCzhIjyvIW, acessado em 29 de novembro de 2019.

Dona Nilse tem muitas recordações de sua Tia Tança e dos seus pais e lamenta as provações que os antepassados passaram:

A vida foi muito triste! Hoje não é mais porque a gente melhorou muito e as coisas hoje tem valor. Ninguém é capaz hoje de a gente trabalhar mais sem valor. Antigamente nada valia nada. Trabalhava até morrer e não alcançava nada...Cruzes! Por isso eu agradeço a Deus! Ajuda que eu tenho é Deus! Deus deu a força pra eu trabalhar. (OLIVEIRA, 2013)

Júlia, neta de Dona Nilse, conta o que sabe sobre a história do Mato do Tição:

Não sei se é verdade, não. O que o povo conta é que antigamente...quer dizer, não me contaram não, eu já ouvi falar...que tinha muito mato e acho que eles saía e usava bastante aqueles tição. Aí dizem que um caiu e pegou fogo e aí pegou o nome de Matição...eu num sei se isso é verdade, mas eu já ouvi falar. Eu sei de uma vó minha, bisavó...os povo fala que ela era escrava. E que veio pra cá com esses povo lá da África. Dessas coisas eu nunca fui muito curiosa, sabe? Pra sair perguntando. O que eu queria saber eu perguntava, o que eu não queria eu tirava minhas próprias conclusões, mas nunca saí perguntando. Nós somos quilombolas porque a gente mora no Quilombo e somos descendentes de quilombolas. Pelo que eu sei que eram os escravos que se refugiaram pra cá...pros lugares...então pra mim é isso, como a gente é descendente de escravos e mora no Quilombo, pra mim é isso. (Júlia, 2019)¹⁰

A partir da união entre Benjamin de Siqueira e Josefa Basílio dos Santos foi que Matição se identificou como família, com base no cuidado com os filhos e parentes, a legitimação e transmissão de sobrenome e o casamento formal, pois antes, a integração entre os negros e indígenas na região se dava de outras formas; em tempo das *tribas* e *colunas*, como dizem os anciãos, todos dormiam e comiam juntos em ocas no meio do mato. O casal criou doze filhos, sendo dois do primeiro casamento de Benjamim, construiu casas, lavouras de cana, café, milho e feijão, fundou festas e rezas que até hoje são cumpridas e (re)afirmam a fé deixada pelos antepassados. (OLIVEIRA, 2013)

¹⁰ Daqui em diante, todas as vezes que houver citação dos nomes das jovens participantes da pesquisa, trata-se de referência à entrevista concedida à pesquisadora. Quilombo Mato do Tição, em março de 2019.



FIG. 4: Josefa Basílio dos Santos e Benjamin de Siqueira



FIG. 5: Casa Velha (Quilombo Mato do Tição, 2019)¹¹

Até cerca de cinquenta anos atrás, a maioria dos moradores de Matição era de trabalhadores rurais que não trabalhavam nas próprias terras, mas nas grandes fazendas da região, sendo que a maioria delas é remanescente do período da escravidão, quando seus ancestrais foram escravizados. As terras originais foram se reduzindo ao serem espoliadas e vendidas ao longo dos tempos. O restante do território do Quilombo foi dividido e partilhado entre os filhos de Benjamin na década de 1980, quando conseguiram a regularização fundiária da área habitada pelos herdeiros. Com o crescimento das famílias, o território, que já se encontrava dividido, ficou pequeno, obrigando os mais jovens que se casam a morarem em outros locais. (OLIVEIRA, 2013).



FIG. 6: Capela (Quilombo Mato do Tição, 2019)



FIG. 7: Casa Dona Nilse (Quilombo Mato do Tição, 2019)

Atualmente quase todas as crianças e mulheres jovens estudam, em contraste com as gerações anteriores. Entre os homens existem exceções, pois alguns já se dedicam ao trabalho

¹¹ As fotografias que não estão creditadas são de autoria da pesquisadora.

e às vezes constituem família sendo bem jovens. A comunidade conta com o transporte escolar para Jaboticatubas, em dois períodos do dia, serviço que é oferecido há mais de quinze anos. Os jovens do Matição interagem cada vez mais com pessoas das cidades do entorno e da capital Belo Horizonte, pois além do quilombo ser bastante frequentado por pessoas “de fora”, é em *Jabó, na rua*, onde fazem a compra de mantimentos e utensílios; onde acessam atendimento médico; serviços de transporte para Santa Luzia, Lagoa Santa, Belo Horizonte; agência bancária; correio; *lan house*; salões de beleza; e as escolas. (OLIVEIRA, 2013).

1.2. Jovens do Mato do Tição

A juventude do quilombo Mato do Tição é bastante diversa e por isso resolvi focar, para interesse desta pesquisa, nas narrativas e na atuação de quatro jovens, entre 15 e 18 anos, que participaram de todo o processo de formação em audiovisual, sem desconsiderar a importância da participação, mesmo que fragmentada e pontual, dos demais jovens que passaram pela oficina e a complexidade que envolve ser jovem nessa comunidade.



FIG. 8: Frames de Júlia, Geíse, Thaís e Ana, retirados das gravações realizadas no momento em que assistiam o material produzido por elas. (Quilombo Mato do Tição, 2019)

Júlia mora com seu irmão mais novo, mãe e pai em uma casa na área central do Quilombo. O pai de Júlia possui um bar, chamado “Bar do Lei”, que é referência para todos do quilombo e para o pessoal “de fora”. É prima de Thaís, que mora com a mãe em uma casa

no mesmo terreno, perto da casa de Dona Nilse e Sr. João, avós dela e de Júlia. A prima Geíse, mora com a mãe e três irmãos em uma casa que fica a cerca de 2 km da sede do Quilombo. Tem outra irmã, Nilsélia, que é casada e mora perto da casa dela com o marido e os dois sobrinhos.



FIG. 9: Casa de Júlia (Quilombo Mato do Tição, 2019)



FIG. 10: Casa de Geíse (Quilombo Mato do Tição, 2019)



FIG. 11: Fotografia de Ana tirada da sua casa com celular e enviada pelo *WhatsApp*



FIG. 12: Casa de Thaís (Quilombo Mato do Tição, 2019)

Ana, que nasceu em Santa Luzia, região metropolitana de BH, foi morar próximo ao Quilombo aos 16 anos, depois que os tios dela, que têm algum grau de parentesco com o pessoal do Mato do Tição, decidiram se mudar para uma casa que fica a cerca de 1km da sede do quilombo, em busca da tranquilidade da roça. Antes da mudança definitiva, ela e a família frequentavam o rio que passa pela região e a comunidade durante os fins de semana. Ana passou a conhecer melhor as jovens do Quilombo por causa das idas à escola no mesmo ônibus e quando o processo formativo em audiovisual começou, a irmã de Geíse a convidou para que fizesse parte do grupo, criando assim, oportunidades de intercâmbio com a comunidade e com as festas que ali acontecem.

Todas as jovens acordam entre 5h e 6h da manhã, para poderem ir para a escola que fica em Jaboticatubas, no ônibus que vai duas vezes por dia até a comunidade. Júlia frequenta

o 9º ano do ensino fundamental, na Escola Estadual Cardeal Arco Verde, Geíse estuda no primeiro ano do ensino médio da Escola Estadual Leônidas Marques Afonso e Ana cursa o último ano do ensino médio na mesma escola. Thais também se forma no mesmo ano que Ana, na Escola Estadual Cardeal Arco Verde e no meio do processo formativo em audiovisual começou a frequentar aulas em Belo Horizonte para se formar como técnica em enfermagem. Além do estudo, as jovens são responsáveis por várias tarefas domésticas, entre elas arrumar a casa e o banheiro, lavar roupas e fazer dever de casa com o irmão mais novo.

Os celulares, *laptops* e a navegação na rede estão mais acessíveis, pois a comunidade instalou um ponto de internet, localizado na parte central do quilombo onde fica a Capela e a sala onde aconteceu o processo formativo em audiovisual. As identidades da geração mais jovem vão se formando através de parâmetros distintos dos seus antepassados, ao mesmo tempo em que os espaços cotidianos e as tradições fortalecem os vínculos e as relações que mantêm a comunidade.

A comunidade realiza celebrações, rezas, festas e atividades o ano todo. Os jovens participam do preparo da decoração dos altares, cruzeiros, Cruzeiro, das atividades da cozinha, participam dos grupos de quadrilha, Reinado, do Bando, Folia de Reis, Coroação de Maria, tocando no Candombe ou interagindo entre eles mesmos e com os outros. A parte da reza e das ladainhas, reservada aos mais velhos, agrupa no mesmo ambiente os jovens, que com o tempo, passam a assumir outros lugares e responsabilidades.

Júlia conta que desde pequena colabora em todas as festas da comunidade, principalmente as que acontecem no mês de maio. Ela, que já atuou em vários papéis na coroação de Maria, também participa rezando e cantando:

Lá no Cruzeiro eu participava só rezando mesmo. Cantar? Eu não entendo o que esses povo canta !? No São João, eu participo da quadrilha e rezo. Teve uma música lá que só Tia Divina cantava, ninguém sabia, aí chamaram nós pra ajudar a cantar, eu participo de tudo. Esses trem de festa tudo que minha tia precisa, ela chama eu, porque eu gosto de mexer com essas coisas. Na Folia, Vovó toda vez me chama pra ajudar no presépio, mês de maio enfeito tudo, todo mundo acorda cedo pra ficar enfeitando aqui. (Júlia, 2019)

Thaís, que também é neta de Dona Nilse, comenta como elas já crescem aprendendo sobre as tradições:

A gente já cresce aprendendo, desde novinha já colocam a gente na cultura. Novinha já coloca a gente na coroação, já cresce dentro da igreja. Na festa de maio, nas rezas, nas cantorias das rezas, já começa a aprender desde novinha. Aprendi a cantar com Tia Divina, com Mamãe, Vovó. Vovó num canta, mas ela sabe as músicas todas. Ela não cantava, mas passava as músicas. As partes que tava errado, ela sabia que a pessoa escreveu errado, a gente mudava pro certo de cantar. Aí a gente aprendia certinho as músicas. Mamãe começou a cantar também na reza, eu aprendi rezar foi com ela também. Porque Vovó sempre criou eles dentro da Igreja, aí foi passando de geração pra geração, foi criando os filhos deles tudo dentro da igreja. Os tios foram

passando sobre o Candombe, Tio Lei ensinou nós a tocar, Tio Vando pôs nós no Reinado, no Batuque. Aí fez o Coral, ensinou a gente a cantar. E tudo é relacionado à religião daqui. É fé. Desde novinha que a gente já cresce sabendo que a fé é uma coisa que te mantém. Fé é tudo na vida da gente, a gente já cresceu sabendo disso. É um conhecimento que num vai acabar, já tem muitos anos que eles contam pra gente a história. A gente vai levar isso pra vida. É bom saber porque a gente mora aqui e a gente sabe. Tem gente que mora aqui e não sabe nada e pessoa daqui mesmo critica as coisas. (Thaís, 2019)

Os adultos e jovens da comunidade têm uma relação forte com a música, que vem herdada dos antepassados. Grande parte toca algum instrumento, canta no Candombe ou na hora das rezas, na saída do Bando, na Folia, no Reinado, em procissões e apresentações. A comunidade tem uma história que fundamenta a origem dos tambores que são usados no Candombe. Júlia reconta a história que foi contada pelos mais velhos e que está sendo levada adiante pelos adultos:

Eu sei que era o barão, que ele não gostava do som dos tambores. Meu tio sempre conta essa história, é sempre ele que conta, Tio Neco. Aí ele falou que o barão ficou incomodado, pegou os tambu e tacou no fogo. Aí a fumaça ficou incomodando ele. Tem muito tempo que eu não escuto essa história. Eu acho que ele devolveu os tambores pros negros e eles começaram a fazer festa e aconteceu alguma coisa com esse barão por causa da fumaça. Aí depois surgiu o Candombe, mas eu sei que ele pôs fogo nos tambu e a fumaça começou a ficar incomodando ele, correndo atrás dele. (Júlia, 2019)

As histórias e músicas fazem parte da vida das jovens, que também têm seus gostos e preferências pessoais. Ao refletir sobre as músicas tradicionais e outras referências mais contemporâneas, Júlia conta que durante um Carnaval ela percebeu um grupo tocando funk e fazendo batalha de *rap* de um lado e, simultaneamente, outro grupo tocava as músicas de costume. Ela conta que percebeu a “velha” e a “nova” geração e respeita o que cada um quer ouvir, desde que “não deixe a cultura herdada pelos mais velhos pra trás”. Com relação à música, Júlia gosta de reggae brasileiro, principalmente de uma banda chamada *Planta e Raiz*¹², que traz “a visão pra mim que tem o reggae. O povo fala que é maconha, mas pra mim, eu vejo com outra visão. Eu fico prestando atenção, tem uma música que fala que o mundo tá desse jeito e é sempre os mesmos que estão no comando. E o Brasil tá...”, e de pagode, que segundo ela “pagode aqui o sangue é forte, né? A gente gosta muito de pagode.”

Geíse fala que gosta de música em geral, que gosta de tudo, que não tem ritmo específico que ela não goste, mas logo muda de ideia e conta que não gosta de rock “nem se pagar na face da terra, não gosto de rock, pop rock também não gosto.” Já do rap, ela gosta de vários artistas, música popular brasileira e música internacional, “eu amo muito”, sertanejo, funk, “tirando as putaria, os de leve, gosto de tudo”.

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=BjDvixHGNDg> (Planta e Raiz – Que brota da terra)

Júlia e Geíse falam que a vida delas é movida a música. Apesar de estudarem em escolas distintas, ambas relatam que cantam dentro da escola, no ônibus, em casa, “vivo cantando, não páro de cantar, não”. Ana já gosta de pop rock, rock clássico, trap, hip hop, MPB, reggae, não abrindo mão do sertanejo e do funk, apesar de “não ser muito fã”. Ana passou a gostar de forró por causa da convivência com as outras jovens e também porque todas gostam de dançar, começou a ouvir mais funk, sertanejo e pagode.

As jovens do Maticão sentem orgulho por serem da comunidade, mesmo que em várias situações sejam convocadas a defender a cultura e os saberes existentes ali:

Quando a gente era mais novo, a gente não ligava muito pra esses trem de cultura, de conhecimento, não queria saber nada. Eu ia nas coisas e eu não entendia, mas eu ia. Quando a gente vai ficando mais velha e aí a gente vai vendo as pessoas criticando o lugar, criticando as culturas sem conhecer, aí a gente já defende, porque a gente mora aqui, é o lugar que a gente vive. Eu vivo aqui desde os seis meses de idade, bem pequenininha. A gente vive aqui, conhece tudo, sabe tudo e aí a pessoa vem criticar sem conhecer? É ruim, a gente se sente mal também, né? E quando a gente fica mais velho a gente já tem o lado de se defender, a gente já sabe o quê falar, porque a gente já tem o conhecimento dos mais velhos que já fazem a gente crescer na cultura certa. Tipo assim: “É isso, é assim que acontece, não tem nada disso de errado, não sei o quê”, é coisa da comunidade, é coisa nossa, porque nós somos negros, descendente de negros, é nosso sangue. (Thaís, 2019)

Eu gosto, eu tenho bastante orgulho disso. Só que sair pra fora pra levar isso, cê tem que ter o psicológico bem forte, porque é cada coisa que cê escuta, que sei lá. A gente tava chegando a falar um pouco do que as pessoas pensam. Cê chega na escola e foi semana passada isso. Nós tava falando de religião, em Geografia. Eles falaram e aí chegou até o Candomblé. Aí minha colega foi e falou que os povo fica falando porque eu moro no Maticão eu sou macumbeira. E aqui até hoje eu nunca vi nenhum terreiro de macumba. Meu professor chegou tem uns 3 meses, ele veio do Paraná e falou assim: “Ah, mas as pessoas falam que lá tem sim”. Mas aí eu falei: “Você já foi lá pra saber?” Ele tentou se explicar, mas não me convenceu. Aí os meninos começou a fazer chacota, falando de macumba e isso incomoda bastante. As pessoas têm que buscar ver o que tem nesses lugares, como que é, pra depois sair falando. Se eu for ou não, a escolha é minha, não é dos outros não. (Júlia, 2019)

Geíse conta que a professora de português elogia muito a cultura do Maticão, “quando faz feira de cultura, negócio de escravidão, ela já vai ni mim e fala: *Geíse sabe como é isso, como é aquilo*. Aí eu vou lá e explico pra ela, que arreganha os dentes até na orelha assim pra falar da cultura do Maticão.”

Considerando toda a riqueza que essa comunidade possui, o processo formativo em audiovisual buscou favorecer a convivência e aprendizado dos jovens, que produziram imagens e sons que revelam alguns interesses dessa geração, nesse território autointitulado como quilombo. O fato do quilombo Mato do Tição já ter sido bastante frequentado e procurado por pesquisadores, educadores e estudantes, mas ainda não ter sido mostrado pela perspectiva da geração mais jovem, me instigou profundamente. O desafio é tornar visíveis no texto, as relações construídas entre nós, a comunidade, o território e os saberes, por meio do

entrecruzamento das narrativas das jovens, produzidas a partir do processo formativo. A possibilidade de registrarem momentos do cotidiano, as festas promovidas pela comunidade, criar situações de conversa com os mais velhos e depois ter em mãos um vasto material onde elas se viram, se escutaram e se reconheceram, provocou deslocamentos, sensações e reflexões em cada uma de nós.

2. PROCESSO FORMATIVO EM AUDIOVISUAL COM JOVENS NO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO: PRIMEIRA FASE

O objetivo desse capítulo é expor detalhadamente as etapas do processo de formação em audiovisual com as jovens. Na primeira parte procurei situar o contexto da oficina de audiovisual no território da comunidade quilombola. Na segunda parte, busquei descrever a relação das jovens com os equipamentos e os desafios iniciais da formação. Na terceira parte, investi no compartilhamento dos conteúdos que foram sendo trabalhados durante os encontros e dos exercícios que foram propostos. Procurei detalhar os desafios audiovisuais que foram lançados para as jovens em sequência, apesar das proposições terem sido intercaladas com gravações das festas e manifestações culturais que acontecem na comunidade durante todo o primeiro semestre.

2.1. Desafios na construção da autonomia e do cuidado

O projeto *Formação de lideranças e agentes culturais no Quilombo Mato do Tição*, aprovado pela Associação Quilombola no Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais, previa três oficinas de formação: Gestão Cultural, voltada para os adultos, ministrada por Fernanda de Oliveira; Música, para as crianças e jovens, conduzida por Jonatah Cardoso; e Audiovisual, direcionada para o registro como instrumento de memória, da qual fui educadora. A expectativa é que conseguíssemos reunir o maior número de jovens da comunidade, que estivessem interessados em alguma das oficinas de formação. Após acertarmos uma reunião de apresentação da proposta para a comunidade, decidimos que a primeira formação seria em Audiovisual e que iniciaria depois da chegada da Folia de Reis, momento em que seria possível convidar e confirmar a participação de alguns jovens na oficina. Os encontros passaram a acontecer todos os sábados no quilombo Mato do Tição e se iniciaram em fevereiro de 2018. Abri os trabalhos esclarecendo que a intenção era que as pessoas interessadas aprendessem a manusear os equipamentos, ao gravarem acontecimentos cotidianos e as festas. A proposta é que eles aprendessem na prática, mexendo, fazendo.

Inicialmente o grupo era grande, adultos, jovens e crianças tentavam acompanhar ao mesmo tempo. Tivemos o primeiro contato com os equipamentos, que estavam trancados em uma pequena sala, ao lado da Capela, na parte central do Quilombo. Encontramos os materiais em estado de abandono pela falta de uso. A sensação que tive é que os jovens e a própria comunidade não tinham noção do valor daqueles objetos e também não sabiam como usar, guardar e cuidar. Eles haviam recebido todo esse material ao final de outro projeto que havia

sido desenvolvido por pessoas “de fora” com participação de algumas pessoas da comunidade, mas os jovens não sabiam explicar ao certo quem sabia mexer, ou quem era responsável. Eles comentaram que nunca haviam mexido nesses equipamentos e nem imaginavam que poderiam vir a mexer, um dia. Descobrimos que a comunidade já possuía três câmeras de vídeo, sendo que uma delas é semi profissional, um microfone *shotgun*, um cabo XLR, um gravador *Zoom*, cartões de memória, tripé, fone de ouvido, microfones sem fio e um *Macbook*.

Colocamos todo o equipamento encontrado em cima da mesa e começamos a *fuçar*, testar, ver o que estava funcionando e que peças ou acessórios faltavam. Aproveitei para ir introduzindo algumas questões técnicas da câmera, priorizando o cuidado ao manusear o equipamento e ao guardá-lo. Fizemos vários exercícios práticos sobre colocar e tirar a bateria, segurar a câmera em várias posições observando como o corpo interagia com ela, além de experimentar os usos do tripé e cuidados com a sapata, como é chamada a peça que engata a câmera no tripé.

Tentava explicar usando alguns sons, para que eles entendessem melhor sobre como os equipamentos têm encaixes específicos e como não devemos forçar, e sim, achar o jeito: “*Tec*” é um som que devemos ouvir, no sentido de nos certificarmos de que está encaixado, “*Plec*”, “*Croc*”, é algo que não devemos ouvir, porque significa que forçamos demais e alguma coisa quebrou.

Sobre esse primeiro contato com o equipamento, Júlia e Geíse rememoraram o seguinte:

Você explicou a gente muito bem, deixou a gente pegar pra ver como que faz. Igual a bateria, que eu acho que foi a primeira coisa que você ensinou pra nós, num foi? Aí já começou mostrando. Foi cada passo e não é aquela coisa que a pessoa fala, fala, fala e não deixa nem a gente pegar nas coisas, ver como é que é. Eu achei que foi bem interessante. (Júlia, 2019)

A família do Maticão é assim: “Ah !! Não sei o quê, não sei o quê !!”. Aí na hora que começava todo mundo a gritar, você: “Gente, calma...vamos fazer isso.” A gente aprendeu a resolver as coisas com calma, se o trem num tá indo, não faz o trem com força, não. Vai com calma, que vai. Tem jeito, é jeito pra mexer com as coisas. Depois a gente pegava a câmera de boa como se fosse a sua coisa, sem medo nenhum, porque você já sabia tudo pra preservar e pra não cair. A gente usava aquele negócio pra não deixar ela cair [cordinha que segura a câmera], caso você solta do nada ou toma susto, alguma coisa assim. Pra ela não cair, você leva jeito, mesmo você segurando nela, você já tem um jeito de segurar que salva ela. Deixa cair outra coisa, mas salva a câmera. O tripé pode cair, a câmera não !! (Geíse, 2019)

Nos primeiros encontros, ficou evidente um jeito no convívio entre os jovens e crianças, que envolvia gritos e piadas com as dúvidas e perguntas que eram feitas. Os adultos intervinham de modo incisivo, querendo que eles ficassem quietos. Senti como seria

importante que eles vivenciassem as práticas coletivas de produção, buscando exercitar a concentração, a paciência e generosidade na partilha dos equipamentos.

O grupo inicial era composto por crianças, jovens e adultos com idades muito variadas, o que dificultava o diálogo e a escuta. Para os encontros seguintes, propus que separássemos o grupo das crianças menores e os jovens e, dessa forma, eu trabalharia pela manhã com atividades para os pequenos, com idades entre 6 e 13 anos¹³ e, na parte da tarde, com os maiores, com idades entre 15 e 19 anos. Percebi que alguns adultos também tinham interesse na formação audiovisual, apesar de que a presença deles modificava o comportamento dos jovens. Além disso, os adultos normalmente acabavam sendo absorvidos por outras atividades e responsabilidades e não conseguiam manter a assiduidade na oficina.

Durante os encontros a participação de outros jovens da comunidade era flutuante, principalmente dos homens. Foram várias as tentativas para envolver dois jovens, um de 19 e outro de 18 anos e eles demonstraram interesse somente na parte da montagem dos materiais e no uso do *laptop* para baixar músicas, transferir para celulares e *pendrive*. De vez em quando eles frequentavam a formação para mexer nos equipamentos, assistir os materiais gravados ou acompanhar a edição.

Sendo assim, trabalhei na maior parte do tempo com quatro jovens, que têm entre 15 e 18 anos, mas tentávamos incluir todos aqueles que chegavam nos dias de encontros. Na parte da manhã, a rotina das jovens envolvia ficar em casa ajudando nos afazeres domésticos, lavando roupas e arrumando a casa. Já a rotina dos homens envolvia a prática de atividades esportivas, programas de televisão, sonecas, passeios de moto e cortes de cabelo *na rua*.

Eu me encontrava na hora do almoço com as jovens, na parte central da comunidade, em frente à casa de Dona Nilse e Sr. João. Nesse lugar, que fica em frente à Capela, também se encontra o ponto de internet, que desde a instalação passou a agregar jovens e outros do quilombo dispostos a ver vídeos, mandar mensagens e baixar músicas. Os encontros iniciais foram dentro da Capela, lugar de referência para todos do quilombo. O ambiente era meio conturbado e barulhento, crianças entravam e saíam, às vezes brigavam e choravam, o que dificultava a concentração e também as conversas em tom mais intimista. Sendo assim, um dia cheguei disposta a arrumar a pequena sala ao lado, onde os equipamentos ficavam guardados e na hora que começamos a mexer, descobrimos dois ratos morando lá dentro. Em

¹³ Trabalhei com as crianças e adolescentes do quilombo na parte da manhã, entre eles Giovana, Adriely, Emily, Davi “de Sabrina” e Davi “de Néia”. Além de vários trabalhos artesanais, como colares de miçanga, bonecos de massinha e jornal, desenhos, mágicas com barbante e brincadeiras, as crianças fizeram gifs animados a partir de desenhos e usaram a máquina fotográfica para fotografar livremente, a partir de uma orientação inicial de como mexer na câmera. Algumas dessas fotografias estão presentes na dissertação.

meio a muita gritaria e euforia, a arrumação durou o dia todo e todos se envolveram ajudando a limpar, carregar os armários, arrastar os móveis, retirar e queimar o lixo, limpar as gavetas e, principalmente, matar os ratos.

Achamos equipamentos perdidos, materiais de consumo que as jovens e crianças nem sabiam que existiam, ferramentas e documentos. Além disso, descobrimos que a comunidade tinha um projetor e uma tela e nesse momento percebi um desejo deles em montar um cinema toda semana, “com o *Netflix* de Luan”. Depois de tudo organizado e limpo, tomamos posse do cantinho que, além da Capela, iria nos abrigar durante todo o processo formativo.

Decidimos criar um grupo de *WhatsApp* - que elas batizaram de *Quilombo Digital* - para nos comunicarmos sobre os encontros e onde passamos a compartilhar momentos da produção, caronas, dúvidas, desacertos, vídeos, músicas, *emojis*, palavras de afeto e motivação. Elaboramos um calendário de encontros e gravações que aconteceriam durante as festas realizadas pela comunidade durante o primeiro semestre de 2018: Queima do Judas e saída do Bando, em março; Coroação de Maria, Reza de Santa Cruz e Festa do padroeiro, em maio; Festa de São João, em junho.



FIG. 13: Print de diálogo do grupo Quilombo Digital



FIG. 14: Print de diálogo do grupo Quilombo Digital

2.2. O corpo e a câmera

Durante os primeiros contatos com a câmera, além de entenderem os encaixes, os botões e perderem o medo da câmera cair no chão, as jovens tiveram que lidar com o peso dos equipamentos e sentiram no corpo as dificuldades em estabilizar a câmera e permanecerem paradas, respirando lentamente e observando o que se passa na cena que se quer registrar.

Geíse recorda algumas orientações sobre os cuidados ao manusear a câmera e o tripé, além de compartilhar seus sentimentos de apreensão no momento em que teve contato com o equipamento que iríamos trabalhar:

Você falava: “O tripé vai a câmera fica!!” Foi muito bom, a gente passou a não ter medo de uma coisa que a gente pensava que ia ser maior constrangedor, que ia ser difícil. Foi mais fácil do que eu pensei. Eu pensei que ia ser: “Nossa quem mexe com isso deve ser os fera mesmo, porque vai entender cada pecinha” Quando eu vi a câmera. Eu sempre via só aquelas pequeninhas, que tira foto de boa. Aí quando eu vi aquela eu falei: “Nú, essa câmera é muito grande, vai ser muito difícil trabalhar”. Nós ficava com medo. A câmera pra nós era pesada no começo. E nós ficava com medo, como é de todo mundo [a câmera], aí você fica com medo de estragar assim ó. (Geíse, 2019)



FIG. 15: Sequência de frames retirados de gravação realizada com Geíse, enquanto relata sobre o primeiro contato com a câmera, no início do processo formativo em audiovisual. (Quilombo Mato do Tição, 2019)

Sobre as formas de segurar e manusear a câmera, Geíse relata como foi ganhando confiança, ao mesmo tempo em que sentia que o corpo dela interagiu com o equipamento, passando em seguida a se acostumar com o peso e conseguir movimentos de forma mais estável.

A gente segurava com um medo. Com muito medo. E com medo da imagem ficar assim sacudindo. A gente tentava ficar parado o máximo possível, aí a coluna da gente até doía de tanto ficar segurando assim. Aí quando a gente foi acostumando, pegando, você ensinou o movimento pra gente, como é que a gente segura pra não cansar, aí abaixar, aí ajudou bastante, porque ficar parado segurando ela sem mexer, num dá não. Dói demais a coluna da gente, nossa senhora. (Geíse, 2019)

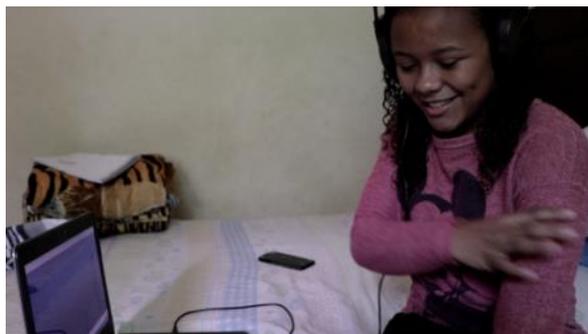


FIG. 16: Frame retirado de gravação realizada com Júlia, mostrando a parte do corpo que mais a incomodava ao lidar com a câmera. (Quilombo Mato do Tição, 2019)

Júlia relembra o desconforto que sentia nas primeiras gravações e as dificuldades ao segurar a câmera no início do processo formativo: “primeiro ficou doendo demais o braço, depois fui acostumando. Na hora que começou ficou doendo muito, é muito tempo em pé, tava até usando a cordinha dela. Aí foi passando o tempo fui acostumando.” (Júlia, 2019)

Durante nossa conversa, Ana conta sobre as formas de segurar o equipamento, que foram apresentadas de modo a alternar os locais do corpo que sustentam o peso da câmera, facilitando a operação dos botões funcionais, a estabilidade e o tempo de sustentação de um plano durante uma gravação.



FIG. 17: Frame retirado de gravação realizada com Ana, no momento em que mostra algumas formas de segurar a câmera. (Quilombo Mato do Tição, 2019)



FIG. 18: Frame retirado de gravação realizada com Ana. (Quilombo Mato do Tição, 2019)

Era bem difícil porque a gente não tinha costume e câmera também é pesada. Tinha várias formas de posição que você tinha ensinado a gente: que a gente podia segurar ela em pé, ou colocar ela no ombro, e também quando a gente segurava ela com as duas mãos, que segurava embaixo e posicionava ela também em cima e na frente. Também tinha outra forma que a gente segurava, acho que era no pescoço. A gente colocava a cordinha também no ombro. Era difícil porque a gente não tinha muito costume. (Ana, 2019)

As jovens reclamavam do peso da câmera enquanto experimentavam maneiras de segurá-la, de forma a procurar o conforto e a estabilidade durante as gravações. Sendo assim, procurei meios que motivassem as jovens a soltar o corpo e ao mesmo tempo ganhar firmeza e confiança a partir da consciência corporal, de modo a facilitar as movimentações com a

câmera e com a vara de *boom*. Thaís explica como ela entendeu a questão dos movimentos de câmera, enquadramentos e planos, como se dava a movimentação do corpo no espaço, de modo a garantir imagens mais estáveis, além de corrigir a variação da iluminação durante a gravação.



FIG. 19: Frame retirado de gravação realizada com Thaís, que mostra com as mãos o tempo do plano. (Quilombo Mato do Tição, 2019)

A gente movimentava, só que não de uma vez. Tinha que ser uma coisa - se você tá aqui, você vai devagar, todo um tempo, assim. Aí quando você achava um ponto bonito pra combinar com a gravação, aí você parava naquele ponto...não pode mudar rapidão...você fica num ponto, descansa, depois ia andando, mexendo...parava de novo...enquadrava dentro da gravação, os planos direitinho. O que foi mais importante é o jeito de filmar. A gente assistir e ver as coisas mexendo, é ruim, eu aprendi que é bom ficar mais parado. Eu não sabia como clareava e nem como bater o branco quando tava muito escuro. Eu tenho que mexer na câmera, eu ainda lembro. Agora eu tenho muita firmeza pra ficar segurando a coisa por mais tempo e com as gravações a gente aprendeu muita coisa. (Thaís, 2019)

A questão do aprendizado durante o processo é evidente nas falas das jovens, que conseguem perceber as dificuldades iniciais e como foram ultrapassando esses limites, ao conhecerem o funcionamento da câmera. Além disso, o fato da nossa relação passar pelo compartilhamento de conhecimentos e pelo afeto, propiciou que as jovens pudessem lidar com as dificuldades de modo mais leve.

A primeira vez que a gente foi mexer na câmera eu pensei: “Nú, isso vai ser difícil, tem uns trem em inglês que a gente não vai decorar, não.” Mas a gente decorou porque a gente sabe pra quê que serve. Foi importante, a gente aprendeu muita coisa, a gente riu muito, aprendeu muito, tanto nós com você e você com a gente. (Geise, 2019)

Como são adolescentes e jovens, em alguns dias era praticamente impossível conseguir quietude e concentração da parte delas. Risos e gargalhadas eram constantes e a dispersão tomava conta. Brincava com elas, dizendo que naqueles dias elas estavam “loucas”, que poderia ser os “dias da TPM”. Nos dias que eu estava com pouca paciência para tanta bobagem, elas perguntavam: “Você tá de TPM?”, devolvendo para mim a maneira como eu havia tratado os momentos de agitação delas.

Percebi que gostavam de trabalhos manuais e precisavam de outros momentos em que canalizassem toda a energia juvenil. Sendo assim, em alguns encontros optamos por fazer colares de miçangas, criar *gifs*¹⁴ com desenhos animados, aprender a fazer tricô com os dedos e “rabo do gato”, modelar bonecos de massinha, jornal e *biscuit*, lembrar e aprender brincadeiras de mão e de roda, além de aproveitar para que elas se gravassem cantando, tocando, dançando e brincando de fazer ritmo com copos de plástico. Quando o horário da oficina de música emparelhava com o da oficina de audiovisual, aproveitávamos para que as jovens que não faziam parte da oficina de música gravassem as outras, gerando um material que foi editado posteriormente e que contém vários momentos das jovens na oficina, inclusive o registro da participação de outros da comunidade, que naquele momento se aproximaram para tocar o Candombe e ensinar músicas e brincadeiras de roda para os mais novos.



FIG. 20: Jovens brincam de fazer ritmos com copos de plástico (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 21: Pulseira de miçanga feita por jovem do quilombo (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 22: Frame retirado de gravação feita por Ana, da música *Gessi los Beibe*, brincadeira de mão que ensinei durante um dos momentos em que a oficina de audiovisual coincidiu com a oficina de música. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 23: Frame retirado de gravação de Ana, no momento em que Sr. João ensina a música de roda, *Dois anéis*, durante a oficina de música. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

¹⁴ Usamos o site <https://gifmaker.org/> para fazer o *upload* dos desenhos e criar os *gifs*, que foram gerados a partir de fotografias dos desenhos das jovens, utilizando câmera fotográfica e tripé.

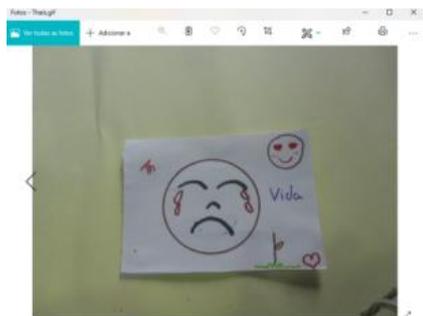


FIG. 24: Print de gifs animados criados pelas jovens. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

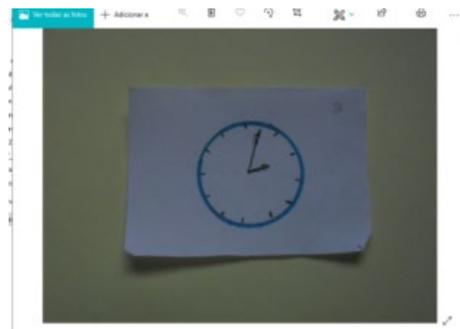


FIG. 25: Print de gifs animados criados pelas jovens. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 26: Frame retirado das gravações realizadas na oficina de música, ministrada por Jonatah Cardoso, pelas jovens que participavam da oficina de audiovisual. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 27: Frame retirado das gravações realizadas na oficina de música, ministrada por Jonatah Cardoso, pelas jovens que participavam da oficina de audiovisual. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

2.3. Um passo de cada vez

Uma das primeiras coisas que fizemos durante os encontros foi levantar os interesses das jovens, que incluíam filmagem de festas e do Candombe, batizados, casamentos, edição e criação de *gifs* animados. Em seguida, a partir de imagens na internet, passamos a ilustrar as conversas sobre como a imagem se forma invertida no olho humano, como ele capta a luz e como as pupilas se alteram, reagindo de acordo com a intensidade da luminosidade.

Iniciamos um Glossário em papéis *Kraft*, onde as jovens escreviam e desenhavam os ícones, símbolos, funções da câmera e palavras comuns à linguagem audiovisual. Conversávamos ao mesmo tempo em que elas desenhavam e procuravam visualizar na câmera, como achar no *menu*, nos diversos botões e nos anéis da lente, as funções que desejavam, de modo que elas conseguissem preparar a câmera para a filmagem e que continuassem operando as funções durante a gravação. O que elas não entendiam pelo fato de estar escrito em inglês, eu traduzia ou buscávamos na internet e também no manual da câmera. Buscávamos desvendar juntas as abreviações de algumas funções.

A gente fez, como é que chama? Fez tipo uma planilha, uns cartazes no papel pardo, a gente escrevia, desenhava a câmera, escreveu as peças em inglês e escrevia o significado. Você ensinou pra gente: “Tá lá no papel”. Qualquer dúvida a gente ia lá no papel, olhava. Tudo da câmera, tá no papel. Se tiver dúvida é só olhar e vai entender. (Geíse, 2019)

Você pegou a cartolina e desenhou pra nós o formato da câmera e dos botões certinho. Os nomes que tava em inglês, como você já sabia os nomes, pra quê servia, aí cê explicava pra nós. Tinha um que cê tinha falado, o que tinha que puxar. Era tudo ao contrário, o que falava “push” tinha que empurrar e o que falava “pull” tinha que puxar. (Ana, 2019)



FIG. 28: Ana escreve no papel os nomes dos botões com as funções da câmera, enquanto Thaís e Júlia os localizam na câmera



FIG. 29: Ana escreve no papel os nomes dos botões com as funções da câmera, enquanto Thaís e Júlia os localizam na câmera

A primeira coisa que você falou: “Se você quer mexer com audiovisual, a primeira coisa que cê tem que ter é paciência”. Eu falei: “Então isso não é pra mim, porque é uma coisa que eu não tenho”. E eu não tenho. Eu comecei a ter mais. Se fosse olhar como eu era antes [antes do processo de oficina de audiovisual], não tinha um pingo de paciência, mas agora eu já tenho mais, eu já consigo esperar mais um pouco e ter mais paciência pra fazer as coisas. Porque antes eu não tinha...nossa...nada. Qualquer coisinha que tava errada eu já ficava com aquele ódio. (Júlia, 2019)

Na verdade, além do cuidado e paciência, meu objetivo era que as jovens desenvolvessem autonomia nas questões técnicas para lidar com diversos fatores: atentar para a limpeza da lente, verificar e recarregar as baterias, transferir as imagens gravadas para o computador e depois formatar os cartões de memória, diferenciar o modo automático e manual, ativar o balanço de branco, verificar o foco, e também localizar e operar íris e *shutter*, de acordo com a intensidade da luz. Além dessas, outras habilidades também eram estimuladas, simultaneamente, como a capacidade de planejar, produzir, articular perguntas e aproveitar a escuta como forma de dar sequência à conversa, além de usar as possibilidades do corpo e a resistência física para movimentar, sustentar a câmera e/ou operar a vara de *boom* com o microfone direcional apontado para a fonte sonora.

Os conteúdos relacionados à linguagem audiovisual, como enquadramentos, planos, movimentos de câmera e ângulos, também eram registrados e desenhados no papel e as

Bando¹⁵, no ano de 2015. Buscava sempre compartilhar meus arquivos - fotografias, *frames* e imagens que já haviam sido registradas durante todos os anos de convivência com as pessoas do Quilombo. Percebi a oportunidade em compartilhar com as jovens um acervo do quilombo, mostrando que existem imagens que foram feitas por outras pessoas em várias épocas da vida delas e que, a partir da formação, elas poderiam criar imagens feitas por elas e por outros, compondo uma memória do quilombo. Thaís se reconheceu nas fotos e, para a minha surpresa, os mascarados que havia fotografado naquele ano, eram as meninas.



FIG. 35: Fotografia da saída do Bando, em 2015. Thaís é o mascarado que está de branco. (Quilombo Mato do Tição, 2015)



FIG. 36: Fotografia da saída do Bando, em 2015. (Quilombo Mato do Tição, 2015)



FIG. 37: Fotografia da saída do Bando, em 2015. (Quilombo Mato do Tição, 2015)

Dona Nilse, avó das jovens, nessa hora se aproximou e todas quiseram ver o restante das fotografias, algumas datadas de 2010, outras de 2014. O momento em que viam as imagens de outros tempos propiciou diversão e interação entre as gerações, enquanto comentavam sobre como as jovens estavam crianças nas fotos e o que havia mudado na comunidade, na *Casa velha*¹⁶ e no terreiro em frente à Capela, que na época em que as fotografias foram tiradas ainda não havia sido calçado e coberto por uma tenda.

¹⁵ A queima do Judas e a saída do Bando de mascarados é uma festa que acontece em março, ao final da Quaresma, no sábado antes do domingo de Páscoa.

¹⁶ Casa velha é como eles chamam a construção mais antiga do quilombo, situada na parte central e que abrigou alguns dos antepassados da família Siqueira. Após uma reforma, a casa hoje é ocupada quando Dona Nilse vai costurar e também pelos jovens, que ficam lá vendo vídeos no celular e conversando.



FIG. 38: Fotografia que mostra o momento em que Dona Nilse e as jovens comentam sobre as fotografias do quilombo de outros tempos. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 39: Fotografia que mostra o momento em que Dona Nilse e as jovens comentam sobre as fotografias do quilombo de outros tempos. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

As conversas e práticas que tratavam sobre a captação do áudio se deram quase que simultaneamente as da imagem, pois procurei priorizar a formação para captação de som direto, com o uso da vara de *boom* e microfone direcional *shotgun*, de modo que, sincronizado à imagem, mas não necessariamente correspondente, o som pudesse ser encarado como um elemento criador de sentidos, podendo ser associado diretamente ou não à imagem, ao captar o ambiente e o que está fora de campo.

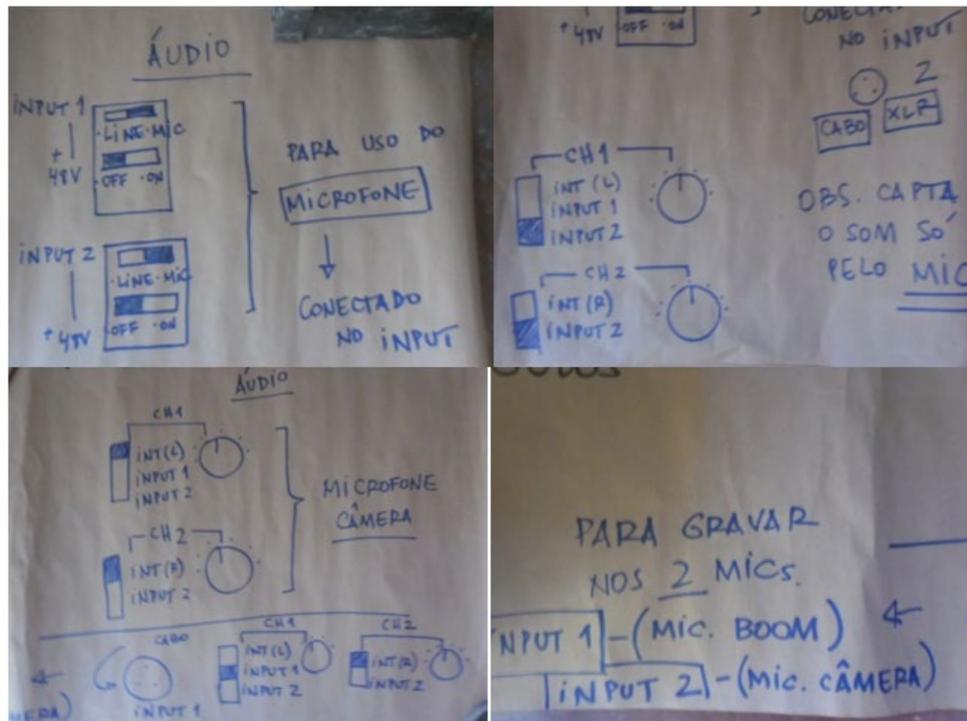


FIG. 40: Desenhos feitos no papel kraft com funções da câmera voltados para captação do som direto, considerando o microfone da câmera e o microfone shotgun (boom). (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Tudo isso se revela como aposta em seguir por um caminho que nos levaria à gravação da primeira festa, que seria no dia da Queima do Judas e da saída do Bando de mascarados, como uma experiência prática coletiva de campo. Por isso, propus uma fase de exploração da câmera, a partir de exercícios e proposições que antecederam essa gravação e que exploravam recursos para que as jovens começassem a ter mais confiança e intimidade com a câmera, com a captação do som e com os processos de produção. No momento seguinte iriam exercitar durante a festa, onde tudo o que acontecia ao redor passaria a interferir diretamente na gravação. Essa seria uma oportunidade para que elas pudessem vivenciar na prática todas as questões técnicas e de movimentação e percebessem as diferenças entre participar de uma festa e filmar uma festa. Ana relata sobre sua empolgação inicial em “sair filmando” e a ansiedade ao lidar com todos os botões e funções da câmera durante a gravação:

Quando a gente começou as aulas com você, no início, começou falando das regras, os cuidados que a gente tinha que ter, você foi explicando pra quê que significava cada botão, onde que a gente tinha que apertar, pra quê cada um servia. Só que a gente já ficava empolgada, queria mexer na câmera, que a gente queria saber pra quê que ela servia. A gente nunca pegou em câmera de filmagem, eu pelo menos. Foi a primeira vez que eu tive contato com uma câmera, assim pra filmar e mexer em câmera mesmo. Eu já ficava empolgada, doida já pra sair filmando. Só que primeiro a gente tinha que saber as regras, aí eu ficava naquela ansiedade: “E se eu esquecer esse botão, esquecer pra quê servia aquilo” Eu ficava com medo de chegar na festa, aí as meninas falar assim: “Ô Ana, agora cê que vai filmar.” Aí ficava aquela responsabilidade de filmar e na hora lá eu esquecer pra quê cada botão servia, porque várias vezes eu esquecia. Eu ficava correndo atrás dessas meninas pra perguntar elas o que cada botão fazia. Teve uma festa que eu e Thaís ficou responsável pela câmera pra filmar, aí esqueci pra quê que servia, foi o negócio de foco. Na hora a gente teve que lembrar tudo de novo. Às vezes a gente ficava entediada de ter que ficar aprendendo pra quê servia cada botão e a gente lá doida pra mexer. Aí eu falei: “Ah, entendi porque a gente tinha que ficar tanto tempo ouvindo, pra não chegar na hora a gente esquecer tudo! (Ana, 2019)

Durante um bom tempo, a maior preocupação de Ana era lembrar as funções e nomes dos botões, mesmo que essa etapa inicial estivesse colada com uma prática, por meio do uso dos equipamentos e dos exercícios e proposições que as jovens realizaram. As jovens exercitaram como segurar a câmera durante os enquadramentos, ângulos e movimentos, gravando imagens no entorno, e durante um bom tempo ainda ficaram grudadas com ela no corpo, com medo de cair. Em alguns momentos eu atuava ao lado delas, algumas vezes provocando sobre o que estavam percebendo e observando, como lidavam com a câmera naquela situação: “O que você está vendo enquadrado? O que não está enquadrado? Está claro demais? Como faz para ajustar? Está embaçado? Como faz? Você quer sair de onde está e vai para onde? Qual o movimento que deseja realizar? A cor da imagem é esta? Está gostando do que vê?”. Com o tempo, o conhecimento foi ganhando sentido enquanto vai sendo aplicado, pois cada experiência de gravação trazia seus desafios.

Você ensinou pra gente, a gente gravava aquilo, a gente via e falava o que podia melhorar na próxima gravação. A gente pegava, gravava e via o que a gente gravou e o que ficou em evidência. A gente tava aprendendo [com os erros] e você ficava falando: “Geíse, aumenta aí [a luminosidade], fecha [a íris da câmera], Júlia, limpa aí [a lente da câmera] que tá sujo de dedo.” (Geíse, 2019)



FIG. 41: Frame retirado da gravação com Ana, que mostra com os braços algumas posições que ela usava com a câmera. (Quilombo Mato do Tição, 2019)



FIG. 42: Frame retirado da gravação com Ana, que mostra com os braços algumas posições que ela usava com a câmera. (Quilombo Mato do Tição, 2019)

O que eu tinha mais dificuldade mesmo era na hora de gravar. Não é na hora de filmar, na hora de gravar pra quê servia cada botão. Isso eu tive mais dificuldade, era muito nome em inglês. Às vezes a gente tem dificuldade de falar o próprio português. Na hora de lembrar um tanto de nome em inglês eu não sabia, aí eu tinha que ficar perguntando as meninas. Na hora que a gente já tinha batido o branco, já tinha ajustado a câmera, já tava tudo no foco, tudo focado, acho que na hora de filmar não era tão difícil. Eu acho que era mais fácil, só era mais difícil na hora de segurar a câmera, porque ela é pesada, na hora de posicionar ela, porque a gente tinha que pegar o ambiente todo, focar no que a gente queria pra mostrar pra quem tá assistindo. Acho que isso era o mais difícil. (Ana, 2019)

Foi estranho, mas é um estranho bom, conhecer, aprender, eu mesma gostei porque a gente tinha as coisas [os equipamentos], mas não sabia mexer. Gravar pra gente era apertar, gravar, tirar e pronto. Mas aí a gente aprendeu que gravação não é só gravar, tem que ter qualidade, no som e na imagem, tem esse trem de cor, porque o tempo...a luz oxida, o tempo muda, a luz volta e vai. A gente aprendeu que quando estivesse muito escuro tinha como clarear na câmera mesmo, a gente aprendeu a bater o branco, a gente não sabia. (Thaís, 2019)

A partir daí, as jovens participantes da formação foram produzindo uma série de imagens disparadas por proposições, como em um jogo de invenção, que conjugavam a relação com os equipamentos e as questões técnicas, em interações com pessoas da comunidade e com o território. Falei que lançaria “desafios audiovisuais” e elas se empolgaram com a ideia, pensando que poderiam, inclusive, gravar dentro do ônibus a ida para a escola. A proposta era que criassem registros coletivos, de forma que o audiovisual pudesse ser um meio de exploração e geração de imagens e sons acerca do cotidiano das jovens. Nesses momentos elas foram gravar em grupo e sem o meu acompanhamento e resolviam como dividir as funções de produção, captação de imagem, som e quem iria fazer perguntas durante a gravação.

As proposições eram lançadas a cada encontro, intercalando com as festas que também foram filmadas ao longo do semestre:

- Gravar um vídeo onde você está acostumada a tirar *selfies*. O vídeo pode ou não conter fala, mas é essencial que contenha som.



FIG. 43: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, a partir de uma proposição. Na imagem, Geise tira uma selfie usando o celular. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 44: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, a partir de uma proposição. Na imagem, Ana tira uma selfie usando o celular. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 45: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, a partir de uma proposição. Na imagem, Thaís tira uma selfie usando o celular. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 46: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, a partir de uma proposição. Na imagem, Júlia tira uma selfie usando o celular. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 47: Frame retirado de gravação no momento em que Geise vira a câmera de vídeo para elas como se estivesse tirando uma selfie com o celular. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

As jovens decidiram gravar uma encenação como se elas tivessem tirando *selfies*. Inicialmente, quando pensei nessa proposição, visava que elas revelassem somente o “lugar” onde elas estavam acostumadas a tirar *selfie*. Por ser algo muito comum entre elas, resolveram fazer a encenação tirando *selfie* com o celular, na entrada do Quilombo, ao lado do bar, enquanto a outra gravava com a câmera de vídeo. Fizeram isso em planos, com o áudio do ambiente, separadamente e, no último plano, viraram a câmera de vídeo para o grupo, simulando uma *selfie* com câmera de celular. Depois da gravação, transferimos o material

gravado para o computador, conversamos sobre a interpretação que elas deram ao enunciado da proposição e sobre como elas se sentiram ao assistirmos as imagens. A timidez e a autocrítica ao verem a própria imagem foram evidentes e isso foi bastante curioso, pois em nenhum momento, a proposição falava que elas deveriam estar em cena. De alguma maneira o lugar foi escolhido por ser uma referência para elas, pois fica localizado na entrada do quilombo e é onde, ao contrário daquele dia, se concentram muitas pessoas por causa do bar.

- Executar 3 planos em sequência, variando os enquadramentos e movimentos de câmera e um deles tem que ser um plano fixo. Gravar em duplas - tempo máximo de 2 minutos. Não pode usar o *zoom* durante a filmagem, só para enquadrar.



FIG. 48: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 1, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 49: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 1, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

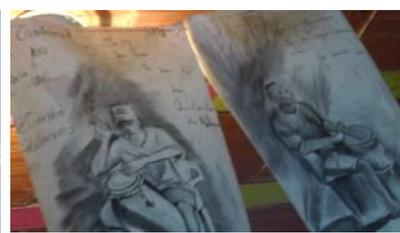


FIG. 50: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 1, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Depois que todas gravaram, transferimos as imagens para o computador, assistimos os três planos juntos e em seguida, analisamos cada um em separado. A primeira dupla entregou os planos, registrados na parte de fora do “Bar do Lei”, estabelecimento do pai de Júlia e que fica bem próximo da Capela, na sede do quilombo. A dupla usou o *zoom* para enquadrar e depois fez um movimento de câmera da esquerda para a direita, revelando a pintura de Dona Divina na parede. O segundo plano também tem um movimento de câmera, vindo de baixo para cima, e que revela a imagem de Sr. João. O terceiro plano, fixo, com câmera na mão, tenta enquadrar os desenhos de pessoas tocando Candombe, que ficam dependurados no telhado dentro do bar. Elas experimentam como utilizar o *zoom* para conseguir ver uma imagem que fica ao longe, mas percebem como a imagem fica instável com o uso desse recurso sem um tripé.



FIG. 51: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 2, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 52: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 2, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 53: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 2, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

A dupla seguinte grava dentro da Capela e tenta focalizar os santos, que ficam nas paredes em frente ao altar. Elas experimentam um *zoom in*¹⁷ no oratório durante o primeiro plano e conversam sobre como a imagem fica focada somente em alguns momentos durante o *zoom*. No segundo plano experimentam o peso da câmera para sustentar e não mexer, usando o *zoom* e depois sem utilizá-lo, deixando o plano aberto. No terceiro plano, comentam que “fica parecendo que a pilastra tá torta”, ao observarem pelo visor LCD o enquadramento de baixo para cima que estavam fazendo e as distorções que o enquadramento produz.



FIG. 54: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 3, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 55: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 3, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

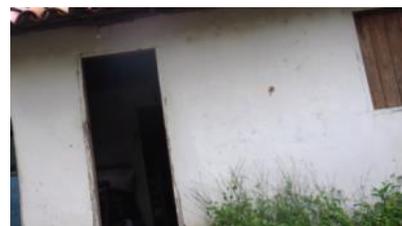


FIG. 56: Frame retirado de gravação realizada pela dupla 3, de acordo com a proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

A dupla seguinte usa a câmera como “olho” e tenta explorar o ambiente da *Casa velha* com a imagem desfocada e interrompe o movimento de câmera de uma direção para outra, e em seguida volta na mesma direção. No segundo plano, também sem foco, a câmera caminha em direção a Giovana, que “finge” tocar o tambor, esquecendo que o áudio também estava sendo gravado. No terceiro plano, a dupla grava um plano fixo da casa.

- Gravar animais e plantas: hortas, árvores, plantas usadas como remédio.

¹⁷ Movimento de aproximação de lentes, utilizando o *zoom* da câmera.



FIG. 57: Frame retirado de gravação realizada pelas jovens com Sr. João, a partir da proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 58: Frame retirado de gravação realizada pelas jovens com Sr. João, a partir da proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

As jovens gravaram três planos com Sr. João, avô de Thaís, Geíse e Júlia, e o posicionaram em frente ao galinheiro, utilizando a câmera na mão. O primeiro deles dura poucos segundos. No segundo plano, Sr. João começa explicando o cuidado que deve-se ter com as galinhas, mas o áudio está sendo captado com volume muito baixo, pelo microfone da câmera. A jovem que está com a câmera demonstra uma certa apreensão, pois o enquadramento fica cambaleante. No terceiro plano elas começam a conversar novamente com o Sr. João, que pergunta: “Vocês pretende criar galinha?”. Nesse momento o áudio foi captado pelo microfone direcional, que, em seguida, aparece em quadro nas mãos de Júlia. Depois que elas gravaram essa entrevista, assistimos o material e elas contaram sobre as dificuldades que tiveram com relação à captação do som. Disseram que perderam bastante tempo tentando descobrir como fazer a câmera “conversar” com o microfone. Nesse mesmo dia também gravaram a cadela Lôra e o microfone da câmera registra Geíse e Júlia interagindo com ela. Desse material, depois surge o filme *Vô João e as galinhas*, que foi montado a partir dessa conversa com Sr. João e outras imagens captadas em um momento posterior.



FIG. 59: Frame retirado de gravação de Júlia e Geíse com a cadela Lôra. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 60: Frame retirado de gravação de Júlia e Geíse com a cadela Lôra. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

- Gravar um vídeo andando, em plano sequência e depois gravar o mesmo caminho em planos curtos, experimentando vários enquadramentos.



FIG. 61: Sequência de frames retirados de gravação realizada pelas jovens, a partir da proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

A jovem que está com a câmera na mão resolve sair da sede do Quilombo e dali vai gravando o caminho, em direção a uma estrada de terra. A prima de Ana acompanha e passa várias vezes em frente da câmera em movimento, ao longo de todo o trajeto. O som capta os pés andando no cascalho. Em planos longos, elas chegam ao campinho, local que não é muito distante da sede e onde as jovens jogam futebol. As mulheres do Matição montaram um time e jogam aos finais de semana. A jovem que está com a câmera faz um panorâmica, mostrando o ambiente do entorno do campo de futebol. Na volta, a câmera continua em movimento pela estrada de terra até chegar ao asfalto, e em planos longos caminha em direção ao bar do Lei. Ao chegar em frente ao bar, em outro plano, a câmera faz uma panorâmica, mostrando o bar, as pinturas na parede e quem está nele.



FIG. 62: Sequência de frames retirados de gravação realizada pelas jovens com Sr. Dante, a partir da proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Nessa sequência, a jovem que está com a câmera segue Ana, Sr. Dante, ancião da comunidade e a criança pelas costas, enquanto os três sobem a entrada da sede do quilombo. Já na rua, a câmera se posiciona atrás deles, enquadrando somente parte dos corpos. Em outro

plano a câmera se aproxima e acompanha os três andando pelo lado, bem de perto. No último plano a câmera parada enquadra as pernas dos três e Sr. Dante mexe nos troncos de madeira que estão no chão.



FIG. 63: Sequência de frames retirados de gravação realizada pelas jovens com Davi, a partir da proposição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Nessas imagens, a jovem que está com a câmera acompanha Davi segurando a bicicleta e permanece focando nele enquanto ele se senta. Assim que ele pedala e faz uma curva, a câmera o acompanha com um movimento de 180 graus.

- Gravar alguém fazendo alguma coisa



FIG. 64: Sequência de frames retirados de gravação realizada pelas jovens com Rosaura, que ensina a receita do pastel. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Depois de algumas tentativas, as jovens foram todas juntas para casa de Rosaura, que animadamente se prontificou a ensinar a fazer o pastel para que elas gravassem. Este encontro gerou um longo material e as jovens tiveram o cuidado de captar todo o processo de feitura, incluindo o caminho de chegada, o movimento de entrada até chegar, o entra e sai das pessoas da casa, a extensão pegando fogo, a bebê andando pela cozinha. As jovens ficaram bastante concentradas, se divertiram enquanto filmaram e também conversaram bastante com Rosaura, que explicou naturalmente a receita e os processos de feitura da massa e fritura do pastel, além de falar sobre seu trabalho como cozinheira. Durante a gravação os cartões de memória ficaram cheios e precisaram ser formatados. Em meio à correria, uma delas foi me entregar os cartões para que eu e Igor, que estávamos na sala tentando fazer o *laptop* deles funcionar, copiássemos as imagens para o computador. Depois de uma confusão com os cartões, elas acharam que tinham perdido tudo após a formatação e o sentimento de frustração, que durou o restante da gravação com Rosaura, foi compensado pela descoberta dos arquivos no *laptop*. Elas sentiram o peso da responsabilidade em gravar com uma pessoa, que se prontifica a ajudar e dedica um tempo para que aquilo aconteça e em uma questão de segundos, por falta de concentração e ou organização, tudo pode desaparecer. No encontro seguinte, exibimos as imagens para Rosaura, que comentou: “Nossa, que nega lustrosa bonitona que eu tô” e disse que era a primeira vez que ela via a imagem dela, “eles gravam lá na feira, mas nunca vimos o que gravaram”, se referindo à feira que acontece em *Jabó*, onde ela vende os pastéis. Rimos muito durante a visionagem das imagens, com presença das jovens que gravaram e outros que se aproximaram para assistir. Esse material depois foi montado pelas jovens, que fizeram um vídeo que intitularam *O pastel de Rosaura*. Em outubro de 2019, Rosaura repentinamente fez a passagem e deixou, além da saudade, seu exemplo de força, graça e dedicação à família e à comunidade do Matiçãõ. O momento da despedida me fez refletir sobre a importância daquela gravação, pois o movimento realizado pelas jovens em direção ao registro dos conhecimentos compartilhados por Rosaura adquiriu também a forma de arquivo da memória de uma pessoa muito querida e atuante na comunidade.

“Rosaura gostou do vídeo dela. Teve gente que nem olhou. Teve uma vez que uma pessoa falou assim: “Ah, eu fui fazer o pastel e ficou meio sem sal.” Mas aí eu falei: “Ué, mas nós gravou um vídeo naquele DVD, tá ensinando a fazer lá”. Aí ela falou: “Ah, tá?”. Eu falei assim: “Tá ué, olha lá”. (Júlia, 2019)



FIG. 65: Júlia, Thais e Ana assistem o material gravado com Rosaura. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 66: Júlia edita material gravado com Rosaura. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Nos encontros que aconteciam entre as gravações das festas, as jovens escolhiam o que queriam gravar, partindo das proposições. Vale notar que ao menos dois dos vídeos que fizeram parte do DVD final nasceram das proposições, entre eles *Vô João e as galinhas* e *O Pastel de Rosaura*. Além dessas gravações, a cada encontro, aproveitávamos para assistir os materiais que iam sendo capturados durante as festas e em outras situações, procurando sempre conversar sobre eles e ouvir os relatos de quem gravou, as dificuldades e soluções que surgiram. Procurei levar referências de vídeos que podiam ser facilmente encontrados nas plataformas da internet, de modo que eles pudessem assistir em outro momento pelo celular, já que o *laptop* disponível na comunidade apresentava muitos problemas de funcionamento.

Apresentei os programas do “Futuca a Tuia, Canal da Juventude Rural”¹⁸, realizado por jovens de Bonito de Cima, município de Wagner, na Bahia. O vídeo conta com dois jovens, que apresentam sua família e cotidiano, mostram suas casas, hortas e bichos. Também visitamos o canal no *YouTube* de um jovem moçambicano chamado Marcelino Francisco e selecionamos um vídeo onde ele ensina a fazer Xima¹⁹, comida típica de vários países africanos, feita com farinha de milho branca e cujo processo se assemelha bastante com o angu brasileiro. Optei por vídeos que foram produzidos por jovens e que mostravam territórios, jeitos e processos de produção que se assemelhavam com o que estávamos vivendo, nas condições disponíveis, com os recursos que eram possíveis e que incluíam a participação das pessoas da comunidade e da família. Assistimos ao vídeo FOLI²⁰, realizado em uma tribo Malinke, em Baro, Guiné, sobre o qual conversamos das relações entre ritmo e

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=xLCxTCjS3TL>. Acesso em 2 de dezembro de 2019.

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=gxseSmHVmmU> e <https://www.youtube.com/watch?v=3bQEblRDpNc>. Acesso em 2 de dezembro de 2019.

²⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=IVPLluBy9CY> Foli, 2010. Duração, 10 min. Direção: Thomas Roebbers and Floris Leeuwenberg. Acesso em 2 de dezembro de 2019.

montagem, sobre como o som pode ser a referência para criação das narrativas e edição dos planos, sobre como o ritmo vai interferir diretamente nos tempos dos planos e vice versa.



FIG. 67: Print de trecho do vídeo “Cozinhei uma Xima”, postado no canal YouTube de Marcelino Francisco, de Moçambique.

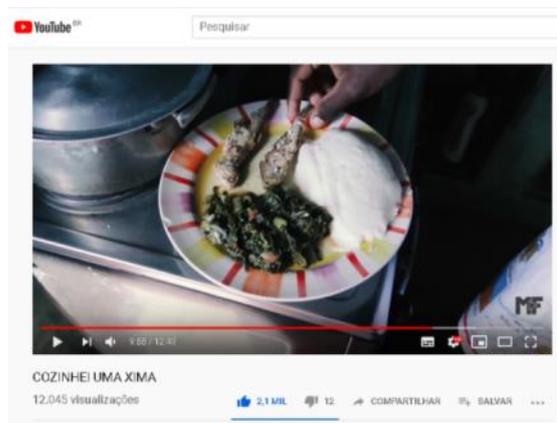


FIG. 68: Print de trecho do vídeo “Cozinhei uma Xima”.

Além das referências no campo do audiovisual, que buscava a partir das demandas e do interesse dos jovens, assistimos vários materiais que foram gravados em 2010, ano da primeira oficina de audiovisual no Mato do Tição. Nessas sessões, os adultos e os mais velhos também participaram, comentando sobre como alguns dos anciãos estavam mais lúcidos naquela época e como as meninas que estavam participando hoje do processo formativo eram crianças. Naquele momento se divertiram muito ao verem uma conversa sobre o Candombe feita pelo jovem Neco, tio de Júlia, entrevistando Genário, e outra de Luan, hoje com 18 anos e na época ainda criança, com a avó Dona Nilse, enquanto ela cozinha as folhas de palma. Enquanto assistíamos a um trecho da conversa com Dona Divina, gravada em 2010, um dos jovens que aparece no enquadramento rodeando a anciã, pergunta sobre do que ela sente saudade. Ela responde que sentia saudade de apanhar lenha. Júlia e Geíse, ao verem aquela gravação, reagem rindo: “Como assim?”. Em seguida, Nilsélia, irmã de Geíse, partindo de recordações da infância responde, concordando com Dona Divina: “Mas apanhar lenha era bom demais”.

As lembranças suscitadas pelas imagens indicaram desejos de gravações de outros vídeos, como a sugestão dada por Nilsélia, de gravar Dona Bina, irmã de Dona Nilse e uma das anciãs da comunidade, ensinando a fazer balaio e peneira. Na mesma hora outros se interessaram em aprender com ela. Sugeri que gravássemos o passo a passo, de modo que, ao assistir, a pessoa pudesse aprender a fazer o cesto. Não conseguimos articular a pega do bambu com a disponibilidade de Dona Bina, que já bem idosa, ficou doente depois de pegar friagem durante uma reza. Nilsélia começou a gravar as rezas no celular e depois veio

animada me mostrar, passando a considerar o áudio como uma possibilidade de registro, de modo a não deixar perder algumas tradições que estão ficando difíceis de serem compartilhadas pelos mais velhos. Ela comenta sobre o desejo de fazerem exhibições de filmes e Sabrina, mãe de Júlia, pontua que os mais velhos adoram os filmes do *Mazzaropi*²¹. Aguardei para ver se elas se organizavam para fazer um dia de exibição de filmes e me prontifiquei a levar os filmes do *Mazzaropi*, além de curtas africanos e filmes indígenas para a sessão, que acabou não acontecendo.

Os jovens também gostavam de conversar sobre diversos assuntos, como a Guerra da Síria, eleições presidenciais, funk, namoro e relacionamentos. Falas como: “esse cara é um capeta”, “tenho nojo de gay”, “aquele Pablo Vitar²², pelamor de deus”, “tem que liberar arma mesmo”, entre outras, serviram de base para conversarmos sobre assuntos que eram do interesse deles. Dessa forma, fomos construindo um espaço de confiança entre nós, pois como educadora respeitava que os jovens se posicionassem de acordo com as suas opiniões, mesmo que estas fossem contraditórias com a própria condição de quilombolas. Como são jovens, algumas certezas podiam ser questionadas a partir do diálogo e do contato com outras formas de pensamento, mesmo que em algumas questões a resistência continuasse operando. Para alguns assuntos, pedia que eles “perguntassem ao *Google*”, para que pudéssemos comparar as informações que tínhamos com o que estava disponível na internet. Buscávamos diversas fontes, mapas, vídeos e entrevistas que poderiam trazer formas de abordagem distintas para alguns temas. Procurei me posicionar como alguém que não dá respostas prontas, mas investiga junto. Lemos trechos da dissertação *Quando reza a fé no Quilombo Matição, família, festas, males e curas fazem comunidade*, de modo que eles conhecessem a pesquisa que foi realizada com os mais velhos da comunidade e visualizassem como a dissertação trazia informações sobre a história dos ancestrais e da família, que ainda não conheciam. Apresentei a poesia “Cabelos”, de Antônio Bispo, mais conhecido como Nego Bispo, quilombola autor do livro *Colonização, Quilombos, modos e significações* e as jovens ficaram tão empolgadas que pediram que eu enviasse a poesia pelo grupo Quilombo Digital.

²¹ Amácio Mazzaropi, ator e cineasta brasileiro (1912-1981), realizou mais de 30 filmes ao longo de 3 décadas e é considerado o maior comediante do cinema brasileiro. https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A1cio_Mazzaropi. Acesso em 2 de dezembro de 2019.

²² Pablo Vitar é uma *drag queen*, cantora e dançarina brasileira.



FIG. 69: Print de conversas no grupo Quilombo Digital

As conversas que passavam pelo território da escola eram constantes e as jovens comentavam sobre fatos que aconteciam dentro e fora da sala de aula. Uma delas contou sobre um debate que fizeram sobre a cultura do estupro e como as falas da turma dela passaram pelo fato da roupa ser curta ou não, pelo direito de escolha de cada mulher sobre o quê usar, sobre postura de respeito, sobre dançar funk e “ficar doida”. Elas pediram que eu entrasse na internet e buscasse a letra da música “Faz a fila”, do MC Denny. A letra fala de perder a virgindade, sacanagem e, na visão do cantor, a garota procura aquilo que tem, mesmo sem a permissão dela. As jovens não concordam com esse tipo de letra, justamente porque estimula uma cultura do estupro, na visão delas. Uma das jovens se diz contra o funk porque “as meninas perdem a noção e não se valorizam”. Conversamos sobre mistura de drogas em bebidas, como estar “no rolê” de forma diferente das meninas que elas observam e como a cultura estimula que os homens enxerguem as mulheres como objeto. Esse espaço de conversa parece não ter nada a ver com o aprendizado do audiovisual, mas, no meu entender, tem tudo a ver com as questões das jovens. É interessante notar como uma relação de confiança criada dentro de uma oficina de audiovisual pode chegar a abrir espaços de fala e de escuta, para que todas nós pudéssemos nos posicionar a respeito do que pensamos sobre diversas questões. Em um determinado momento, Júlia perguntou se eu havia estudado “esses

trem de audiovisual” e comentou: “ô Neca²³, você devia estudar pra ser professora”, apontando para a percepção de que existe uma diferença entre a minha postura como educadora e a dos professores que ela conhece, talvez por causa da relação horizontal que estabelecemos.

Certa vez a conversa caminhou para religião e elas começaram a falar sobre os jovens do quilombo que constantemente “pegam espírito” e que alguns chegam para conversar com a voz diferente. Elas me perguntaram sobre minha religião e eu disse um pouco do que sei sobre as religiões de matriz africana. Contei sobre o surgimento da Umbanda e ao me perguntarem se eu acreditava em santos, falamos sobre Orixás e o sincretismo das religiões de matriz africana com a religião católica e a cosmovisão indígena. Uma das jovens é evangélica e contou que acredita em outras coisas, não em imagens. A conversa fluiu no sentido de que cada religião contém diferentes visões sobre vida e morte, mas com alguns fundamentos comuns.

Às vezes uma conversa surgia devido a um trabalho de escola, pois de tempos em tempos elas demandavam ajuda com as pesquisas. Algumas relataram casos de racismo, de modo a impossibilitar que uma delas estudasse no turno da manhã, só por ser quilombola. A mãe dela teve que intervir junto à escola, alegando o tanto que a filha era boa aluna e exigindo que ela estudasse pela manhã. As outras concordaram que os professores e alunos fazem distinções porque são quilombolas. Mostrei para elas um vídeo que achei em uma rede social, do *Quebrando o tabu*²⁴, que falava sobre a valorização do cabelo e da beleza negra.

²³ O pessoal do Matição me chama pelo apelido.

²⁴ <https://www.facebook.com/quebrandoatabu/videos/1880780428645002/>. Acesso em 2 de dezembro de 2019.



FIG. 70: Print de sequência de frames do vídeo da página Quebrando o tabu, retirado de rede social.

Uma das jovens comenta que ouve os outros falando que se ela “fosse mais escura, seria feia demais” e que outras jovens que moram na comunidade viviam se juntando com outras meninas para criticar o cabelo dela, deixando-a sem entender como alguém de lá podia falar algo mesmo tendo a mesma cor da pele e tipo de cabelo. Outro jovem, um pouco mais velho, fala que ele “é um negão lindo”. A mãe dele entra na sala e comenta que entre os negros também tem preconceito. Sobre o racismo e o preconceito com as religiões de matriz africana, Thaís expôs sua opinião:

Eu escuto, entra em um ouvido e sai pelo outro, tem problema, não. Acontece. Ainda mais em comunidade, esse trem de negro, esses trem tudo. Ainda tem muita pessoa que é racista, não assume, não, mas a gente sabe. Dá pra saber. Igual na escola, outro dia, ouvi uma menina falando: “Não fico com gente preta, não.” Aí eu: “Sério? Legal, eu sou preta e namoro com preto, o quê que tem a ver? E se eu fosse preta e namorasse com branco, o quê que tem?” Tem nada a ver uma coisa com a outra, umas coisas besta. É mais de gente lá da escola que eu escuto, quem nunca veio aqui. Que não conhece nada e fala. Igual esse trem de macumba. Eu falei: “Você já participou? Você sabe como é que é?”. Não sabe, então não fala uma coisa que cê não sabe. A pessoa nunca veio aqui, não sabe da cultura, aí tipo “escuta” umas coisas. Igual foi aquele dia lá no terreiro de tia Divina. Pra mim era uma macumba, só que uma religião do bem. Ia ter ali e não ia fazer nada de mal. A primeira vez eu fiquei com medo, todo mundo colocou medo em mim de não entrar. Aí eu vi Vovó entrando, aí eu entrei também, ela falou: “É benzer”. Eu fiquei até meio com medo, que a pessoa pega espírito, vai e benze, né? Eu fiquei meio com medo porque eu nunca tinha visto. Mas depois passou. Eu entrei normal. Pode ser macumba, mas é uma religião. Tem o do lado ruim e tem o do lado do bem. Espero que aqui só tenha do lado do bem, né? Eu acredito que tenha do lado ruim, sim. O povo faz pras pessoas, sei lá, amaldiçoa a pessoa. Eu acho que existe sim, existe gente ruim. Por aqui eu acho que é tudo do bem. Vestido de branco, gente, veste paz. Não vai querer o mal da pessoa. (Thaís, 2019)

O dia do passeio do rio foi uma sugestão de Sabrina, mãe de Júlia. O aniversário de Giovana, prima dela, tinha sido durante a semana e todos ficaram animados para fazer um almoço no rio. Sabrina e Nilsélia prepararam arroz temperado e garrafas de suco, além de um bolo de cenoura com cobertura de chocolate, para a hora de cantar os parabéns. Juntamos a

tralha toda, que incluía um *cooler* lotado com arroz temperado quentinho, garrafas pet cheias de suco, além dos equipamentos de filmagem, câmera fotográfica, violões e rede de pescaria. Uma parte da turma foi a pé e os adultos levaram o *cooler* até certa parte, de carro. No restante do caminho, o peso foi no lombo de Geison, jovem “mais velho” da turma, que era composta de 20 pessoas, entre elas, o professor da oficina de música, Jonatah Cardoso, mulheres, jovens e crianças. Andamos em fila indiana durante o percurso, que incluía trilhar um longo tempo na estrada de terra, depois passar por entre uma cerca de arame farpado e cortar um território de fazenda, até chegar na beirada do rio. As jovens foram registrando o caminho, usando a câmera de vídeo e a câmera fotográfica.



FIG. 71: Frame da gravação realizada no caminho para o rio. Giovana aponta a câmera de fotografia para quem está com a câmera, enquanto a câmera a filma. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 72: Frame da gravação durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Durante o tempo em que ficamos no rio, íamos registrando despretensiosamente o que acontecia, a movimentação das crianças brincando, os jovens pescando e conversando, a “risaiada” e os gritinhos por causa da água gelada do rio, a música que vinha do celular, a cantoria e a fogueira no final do dia. Cada hora uma de nós ficava com a câmera de vídeo ou de fotografia, que, passando de mão em mão, ia captando imagens e sons desse dia que se tornou muito especial para todos, pois foi um momento de aproximação entre as gerações e também entre os jovens, que nunca tinham ido ao rio juntos.



FIG. 73: Fotografia de Júlia capturada durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 74: Fotografia de Júlia, capturada durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Almoçamos arroz temperado com suco na beira do rio, depois comemos o bolo de cenoura, enquanto os jovens e crianças brincavam e rolavam na areia, ao mesmo tempo em que algumas jovens cantavam canções à capela e outra gravava toda aquela algazarra. Os mais velhos fizeram uma fogueira e Luan brinca: “vamos passar na brasa aqui?”, fazendo analogia com a Festa de São João, momento em que, tradicionalmente, algumas pessoas passam descalço em cima da brasa que é espalhada no chão depois que a fogueira desmonta.



FIG. 75: Fotografia de Giovana, capturada durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 76: Fotografia de Giovana, que registra Raí comendo bolo e Geíse com o violão. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Voltamos na “hora mágica”, melhor momento para a fotografia, pois a luz do sol está mais avermelhada e por ser mais suave do que em outras partes do dia, deixa tudo dourado. Voltei do passeio no rio com a câmera, gravando o percurso de volta. Acompanhei Davi saltitando pelo caminho estreito que corta os campos da fazenda. Em fila, mas na volta andando de forma mais dispersa, a turma voltou carregando tudo o que levamos. Além da tralha, voltamos carregados de alegria, de prazer em estarmos juntos durante aquele dia.

Em um momento muito espontâneo, vejo Júlia, que andava um pouco a frente junto com Geíse e Diego, sair correndo pelo campo em direção a um limoeiro. Com o *zoom*, consigo gravar enquanto ela pega limão no pé, ao mesmo tempo em que Diego grita tentando amedrontá-la: “Ó o boi, Júlia”. Em seguida mantenho Diego e Geíse centralizados no meio do quadro e permaneço gravando um diálogo entre eles, enquanto Júlia vem do fundo do quadro carregando os limões. Ela fala para eu gravar a paisagem, “que lindo isso” e Diego comenta que eu estou gravando. Ela ri enquanto pergunta por que eu estou gravando ela pegando limão. Eles juntam as sacolas, decidem o “impasse” do violão entre Geíse e Diego e em seguida eu me viro para gravar a paisagem iluminada pelo sol, a qual Júlia havia se referido. Diego, fora de quadro, começa cantando: “Essa longa estrada da vida” e as jovens, depois de uma risada, continuam cantando a mesma música, enquanto andam pelo caminho. Esse material gerou o filme *Passeio no rio*, que montamos em um momento posterior.

3. PROCESSO FORMATIVO EM AUDIOVISUAL COM JOVENS NO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO: SEGUNDA FASE

Nesse capítulo, procurei relatar as experiências de gravação durante as festas na comunidade ao longo do primeiro semestre, sob a perspectiva de educadora e realizadora audiovisual, intercalando com relatos das jovens que filmaram naquelas situações. Optei por reunir sequencialmente as experiências de gravação de campo que aconteceram em momentos distintos ao longo do primeiro semestre de 2018, intercalados por outros encontros em que as jovens gravavam as proposições e outros em que assistíamos os materiais. Também considerei a montagem dos materiais filmados e a exibição que aconteceu na comunidade como parte do que intitulei como segunda fase.

3.1 Experiências práticas de gravação durante as festas

Ainda no início do processo de formação, o encontro que antecedeu a nossa primeira experiência prática coletiva de campo serviu para planejar as gravações de acordo com o que iria acontecer no dia da Queima do Judas²⁵ e combinar um encontro com três jovens - Luan, Geison e Vitor -, que fariam parte do Bando. Eles disseram que normalmente cada um deles vai para o mato para se preparar, sem que ninguém os veja. Daquele local eles saem e andam em direção à comunidade, mascarados. Adicionamos os jovens no grupo *Quilombo Digital*, para que eles pudessem avisar a hora que fossem vestir as máscaras e o local onde a equipe de gravação os encontraria. A maior graça da brincadeira é sair vestido no Bando, no dia da Queima do Judas, sem que ninguém descubra quem está por trás da máscara. Por isso mesmo, o mistério em torno do local onde eles iriam se preparar continuou até o dia da gravação, que aconteceu durante a preparação para os festejos da Queima do Judas e a saída do Bando. Nesse momento se deu o primeiro contato das jovens com o equipamento durante uma gravação de campo. Tivemos a oportunidade de aproveitar os movimentos das pessoas da comunidade em todos os momentos da festa e as jovens experimentaram as várias formas do corpo se posicionar para captar as imagens e o som e as relações com os outros corpos diante da câmera.

Logo após o almoço, reunimos quem iria gravar a preparação do Judas. Júlia, Thaís e Geíse assumiram a filmagem nesse momento. A montagem do boneco estava sendo feita por

²⁵ A Queima do Judas e a saída do Bando aconteceram ao final do mês de março, no ano de 2018.

Lindomar, tio das jovens. Orientei que aproveitássemos o momento em que ele fazia a confecção do Judas para fazermos perguntas e que também ficássemos atentas ao entorno e às pessoas que iam chegando para acompanhar, desde crianças, jovens até os mais velhos. O local onde Lindomar arrumava o Judas se situa bem ao lado do bar do Lei e de frente para a rua. Nenhuma das jovens quis fazer perguntas de início e uma delas operou a câmera enquanto a outra optou por segurar o microfone direcional nas mãos, sem a vara. Sendo assim, estimorei que gravassem as ações que estavam acontecendo, incluindo Lindomar rodeado por crianças e jovens que acompanhavam a chegada da palha, o movimento de amarração das bombas na estrutura de ferro e comentários sobre o cavalo que iria carregar o Judas.

Depois de um tempo, comecei fazendo a pergunta: “Dó, o que cê tá fazendo?” Ele respondeu: “Eu tô colocando a bomba no Judas”. Eu continuei: “E pra quê serve a bomba, Dó?” E ele completa: “Pra poder dar o estouro, né? E levar tudo quanto é mal que tem na comunidade, tudo quanto é trem ruim, que ele explode e leva com ele. Se é por causa dele que nós tamu pagando o pato nesse mundo, então hoje ele vai”. Ele contou onde surgiu a tradição do bando, que veio do Capão Clemente, região próxima ao Matição e que naquele ano ele não tinha construído o Judas de bambu, conforme a tradição. Antes, a feitura do Judas com estrutura de bambu era encabeçada por um ancião, tio de Lindomar, o Seu Dante, que hoje se encontra muito idoso e passou a machucar suas mãos enquanto trançava. Lindomar decidiu usar os conhecimentos da construção civil e fez uma estrutura de ferro de resto de obra, que seria preenchida com palha, folha seca e recheada por bombas.

Além de toda a preparação do Judas e do mistério que envolve os mascarados, durante a festa da Queima do Judas os estouros de bombas são constantes e os integrantes do bando andam pelo escuro assustando a todos. As jovens que se propuseram a registrar essa festa vivenciaram as dificuldades da escassez de luz, além do sentimento de apreensão e medo durante a gravação.

Minha interação com elas se deu enquanto filmavam, conversando e às vezes tocando no braço delas para que pudessem experimentar as possibilidades do movimento, além de indicar algumas posturas e posições. Elas também pensavam em soluções, do tipo: “mas é melhor tirar do tripé, não?”, “posso pegar a lanterna de Vovô pra iluminar?”, “quero sair correndo lá na frente do Bando, igual você falou do dia que gravou a procissão”. Elas se revezaram e gravaram todas as partes da festa, desde a preparação do Judas e a montagem do boneco em cima do cavalo, Sr. João cantando e capinando o lugar onde o Judas seria queimado, os jovens se preparando para o Bando no campinho de futebol, a dança dos

mascarados durante a festa e o grupo musical que acompanha o bando, até tarde da noite, hora da queima do Judas. Eu acompanhei as jovens até o momento antes da queima do Judas, deixando Júlia responsável por gravar a hora do estouro do boneco e também guardar todos os equipamentos após o término da festa, colocando as baterias para carregar. No dia seguinte, pelo grupo *Quilombo Digital*, ela me deu notícias sobre a gravação e perguntou se Luan poderia formatar o cartão, após transferir as imagens para o computador.

Os encontros que sucederam a gravação da festa foram reservados para assistir os materiais, conversar sobre o dia de filmagem e mostrar o material bruto para os jovens que participaram da gravação e o restante da comunidade. Esse material posteriormente foi editado e deu origem ao filme *Judas e o Bando*. Fizemos algumas sessões na salinha onde ficavam os equipamentos e também na Capela, onde montamos o projetor para mais gente poder assistir.



FIG. 77: Fotografias dos momentos de visionagem do material gravado durante a preparação do Judas e saída do Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao ouvirem a minha voz na gravação, perguntando ao Lindomar, “pra quê serve a bomba?”, o grupo de jovens presentes no dia riu muito, dizendo que minha pergunta era muito óbvia e que ele responderia outra coisa se fosse algum deles perguntando. Conversamos sobre a resposta, que incluía a informação de que, ao estourar, as bombas levavam as coisas ruins da comunidade embora. Eles entenderam que às vezes partimos para uma conversa com uma pergunta considerada “boba”, mas que daí pode vir uma resposta interessante ou gerar outra pergunta. Mesmo assim continuaram insistindo que a questão é que a resposta seria outra se eles fizessem as perguntas. Devido a essa reação no momento da visionagem do material,

percebi que havia alguma resistência dos jovens em relação aos adultos na hora de fazer perguntas durante a gravação.

Eu achei mais difícil no começo, assim, no começo do processo, era desenvolver as perguntas, eu ficava com medo de ficar perguntando alguma coisa, qualquer coisa eu tinha medo. Perguntar, falar alguma coisa e os outros ficar com raiva, ou então me dar uma “carada”, porque eu num guento. Se os outro me dá uma “carada”, eu vou lá e falo, ou então quando é mais velho eu fico com aquele trem pra mim, eu fico com um trem ruim. Quando a gente é pequena a gente tem curiosidade de tudo, mas nós perguntava tudo não. A gente perguntava coisa nada a ver, nem era da comunidade. Aí quando tá lá, tá dedicando pra filmagem, a gente entende, a gente vai aprendendo. Antes eu não perguntava não, até agora. Eu vou ter que habituar com isso, perguntar como era, o que foi, como foi a história. Porque tipo assim, cada um, você pode olhar, cada um tem um jeito de contar a história. Um conta de um jeito, outro fala que é isso que aconteceu, outro fala que é isso. Então a gente fica sem saber o que aconteceu de verdade. Tipo a gente tem que perguntar e antes eu não tinha essa habituação, não, de perguntar o que aconteceu. (Geise, 2019)



FIG. 78: Fotografia do momento em que assistimos o material da entrevista com Lindomar e os jovens ficavam rindo das minhas perguntas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 79: Fotografia do momento em que os jovens assistem à entrevista com Lindomar. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

É interessante notar pela narrativa das jovens, como o audiovisual abriu outra via de acesso ao conhecimento e como elas foram percebendo e tirando as conclusões a partir do que viram acontecendo. A questão por endereçar uma pergunta aos adultos e aos mais velhos foi algo recorrente ao longo do processo da oficina.

Além disso, ao ouvir as jovens, como educadora e alguém “de fora” da comunidade, compreendi que aquela situação revelou um aprendizado a respeito da tradição que se deu pela observação das diferenças que surgiram durante as gravações. A realização das imagens permitiu outro acesso à cultura e à história do quilombo, na medida em que puderam acompanhar, escutar e comparar com aquilo que elas consideravam que já conheciam.

Tem coisa que a gente perguntou [durante a entrevista com Lindomar] que nem a gente daqui sabia e é bom ter conhecimento das coisas, porque a gente é daqui. É bom conhecer a história daqui certinha, com detalhe, porque daí quando vier gente de fora perguntar a gente vai saber falar a coisa certa, não fica falando uma coisa que não existe, ou então querer inventar, tinha que ser uma coisa que realmente acontece. A gente era meio assim, a gente fazia perguntas, mas não tão importante pra gente mesmo saber. A gente perguntava algumas coisas, assim, deixava pra lá. Foi bom a gravação porque a gente ficou mais interessado nas coisas e a gente tinha

vergonha de perguntar e pessoa não querer responder, não sei. Com a gravação a pessoa via que a gente ia gravar direitinho, aí a pessoa já respondia normal, já respondia o que realmente acontecia. A gente ia perguntando e absorvendo as coisas que a gente não sabia e adquiriu muito conhecimento, né? Gravar é bem legal e é importante também numa festa. A gravação você vai guardar, recordar, quando você tiver assistindo você vai recordar duma coisa que já passou. Porque se você não gravar e não guardar nada, cê só vai lembrar na memória, mas é bom ter alguma coisa registrada, um DVD, uma coisa que você sabe que você vai poder ver qualquer hora aquilo e é bom também que dá pra comparar com os anos que vai passando. Aí cê vê como que é, como a festa mudou, quem veio, o que as pessoas fizeram de diferente, porque sempre tem uma coisa diferente...é bom comparar...as diferenças. (Thaís, 2019)

No encontro que antecedeu a Reza de Santa Cruz, celebração que acontece no início do mês de maio, planejamos como seria a gravação dos preparativos e tentamos organizar as funções de cada uma para gravar e captar o som durante a festa. Por causa do que aconteceu na entrevista com Lindomar, pensei que talvez fosse melhor se eu não estivesse junto das jovens, para ver se elas conseguiam, a partir daquele momento, achar formas de se organizar e lidar com os desafios e imprevistos que fossem aparecendo. Mesmo com essa questão, que surgiu a partir da gravação da Queima do Judas e saída do Bando, acertamos que eu acompanharia a gravação da Reza de Santa Cruz, que envolvia, durante o dia, o enfeite da cruz que fica no quintal da casa de Dona Nilse, a preparação da Cruz feita por Genário no alto do morro, e durante a noite, a reza no pé do Cruzeiro e a reza nas cruzeiras em cada casa até o amanhecer. No cartaz, escrevemos para registrar os combinados:

Reza de Santa Cruz

- Preparação do Cruzeiro (com Genário e Regina) – Geíse e Ana
- Preparação Cruz (casa Dona Nilse) – Thaís
- Reza (19:30) – Capela
- Caminhada (com lanterna) – Júlia (gravar áudio: passos, conversas, rezas)
- Cruzeiro (reza, velas, Candombe, fogueira) – Nós tudo
- Reza (em cada casa) – Quem aguentar

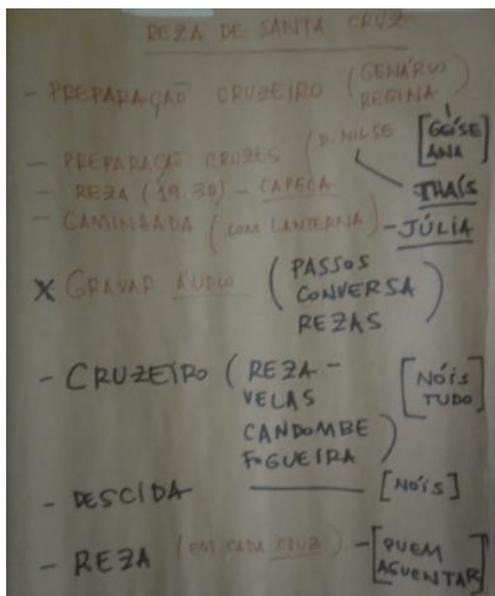


FIG. 80: Fotografia dos combinados para a gravação da Reza de Santa Cruz. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

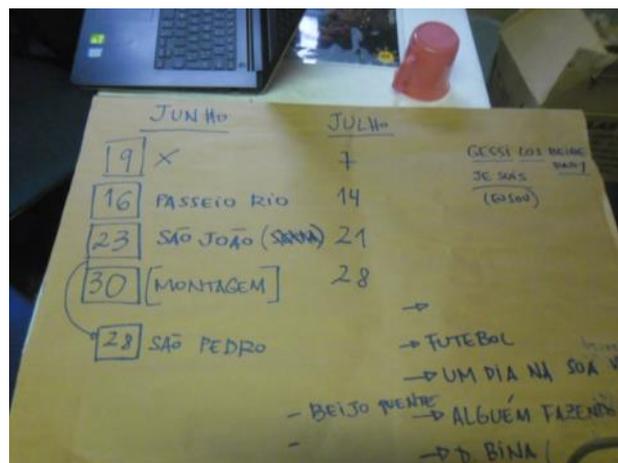


FIG. 81: Fotografia do cronograma de gravação do mês de junho. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Eu me lembrava da Reza de Santa Cruz, principalmente da parte em que a reza acontece aos pés do Cruzeiro, pois tive essa vivência durante as filmagens do documentário para o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), do Iphan. O ambiente trazia uma situação de gravação muito difícil, pois a reza no alto do morro acontece no breu da noite, contando somente com as velas no pé do cruzeiro e a fogueira que esquenta os tambus como iluminação. Recordo-me do momento do registro da reza, no qual decidimos não incluir nenhuma outra fonte de luz, de modo a não atrapalhar o clima e interferir na concentração ou firmeza das pessoas. Levamos uma luz de *led* bem fraca, que ajudou apenas a fazer alguns contrastes e captar algumas imagens, mas mesmo assim tivemos dificuldades. Por causa dessa memória eu me sentia na obrigação de acompanhar as jovens, mas isso não foi possível por causa da minha gata de estimação, que morava comigo e veio a falecer no mesmo dia em que deveria viajar para o Matição. O processo com a gata durou quase todo o dia e pelo grupo *Quilombo Digital*, fui informando sobre o que estava acontecendo, ficando evidente minha aflição por não poder comparecer à gravação na parte da noite, conforme havia combinado com as jovens. Júlia relembra o que pensou ao receber a notícia que eu não iria gravar com elas:

Isso aí foi bom porque foi a hora que a gente parou pra falar: “Ela não tá aqui, então tá na nossa responsabilidade, a gente tem que saber fazer”. Isso foi o que mais ficou na cabeça da gente, da gente querer fazer as coisas melhor. Foi isso que nos levou, a cada coisa que eu fazia, eu ficava pensando em como você falava que era. Eu sempre olhava esse negócio que você deixou ali escrito no papel. (Júlia, 2019)

As jovens seguiram o que havíamos planejado no encontro anterior, Geíse e Ana acompanharam Genário e Regina preparando a cruz que fica no Cruzeiro, situado no alto do morro onde acontece a reza na parte da noite e ali tiveram a oportunidade de perguntar sobre a promessa de fazer sempre a reza, que ele herdou do pai. Júlia gravou a decoração da Capela e Thaís gravou o processo de enfeite da Cruz que fica no quintal da casa de Dona Nilse, avó dela. Cada casa do Quilombo tem uma cruz, que no dia da Reza de Santa Cruz, é envolvida com papel crepom de forma muito particular. Ao longo da madrugada, depois que todos descem do morro onde fica o Cruzeiro, o Candombe acompanha os rezadores, que vão de casa em casa rezar em frente à cruz que foi enfeitada. A reza só termina na última casa do Quilombo, com o sol já no céu. As jovens gravaram até a hora em que acontece a reza e o Candombe no Cruzeiro, pois como tinham aula no dia seguinte, não podiam seguir os rezadores até de manhã.



FIG. 82: Frame da gravação de Thaís, no momento em que a avó dela, D. Nilse, começa a preparar a cruz que fica no quintal, com a ajuda de Giovana, sua neta. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 83: Frame da gravação de Thaís, no momento em que D. Nilse envolve a cruz com o papel crepom cortado. Davi, neto dela, acompanha, ao fundo. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 84: Frame da gravação de Thaís, no momento em que D. Nilse enfeita a cruz para a Reza de Santa Cruz. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 85: Frame da gravação de Thaís, no momento em que D. Nilse finaliza o enfeite da cruz.

Durante a nossa conversa, Thaís relembrou a gravação que fez naquele dia:

Quando eu gravei vovó aqui enfeitando a cruz, pra mim, quando eu tava gravando, eu achei que tava ruim, que eu tentava ficar parada e de vez em quando minha mão doía muito, então eu ficava mexendo. Eu falei: “Nossa eu tô mexendo, vai ficar tudo mexido”. Aí eu bati o branco, ficava bom. Aí do nada oxidava a luz e ficava mais escuro. Aí eu ficava preocupada: “Nó não vai dar pra ver”. Tipo assim, Vovó não ia começar a montar o trem tudo de novo pra mim gravar, aí eu tinha que “dar pause” e falar: “Ô Vó, perai um tiquim.”. Eu tinha que arrumar o negócio de novo, gravar de

novo e aí minha mão ficava doendo, os meninos ficava tampando a cruz, eu tinha que gravar a cruz, como é que eu mando eles sair? Teve uma hora, não sei se gravou, que eu mandei eles sair. Davi só ficava na frente da cruz, eu precisava gravar e Vovó não tinha outro dia pra montar, porque é no dia da Santa Cruz.. Mas ele não saía da frente. Depois, quando eu vi o resultado, pra mim tinha ficado ruim, mas que bom que você falou que ficou bom, né? Eu me esforcei o tanto que eu consegui e fiquei com a câmera parada muito tempo. Achei que eu nem ia conseguir, mas eu acho que com o tempo a gente vai pegando firmeza e já não vai sentindo dor. Eu não tava sentindo, eu fiquei muito tempo gravando, depois que eu comecei a sentir dor, mas foi bem pouca. Depois eu voltei e gravei tudo de novo. E é aprendizado também, quando tinha alguma coisa diferente, algum erro de alguma coisa, aí você dava um toque do que tava errado. Aí quando a gente ia fazer outra gravação, a gente lembrava e fazia isso que cê tinha falado com a gente que podia melhorar. Isso ajudou muito, porque um vídeo que eu gravei ficou mais escuro, aí no outro você ensinou clarear, bater o branco, aí ficou mais fácil. Ensinou pôr em uma posição pra não ficar tudo mexido, fortalecer mais as mãos, né? E é bom ter uma imagem mais certinha, sem ficar balançando, porque é ruim também pra pessoa que tá vendo. Como ela vai ver um trem tudo escuro, ou então sem som? Uma vez a gente gravou e não teve som, a gente esqueceu do som!! Aí a gente tá lá igual retardada gravando o trem, depois que a gente tinha acabado de gravar foi que a gente lembrou. Já era, a Coroação já tinha passado. Esse ano nós vamos tentar gravar, com som, gravar certinho a Coroação. Por esse lado também a gente se ligou, toda vez que a gente ia gravar a gente lembrava do som, que é muito importante. Como que grava uma coisa sem som? Era bom porque a gente errava, mas aprendia e lembrava das coisas. Com o erro ia aprendendo.” (Thaís, 2019)

Geíse recordou sobre o instante em que percebeu que elas iriam gravar os momentos da reza sem o meu acompanhamento e contou sobre o que refletiu em torno dessa experiência com a autonomia:

Na hora que você falou assim: Vocês vão gravar sozinhas. Eu tô assim: “O quê? Nós vai gravar sozinha mesmo? Sozinha sem ocê? Sem ocê falando pra nós fechar e abrir [a íris da câmera]? O que a gente vai fazer? Mas a gente não vai saber!” Mas aí você falou: “Não, vocês vai sim saber, eu acredito no seu potencial, você vai saber.” No começo eu achei que ia ser difícil, mas não, foi muito fácil. Aí a gente já tinha acostumado a fazer pergunta, quando surgiu, como foi, quem fez, quem não fez. Quando a gente foi desenvolvendo a gente mesmo, andando com nossos próprios pés, a gente foi percebendo que a gente depende muito dos outros, mas uma hora você vai ter que aprender a andar sozinho. Não sozinho, mas tipo assim, tipo o professor...o professor passou isso tudo procê, você vai andar a vida toda com o professor do seu lado, “Geíse faz isso, faz aquilo?” Não, você ensinou pra gente, então vai andar sozinho. “Eu não ensinei isso? Então, você já aprendeu, já sabe tudo que o acontece na câmera, já sabe o que acontece, ué? Esse trem tá preto, mas porque não tá mostrando? Abre [a íris da câmera] e tal.” Tipo, andar com seus próprios pés e ir na caminhada. Tipo assim, igual...não sei quem pegou a câmera e ela ficou escura....aí ela falou assim: “Ô Neca, como é que faz quando fica escuro assim?” Aí cê só virou pra ela assim: “O quê que a gente mexe pra ficar claro? O que a gente mexe quando fica escuro, pra mudar quando o ambiente tá muito escuro?” Aí a pessoa ficou captando lá atrás: “Ah, é isso !!” e foi mexendo nos arcos pra ver o que é. Você não falou com ela que é isso, que é aquilo, você fez que ela lembrasse o que é. Então, isso é muito bom. (Geíse, 2019)



FIG. 86: Sequência de frames retirados da gravação realizada por Ana e Geíse, no momento em que Genário prepara a Cruz do Cruzeiro, lugar onde acontece a reza na parte da noite. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Durante nossa conversa, Geíse relembrou como foi a gravação no alto do morro:

A gravação da Reza da Santa Cruz. Nú !! Solão estralando. Só sei que eu tava na Vovó, aí só o celular tocando: [D. Nilse] “É Ana que tá te ligando”. [Ana] “Ó Geíse, o Genário já tá lá em cima, vai começar a enfeitar a cruz, vamuu embora”. [Geíse] “Calma aí que eu já tô vestindo roupa e já tô indo.” Vesti roupa, subi, pegamos carona, subimos lá pra cima e chegou lá aquele sol quente...nós teve que abaixar a íris toda da câmera, porque o sol tava estrondando na nossa cabeça. E nós perguntando pra ele tudo que aconteceu. E depois à noite...as meninas criaram coragem pra subir sozinha...subiu sozinha no escuro, só via a lanterna...como eu moro aqui perto, é só subir o morro e ir, elas tinham que gravar de lá até o Cruzeiro...aí eu só olhando a luz lá embaixo e subindo. Depois na hora que eu vi chegando, eu já fui pegando na câmera, gravando. Foi muito bom que todo mundo ajudou, os meninos segurando o fio pra gente, aí um segurava a luz, outro ajudava quando tava gravando assim com o flash, nós aproveitava a luz, eu acho que foi muito bom isso aí. (Geíse, 2019)

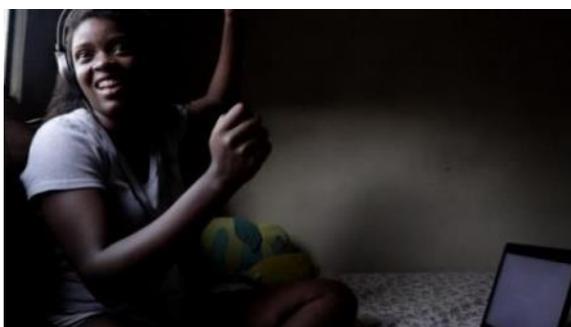


FIG. 87: Frame retirado da gravação com Geíse, no momento em que ela demonstra como usaram a luz e o flash do celular na hora da gravação da reza no alto do morro. (Quilombo Mato do Tição, 2019)

Enquanto Geíse pareceu ter se empolgado, Ana relatou sobre os desafios que enfrentou durante os vários momentos de gravação naquele dia:

No dia da festa de Santa Cruz a gente encontrou bastante dificuldade. Acho que não deu pra você vim, aí a gente ficou insegura: “Ah não, a gente vai ter que filmar essa festa sozinha? Vai ser só nós quatro?”. A gente ficou naquela preocupação toda: “Será que a imagem vai ficar boa, será que a gente não vai esquecer nada pra trás?” A gente ficou naquela preocupação na hora de arrumar os trem, de não esquecer nada pra trás...a gente ficou checando toda hora os trem. Eu e Geíse tinha combinado de ir mais cedo pra filmar e acho que foi a hora que eu fiz umas perguntas pro Seu Genário, quando ele tava arrumando a cruz de dia. Eu e Geíse ficou naquela correria toda, que a gente não tinha marcado a hora direito de filmar e pegou a gente de surpresa...ele antecipou a hora no dia, aí eu liguei pra Geíse e falei: “Nó, sai da sua casa, tá hora de filmar que Seu Genário tá subindo, senão a gente não vai conseguir pegar o enfeite da cruz...” Aí a gente subiu correndo pro Cruzeiro, aí no caminho a gente conseguiu pegar uma carona e aquele tanto de equipamento e a gente lá. Subir esse morrão com esse tanto de equipamento pesado. Na noite da festa, nós pegamos os trem tudo e fomos só nós, “Seja o que Deus quiser.” Aquela escuridão e a gente com medo, que aquela ponte ali todo mundo tem medo de passar nela de noite. Chegando lá a gente teve problema com a luz. A gente tava até com uma lanterna que a gente tava levando junto com nós. A gente teve um pouco de ajuda das velas...mais ou menos, deu pra quebrar o galho. Aí tinha umas pessoas filmando com o celular o pessoal tocando o Candombe. A gente foi lá e aproveitou a luz do flash na hora que o pessoal ligava, a gente aproveitava pra ajudar na filmagem. Isso foi uma das coisas que ajudou bastante, porque a lanterna não ajudava muito. A luz da vela é aquela luz amarela e não é muito boa...a do flash é aquela luz mais forte, mais clara...então era o que quebrava o galho. O som também ficava atrapalhado, a gente tinha que fuçar. Na hora de bater o branco. A gente sempre ficava esquecendo que tem que bater o “WB”. Aí a gente foi lembrando. Foi até bom a gente gravar sozinha por causa disso, porque tinha muitas coisas que a gente esquecia, aí na hora de gravar só nós, a gente precisava mexer na câmera pra descobrir. Igual cê falou, se a gente fuçasse lá na câmera não tinha problema, que não ia estragar. Só não podia deixar ela cair. A gente tinha o maior cuidado pra segurar a câmera e ficava fuçando nela até achar a solução pra imagem e pro som. Isso foi o mais difícil, foi marcante pelo tanto que foi difícil. Agora a gente fica lembrando: “Nossa, aquela penitência que a gente passou”. (Ana, 2019)



FIG. 88: Frame retirado da gravação com Ana, no momento em que ela descreve as dificuldades que teve durante a gravação da reza. (Quilombo Mato do Tição, 2019)



FIG. 89: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, que demonstram os focos de iluminação presentes na reza que é realizada no alto do morro, aos pés do Cruzeiro. Na figura, as pedras que servem de base para a Cruz, também recebem as velas ofertadas pelas pessoas da comunidade. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 90: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, que mostra os tambus que são usados no Candombe esquentando na beirada da fogueira. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

O material gerado pelas jovens contém um registro que vai desde a caminhada que elas fizeram totalmente no escuro, em meio ao áudio que capta risadas e cuidados entre si por causa da pouca visibilidade, até o Candombe, a reza do terço e os cantos entoados aos pés do Cruzeiro. Geíse permaneceu segurando o microfone direcional nas mãos e alternava de posição no meio dos mais velhos, enquanto rezavam e cantavam, trazendo para o primeiro plano a voz de cada um. Enquanto isso a câmera enquadrava as velas sendo acesas em primeiro plano, com os anciãos ao fundo.



FIG. 91: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens. Júlia coloca uma vela nas pedras aos pés do Cruzeiro. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 92: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens. Jovens da comunidade do Matição tocam os tambus durante o Candombe. O enquadramento considera uma luz lateral, que parece ser de um celular, na tentativa de criar uma possibilidade de registro no ambiente com pouca iluminação. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

No ensejo da gravação do Candombe, percebe-se como elas foram tentando diversas posições e maneiras que favoreciam os tocadores, além de preocuparem com a entrada de luz no enquadramento. Elas registram o momento em que Sr. Badú e Dona Bina, irmãos de Dona Nilse, descendentes de Benjamin de Siqueira, entoam músicas do Candombe e também quando os adultos aproveitam para ensinar aos mais jovens sobre os fundamentos da tradição, chamando a atenção deles sobre as responsabilidades em continuarem seguindo com os saberes dos mais velhos, que hoje se encontram muito idosos e já apresentam sinais de “esquecimento”.



FIG. 93: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, no momento em que registra Sr. Badu, ancião da comunidade, durante o Candombe. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 94: Frame retirado da gravação realizada pelas jovens, no momento em que registra Dona Bina, anciã da comunidade, durante o Candombe. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

No encontro seguinte à festa, assistimos o material que as jovens gravaram da reza e elas foram relatando as dificuldades, onde colocaram a câmera e posicionaram o microfone, apontando que Geíse ficou no meio da reza. Contaram animadas sobre as soluções que encontraram, ao aproveitar a luz do celular e quando pediram que outros jovens as ajudassem. Comentaram sobre os atrasos na saída da caminhada subindo o morro, do cabo falhando na

hora da captação do áudio, dos cartões que não tinham sido formatados antes de saírem para gravar e do tipo de roupa que usaram que não proporcionava liberdade de movimentos durante a filmagem. Elogiei muito a iniciativa delas, os enquadramentos e soluções, mostrei meu contentamento com o trabalho que fizeram. Conversamos sobre os equipamentos disponíveis, sobre os tipos de microfones e o uso da vara que possibilita ao captador ficar fora de quadro. Comentei com elas que Geíse só tinha conseguido captar o áudio se posicionando na frente dos mais velhos e colocando o microfone próximo da boca deles, porque ela é da comunidade. Fui fazendo essas distinções entre as formas de posicionamento durante uma gravação naquela situação, relacionando com a pessoa que está captando o som, a escolha do tipo de microfone e estratégias que podemos usar se não dispomos de determinado tipo de equipamento. Percebi que elas começaram a entender o processo de formação a partir da prática, experimentando se posicionar diante das diversas variáveis com as quais temos que lidar durante o processo de produção em audiovisual.

Esse material não foi montado e ainda aguarda que um dia seja revisitado pelas jovens, assim que elas possam ter disponível um computador que consiga suportar o peso do *software* de edição e dos arquivos de imagens. O *laptop* disponível na comunidade passou por várias formatações, mas mesmo assim não conseguia suportar o processamento das imagens. Isso dificultava o processo de arquivar os materiais que iam sendo gravados e a visionagem desses por parte das jovens. Coloquei meu próprio equipamento para esse fim, além de providenciar um HD externo com bastante espaço, de modo que pudéssemos contar com um local para salvar os arquivos que eram retirados dos cartões de memória da câmera de vídeo e de fotografia.

Durante todo o mês de maio, a comunidade realiza Novenas e Coroações na Capela. O Candombe se faz presente na hora da subida das bandeiras dos Santos, depois que uma procissão leva os estandartes para fora da Capela.



FIG. 95: Frame retirado de gravação realizada por Júlia, que coloca a câmera no tripé para registrá-la junto a avó e a tia, enquanto enfeitam o altar. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 96: Frame registrado de gravação realizada por Júlia, que mostra o altar enfeitado. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 97: Frame retirado de gravação realizada por Júlia, no momento da Coroação de Maria. (Quilombo Mato do tição, 2018)



FIG. 98: Frame retirado de gravação realizada por Júlia, que mostra a saída das bandeiras dos Santos de dentro da Capela. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 99: Frame retirado de gravação realizada por Júlia, que mostra a subida das bandeiras no mastro. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 100: Frame retirado de gravação realizada por Júlia, que mostra as pessoas da comunidade reunidas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Espontaneamente, Júlia decidiu gravar a decoração da Capela enquanto ajudava a avó e a tia, colocando a câmera em um tripé, e na parte da noite gravou a Coroação, com a saída das pessoas em procissão e o Candombe acontecendo logo em seguida. Nessa celebração percebe-se a forte presença das crianças, sendo realizada durante a semana e fazendo parte da rotina de rezas que são feitas na comunidade durante a Novena do mês de maio. Geíse segura o microfone direcional enquanto Júlia grava a imagem, captando “os vivos” e as cantigas do Candombe entoadas por Lei, pai de Júlia e por Dona Divina, uma das anciãs, irmã de Dona Nilse, que dança e abençoa os tocadores.



FIG. 101: Frame retirado de gravação realizada por Júlia e Geíse, no momento em que Lei, pai de Júlia puxa o Candombe. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 102: Frame retirado de gravação realizada por Júlia e Geíse, no momento em que Dona Divina, anciã da comunidade, dança e abençoa os tambores e os tocadores. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Acredito que o fato das quatro jovens terem feito a gravação do Cruzeiro sozinhas, pelo motivo de eu não ter podido estar presente, e também por ter reforçado a ideia que elas poderiam gravar o que quisessem, em qualquer ocasião, estimulou que Júlia tomasse a decisão de gravar a decoração da Capela, a saída da procissão e o Candombe posteriormente. Considero que o processo de apropriação da linguagem audiovisual se dá em momentos como esses em que elas fizeram as gravações sozinhas ou em que uma delas decide gravar. A intenção é que a oportunidade de gravar fizesse parte da vida delas e que pudessem lançar mão da câmera quando estivessem diante de algo que poderia ser registrado.

A Festa do Padroeiro foi filmada ao final do mês de maio e essa festa envolve muitas pessoas “de fora” e das regiões do entorno do Quilombo junto a uma procissão que conta com a presença do Reinado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Thaís e Geíse são dançantes do Reinado e sendo assim, Júlia e Ana se organizaram para gravar. Mais uma vez eu não tive como acompanhar a filmagem, pois o dia da celebração coincidiu justamente com a época em que passamos por uma crise generalizada de combustíveis e, dessa forma, não tinha como chegar até ao Matiçõ. Mesmo com a minha ausência, houve continuidade do processo de aprendizado das jovens autonomamente. Pelo grupo *Quilombo Digital*, fomos nos comunicando e elas se organizaram para realizar a gravação das imagens. Nos encontros que se seguiam às festas, assistíamos ao material e conversávamos sobre a produção, os planos e as dificuldades que tiveram. Esse material foi montado praticamente da mesma forma em que foi gravado, tornando-se um registro integral da procissão, da reza que acontece em frente à Capela e da Coroaçõ. Júlia e Ana comentaram que as pessoas se surpreenderam ao vê-las gravando a festa e a procissão.

Quando cê tá na festa, você tá aproveitando tudo o que tá acontecendo naquele ambiente. Você tá dançando, você tá conversando. Quando você tá gravando cê já tem aquela responsabilidade de gravar tudo o que tá acontecendo naquela festa. Então não tem como você aproveitar ao mesmo tempo a festa e filmar ela, porque cê tem que focar só numa coisa. Se a gente for filmar, cê tem que ficar se preocupando com a imagem, com o que tá acontecendo, com o som, se tá descarregando, se o cartão de memória tá cheio. A gente tem que se preocupar com tanta coisa, que cê acaba esquecendo que cê tá numa festa. Parece que cê já tá numa área de trabalho, você tem que focar naquele trabalho ali. (Ana, 2019)

Gravar uma festa envolve estar com outra disposição, diferente de quem participa da festa. Em princípio, para um jovem não participar da festa pode ser visto como uma perda, pois ao invés de aproveitar, ele tem que lidar com vários fatores de atenção. Mas, talvez, o que esteja em jogo seja essa mistura entre diversão, responsabilidade e reconhecimento.

Quando tem multidão assim e tá todo mundo se divertindo, parece que a câmera nem existe, ninguém percebe ela no lugar. Mas claro que alguns entre outros vai perceber, de noite por causa da luz. De dia, se você tiver lá e tiver multidão dançando, não vai incomodar ninguém. Agora, fica com umas duas pessoas e fica gravando ela assim, aí ela vai andando e você vai andando atrás dela pro cê ver. Perseguiçõ. Você fica assim: “Nó, mas que trem chato essa câmera, já tá chata, viu? Pode tirar esse trem.” Imagina se você chegasse na comunidade e não conhecesse nada, mas nada, e já ia lá gravar não sei o quê: “Gente o que essa menina tá fazendo aqui, pode tirar essa câmera daqui, não sei o quê.” Agora o pessoal já conhece, você foi lá: “Gente, nós vamos fazer o projeto de audiovisual, isso e aquilo e tudo mais”. Todo mundo já sabia: “Ah, ela é a Neca, gente boa e tá lá, ensinou os meninos a gravar, a fazer o trabalho”. A câmera lá, todo mundo vai curtir de boa porque já sabe o que você tá fazendo ali. (Geíse, 2019)

Durante nossa conversa, Geíse fez uma distinçõ a partir dessa experiêcia, entre quem filma “de dentro” e quem filma “de fora”. Assim como o ponto de vista de Ana, que

apesar de morar próximo ao quilombo, naquele momento frequentava algumas das festas pela primeira vez, demonstrou que tinha uma preocupação em não incomodar as pessoas, afirmando que existe um limite na hora de filmar, “tem que ter aquele cuidado na hora de não expor uma pessoa demais, de uma forma que ela não gostaria de ser exposta”. (Ana, 2019) O fato das pessoas conhecerem as jovens facilitou muito a aproximação, ficando claro que elas pertencem ao quilombo, que fazem parte, que não são de fora, pois naturalmente as pessoas de lá começaram a legitimá-las nesse lugar do registro, ao saberem que elas estavam frequentando uma formação em audiovisual. O interessante que é perceber que mais do que uma câmera “de dentro”, a câmera passa a ser relacionada com um saber, com um processo de formação. Elas fazem distinção ao se verem como pessoas “de dentro”, mas que também estão aprendendo e tendo contato com esse conhecimento.



FIG. 103: Frame retirado de gravação realizada por Júlia e Ana, durante a procissão do Reinado da Irmandade Nossa Senhora do Rosário. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 104: Frame retirado de gravação do Reinado da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, mostrando as dançantes do Reinado. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 105: Frame retirado de gravação, que mostra os tocadores do Reinado. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Depois das filmagens da Reza de Santa Cruz e da Festa do Padroeiro, momentos com situações de gravação bem distintas, as jovens passaram a ter mais autoconfiança na própria capacidade e demonstraram estar mais à vontade com os procedimentos de uso dos equipamentos, a preparação e os imprevistos. O aprendizado passou a ser percebido como algo processual e elas tiveram condições de mostrar que são capazes de se modificar e ocupar outros papéis dentro da comunidade. Perceber que as pessoas reconheciam o esforço e dedicação delas durante as gravações, fazia com que elas ganhassem mais confiança de que estavam aprendendo e que podiam caminhar sozinhas.

Agora que a gente tá gravando as festas tem gente que fala: “Ó o Euzébio!” Tem um fotógrafo em *Jabó* que chama Euzébio. A gente ficava quase 24 horas com a câmera na mão, gravando. A bateria acabou, colocava outra pra carregar e já ia pegando. O dia inteiro com a câmera na mão. Aí os meninos já ficam: “Ah Euzébio, vou contratar ocê, viu? Pra gravar o aniversário da minha filha”. Antes a pessoa nem acreditava que a gente podia gravar alguma coisa assim, que era nós mesmo. Sempre convidava pessoa de fora, aí nunca imaginei que os outros iam falar pra você tirar foto do aniversário da filha deles. Eles viram o processo, que a gente foi melhorando. Os outros falam que a gente é muito desastrado, pega tudo e já vai

quebrando. Desde o começo, olha a diferença!! Do começo de um vídeo pro final. No começo nós tava com você. Depois disso, quem teve que se virar? Nós. Igual professor. Ele te ensina a base e quando chegar na universidade vai tá a questão lá, que a base vai tá lá. Igual você ensinou pra gente: “A câmara tem isso, isso serve pra isso, pra aquilo outro”, você ensinou e a gente foi desenvolvendo a gente mesmo. A gente olhava o que precisava da gente melhorar, se tinha dúvida perguntava, a gente foi melhorando, melhorando, aí as pessoas foram percebendo essa melhora da gente em relação à câmara e foi gostando. (Geíse, 2019)

Na festa seguinte, que seria a Festa de São João, tínhamos combinado que eu estaria com as jovens. Acertamos que elas iriam gravar a preparação da fogueira e barracas durante o dia e, na parte da noite, eu iria gravá-las dançando quadrilha. Após a dança elas gravariam as pessoas “passando na brasa”, momento que acontece após a reza. A Festa de São João é a maior festa do Quilombo Mato do Tição, levando uma grande quantidade de pessoas de todas as regiões do entorno e “de fora” a ocuparem as ruas, o Bar do Lei e o terreiro de Dona Divina, onde é montada a fogueira de mais de 6 metros de altura e algumas barracas de comida e bebida. A casa da anciã tem um cômodo que abriga um altar sagrado onde acontece a reza, antes do levantamento do mastro com a imagem de São João, embalado pelo toque do Candombe e, no terreiro, acontece a passagem na brasa. Durante o dia recebi um áudio de Júlia pelo grupo *Quilombo Digital*, pedindo desculpas porque não tinha conseguido gravar o pessoal preparando a fogueira, pois tinha passado mal e que Geíse chegou lá no momento seguinte que eles já tinham “descido” a fogueira.



FIG. 106: Fotografia de Geíse capturada com a câmera de vídeo, que mostra a lateral da casa de Dona Divina e parte da fogueira montada para a festa de São João. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 107: Fotografia de Geíse capturada com a câmera de vídeo, que mostra a fogueira montada para a festa de São João. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Geíse relembrou o sufoco que passou quando chegou ao local e percebeu que ninguém tinha ido gravar a montagem da fogueira:

Nossa, esse é o foco. Júlia tava passando mal, eu tive que ajudar a fazer não sei o quê, Ana num desceu...na hora que eu cheguei lá em cima, cheguei correndo. Você lembra? Os pessoal: “Agora não precisa vim mais gravar, não”. Mas na hora que deu pra mim ir gravar eu fui !! Eu subi vazado, na hora que eu cheguei lá não tinha ninguém gravando, eu falei: “Nó !! Por que eu num vim cedo?” Antes eu tivesse falado: “Num dá pra fazer nada não, e ido lá”. Pensei que Júlia tava lá gravando, Ana tava gravando, alguém tava gravando, né? Cheguei lá, nenhum santo! Aí os povo ficou com raiva! Eles falaram que eu fui gravar depois que desceu a fogueira,

que eu não vi ninguém descendo a fogueira e que agora parece que qualquer pessoa pode chegar lá e falar assim: “Eu que construí a fogueira”. Eles ficaram com raiva pelo fato de não ter mostrado quem desceu a fogueira, quem pegou a lenha, quem isso, quem aquilo. Mas imprevistos acontecem. Se esse ano der pra gravar, nós vamos ter que gravar, se não: “O quê que cê tá fazendo aqui uma hora dessa?”. Isso aí não dá, de novo”. (Geise)

É interessante que a presença delas se tornou muito mais esperada por causa da situação de gravação. Como elas atrasaram, isso fez muita diferença, pois o trabalho de montar a fogueira tinha que ser feito conforme o tempo de costume, com ou sem filmagem. Chegando lá no Matição na parte da noite, a primeira notícia que tive de quem montou a fogueira, foi que as jovens não tinham gravado a “descida”, que implica em buscar a lenha, montar a estrutura da fogueira, empilhar os troncos e depois preencher com capim seco. Justifiquei, tentando acalmar os ânimos, dizendo que isso fazia parte do aprendizado.

Gravei a quadrilha junto com Maria Luíza e Emily, que são muito novas para entrarem no grupo de dançantes, composto basicamente de jovens. Depois desse momento, levei a câmera para casa de Júlia. Enquanto isso, na casa de Thaís, elas se maquiavam e trocavam de roupa, então avisei que a câmera estava no quarto dela e pedi que levassem o equipamento para gravar no terreiro da casa da Vó Divina.

Elas chegaram lá sem a câmera e, sendo assim deixei quieto, já que no meu ponto de vista isso era uma demonstração de que não queriam gravar. Depois de muito custo, quando conseguimos chegar perto da brasa para ver as pessoas passando, elas quiseram gravar. Eu pedi que ficassem ali e então saí correndo, peguei a câmera e consegui chegar até elas, mas foi só em tempo de ver o jovem Francis passar descalço em cima da brasa da fogueira, carregando o filho dele no colo. Elas pegaram a câmera e ainda tentaram gravar, mudando de lugar. Saíram no meio da multidão e foram para o alto do barranco, mas a falta de planejamento e iniciativa fez com que perdessem o *timing* da passagem na brasa.

Eu acho que todo mundo tava querendo ver a montagem da fogueira, e todo mundo perguntando: “Cadê a filmagem?” Uma achou que a outra tava filmando, achou que já tinha pegado a câmera, aquela confusão toda e eu lá em casa esperando. Era a primeira vez que eu tava na festa, eu tava doida querendo ver o povo pisando na brasa. Aí foi eu, você e Júlia. A gente tava na empolgação pra ver o pessoal passando na brasa e aí a gente esqueceu da câmera !! Aí na hora, eu falei assim: “E agora, como a gente vai gravar o povo passando na brasa?”. A gente ficou tão ansioso pra ver o pessoal passando na brasa que a gente esqueceu a câmera pra trás. Aí você saiu correndo pra pegar a câmera e mesmo assim a gente não conseguiu. E todas as festas são de noite. Eu nunca tinha vindo na festa, igual ao que te falei, foi uma novidade. Foi uma festa que me marcou bastante, apesar que a gente não conseguiu filmar. Você filmou a quadrilha, porque a gente dançou na quadrilha. (Ana, 2019)

Nesse caso, o desejo delas de ver a passagem das pessoas na brasa não coincidiu com a situação de filmagem, que requer uma preparação que de certo modo as distancia da

participação direta na festa. No encontro seguinte conversamos sobre planejamento e produção, como isso exige que elas combinem entre si para não irem sozinhas em uma gravação, como devem acertar horários e locais de encontro. Além disso, elas tiveram que lidar com a reação de descontentamento das pessoas da comunidade, que criaram expectativas com a filmagem.

A Festa de São João foi o registro que não aconteceu por falta de comunicação, de modo que uma pensou que a outra estava gravando a preparação da fogueira durante o dia, enquanto Júlia se encontrava indisposta para tal função, Geíse ajudava a tia com algum afazer e Ana esperava em casa algum sinal. Junto disso, a falta de iniciativa fez com que elas sentissem a aflição ao não conseguirem achar um local propício para a gravação e entendessem o motivo pelo qual era necessário se antecipar ao acontecimento que queriam registrar, garantindo assim o posicionamento no meio da multidão que se apertava para ver as pessoas passando descalças na brasa. Como a festa é famosa e a tradição de passar na brasa é algo realmente impressionante, muitas pessoas “de fora” registram, dificultando o deslocamento de qualquer pessoa que queira filmar esse momento. Este exige certa experiência e conhecimento dos acontecimentos da festa, de modo a conseguir se posicionar em lugares pequenos e cheios de gente, como no caso da hora da reza no altar sagrado de Dona Divina e em ambientes ao ar livre com uma fogueira ardendo em brasa, enquanto uma multidão ansiosa espera o momento crucial ao som do Candombe.

3.2 Montagem dos materiais e exibição na comunidade

Depois de várias tentativas frustradas em preparar o *laptop* da comunidade para o momento da montagem, decidi fazer um encontro introdutório sobre o programa de edição, projetando a interface para que todos os interessados pudessem acompanhar o passo a passo. Convidei o jovem Walney Alves, de 23 anos, que havia sido aluno da Escola de Arte e Tecnologia Oi Kabum! BH²⁶ na qual fui educadora entre os anos de 2015 e 2016, para me acompanhar, de modo que os jovens pudessem compartilhar conhecimentos e experiências com ele, que se formou na escola técnica e atualmente trabalha na área de Audiovisual. No mesmo dia levamos um HD externo que foi adquirido com recursos do projeto, onde coloquei todo o material que as jovens haviam gravado até aquele momento e incluí todos os materiais

²⁶ A Oi Kabum! BH foi uma escola de arte e tecnologia que oferecia formação nas áreas de Multimídia, Produção em Áudio e Vídeo e Artes Visuais. Era uma das quatro escolas do programa Oi Kabum!, iniciado em 2001 por iniciativa do Instituto Oi Futuro, que também criou e manteve escolas no Rio de Janeiro, em Recife e em Salvador.

que eu havia registrado no Maticão, desde 2010. Isso gerou um arquivo de fotografias e vídeos produzidos naquele ano, durante a primeira formação audiovisual com as crianças, fotos pessoais das minhas idas ao quilombo em 2012, 2013 e 2015, fotos de registro de festas que participei em anos anteriores, material bruto e editado, fruto das gravações que realizamos para o Inventário Nacional de Referências Culturais,²⁷ gravações e fotografias do processo formativo de 2018, vídeos exibidos durante a formação, além de filmes e curtas africanos e indígenas que gostaria de ter exibido para elas e para a comunidade, mas não encontrei oportunidade. Para mim foi fundamental reunir tudo o que tinha produzido com a comunidade ao longo dos anos, para que todos esses registros ficassem acessíveis. Dessa forma, senti que estava devolvendo o material que recolhi ao longo dos anos em que fotografei e gravei as pessoas dessa comunidade. Minha intenção foi contribuir, entregando nas mãos dos jovens um material para as futuras gerações, além de mostrar como cuidar desse acervo e como produzir novas imagens.

Walney foi comigo para falar sobre edição. Havia combinado com os jovens pelo grupo e me certifiquei que estariam lá a postos. Chegamos antes do almoço e Luan estava *na rua* cortando cabelo, Igor queria ver o jogo da Argentina, Júlia e as meninas estavam chegando da escola. Enquanto aguardávamos, eu e Walney montamos o espaço de projeção com ajuda da Ana Flávia e apresentamos pra ela “nosso bebezinho”, o HD externo. Giovana também ficou rondando a montagem da tela e do projetor. Depois do almoço chegaram Júlia, Igor, Ana, Geíse e duas outras garotas que visitavam o quilombo. Emily e Giovana também ficaram por perto. Abrimos o programa *Adobe Premiere* e fomos importando as imagens. Walney falou sobre a organização dos arquivos e como isso era fundamental na hora de abrir o programa e indicar onde o projeto seria salvo e qual era a localização dos materiais brutos.

Apresentamos a eles o HD externo de capacidade de 2 TB que estava sendo entregue para a comunidade, cujo valor espantou os jovens. Por ser um objeto extremamente frágil, caro e, ao mesmo tempo, conter tanta informação, fiz uso da analogia com o bebê, por causa do cuidado que se deve ter ao guardar, manusear e cuidar, que ele deveria sempre voltar para o “bercinho” dele, que seria a caixa e a proteção de acetato, que não poderia cair de forma alguma no chão, pois isso causaria danos irreversíveis a todo o material de arquivo que eles possuem. Abrimos os arquivos que salvei no HD externo de forma organizada, mostrando as pastas que continham diversos registros audiovisuais, incluindo os que elas haviam gravado até aquele momento.

²⁷ Registramos entre 2015 e 2017 manifestações culturais, entre elas: Festa de São João, Festa de São Benedito, Folia de Reis, Reza de Santa Cruz, Festa do Padroeiro São Sebastião.

Enquanto Walney mostrava as ferramentas do programa e os jovens acompanhavam pela projeção, eu escrevia em um papel *kraft* as teclas, comandos e traduções de palavras que estavam em inglês. Os jovens se mostraram bem interessados, inclusive os homens. Depois da introdução ao programa e alguns testes, usando algumas imagens que as jovens haviam gravado, Walney falou sobre algumas possibilidades de montagem e mostrou um vídeo clipe de música sertaneja, que estava editando. Os jovens adoraram, fizeram perguntas e questionaram: “por que ele estava dando aula, se você tinha dado aula para ele?”. Eu respondi que por ser de outra geração, ele sabe coisas que eu não sei em relação ao uso de tecnologia e possibilidades do software, e eu sei coisas que ele não sabe, por causa da minha experiência. Por isso a gente estava naquele momento trabalhando em dupla. Foi interessante porque tivemos a oportunidade de conversar sobre como o fazer audiovisual pressupõe uma coletividade, como a vontade em aprender tem que ser constante e como podemos compartilhar conhecimentos com outros que possuem habilidades diferentes da nossa independente da idade. A conversa passou pela relação entre trabalho e dinheiro, e como devemos ter empenho durante o tempo de aprendizado até atingir um nível profissional, que pressupõe habilidades técnicas, mas também comprometimento. Reforcei que alguns valores, como a experiência e o envolvimento são tão valiosos quanto o dinheiro, pois grande parte do aprendizado e dos trabalhos em audiovisual acontece “na brodagem” e no compartilhamento de informações, muitas vezes a formação se dá pesquisando por conta própria, assistindo a diversas produções audiovisuais, trocando ideia com outras pessoas e fazendo, colocando isso em prática. Conte para eles como o audiovisual me proporcionou momentos com pessoas e lugares que não conheceria se não fosse por causa das gravações, que sempre me deparo com situações onde a gente “bate cabeça” e como continuo aprendendo, mesmo depois de tantos anos de trabalho na área.

Percebi que a ida de um jovem que vem trilhando caminho no audiovisual provocou indagações nos jovens do Quilombo, e ao mesmo tempo, o encontro com outra realidade e território, despertou reflexões no próprio Walney, que se sentiu desafiado ao “dar aula” para outros jovens e ficou curioso sobre a história do Matição. Conversamos bastante no caminho de volta sobre o período colonial da história do Brasil, como a escravidão surgiu a partir da ideia de superioridade do homem branco e do racismo com os indígenas e africanos. Ao pisar no território do Quilombo, é impossível não pensar sobre a constituição dessa comunidade, que se forma a partir da tão falada “libertação” realizada da noite para o dia, sem oferecer nenhum suporte para aqueles que estavam sob o regime de escravidão. Como diz Dona Nilse,

“os antigos não tinham nem semente pra plantar”, e dessa forma muitos foram obrigados a permanecer nas fazendas onde trabalhavam como escravos, para não morrerem de fome.

Nos encontros seguintes, passamos a lidar com o material que as jovens gravaram partindo das proposições e registros das festas. Iniciamos com a montagem do conteúdo filmado durante a festa do Judas e a saída do Bando. Montamos na salinha uma mesa de edição, que incluía o *laptop*, um monitor de computador, que servia para que pudéssemos dividir as telas na hora da montagem, e *mouse*. Igor iniciou operando o programa e fomos fazendo o passo a passo, enquanto eu explicava as ferramentas e instigava a pensarem sobre os sentidos que íamos construir com as imagens.



FIG. 108: Fotografias do momento em que Igor opera o programa de edição, enquanto outros jovens acompanham. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Eles decidiram começar pelo corte das minhas falas durante a entrevista com Lindomar no momento em que ele confeccionava o boneco do Judas, criando uma dinâmica mais interessante, pois utilizaram somente as falas dele respondendo às perguntas. A partir do momento em que começamos a rever as imagens, com a intenção de escolher qual se encaixava na sequência que estava sendo montada, os jovens começaram a perceber que muitos planos que haviam sido gravados não seriam usados na edição. Nessa hora valeu ressaltar a responsabilidade do operador de câmera em registrar imagens com variações de planos, ângulos e tempos de duração, de forma que o editor possa ter mais possibilidades de escolha na hora da montagem e que o som direto deve ser bem captado tanto no microfone direcional quanto no *mic* da câmera, pois é muito improvável que se consiga “salvar” o som captado inadequadamente, na edição.

Em vários momentos percebia que eles estavam interessados, mas a dispersão e agitação, incluindo crianças pequenas que entravam e saíam da sala constantemente, dificultavam a concentração e a escuta dos jovens nessa etapa. Júlia e Geíse reclamavam que a dispersão tinha a ver com o fato delas não estarem mexendo no programa e que Igor não tinha paciência para explicar o que ele estava fazendo. Inicialmente as jovens não queriam montar os materiais que elas haviam gravado e naquele momento tivemos uma conversa para que elas decidissem o que faríamos com o material bruto, se não fosse editado. Depois elas

optaram por construir um sentido para o material com a montagem, já que dessa maneira poderiam dar visibilidade para o que gravaram, de forma a contribuir com a comunidade.

Decidimos que em outros encontros dividiríamos os materiais de acordo com o interesse deles e cada um seria responsável pela montagem de um filme. Com o trabalho separado em dupla e trio, o processo passou a fluir e daí consegui explicar detalhadamente cada etapa e ferramenta do *software*, enquanto operavam o programa. Júlia, Ana, Geíse e Thaís passaram a editar o material que gravaram do pastel feito por Rosaura e começaram a entender a relação entre som e imagem de forma independente um do outro, através das possibilidades de deslocamento e sobreposição do áudio em outra imagem que não era onde esse tinha sido originalmente captado. Elas visualizaram como a narrativa foi sendo construída, lapidando a entrada e saída dos planos e colocando na linha do tempo. Mostrei como o programa de edição permitia possibilidades variadas de organização do processo de montagem e elas foram decidindo qual caminho preferiam seguir.



FIG. 109: Fotografia de Geíse e Júlia assistindo o material gravado durante o passeio ao rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 110: Fotografia das jovens editando o vídeo O Pastel de Rosaura. (Quilombo Mato do tição, 2018)

Assim que decidiram se envolver mais intensamente com o processo de edição, percebi que Júlia ficou muito instigada em terminar o filme de Rosaura. Pelo grupo *Quilombo Digital* ela me comunicou que havia finalizado a edição com dificuldade, por causa dos problemas de funcionamento do *laptop* e perguntou se poderia tentar editar outro material. Pelos áudios gravados, expliquei a ela como salvar e exportar uma versão do vídeo e estimei que ela olhasse nos arquivos dentro do HD externo o que lhe interessava montar. Em seguida, assistimos o que foi editado, tiramos as dúvidas e intitulamos o filme de *O pastel de Rosaura*. A ideia inicial era que elas tentariam editar todos os materiais no *laptop* da comunidade e eu iria acompanhar presencialmente as montagens uma vez por mês, entre agosto e outubro, com o intuito de produzir os DVDs e exibir os filmes para a comunidade em novembro.

Cada uma das jovens vivenciou o processo de edição de uma forma, até um determinado estágio, mas foram unânimes em avaliar que se trata da etapa mais complexa do processo, em contraposição à etapa da gravação. A etapa de edição contribuiu com o entendimento de que todos os passos do processo de produção de audiovisual demandam seu próprio tempo, que estamos sujeitos a todos os tipos de imprevistos, variações e limitações, e que na montagem, a partir dos potenciais encontrados no material, torna-se possível dar a forma ao filme. O importante é que elas notaram a especificidade de cada etapa do processo. Durante o período de montagem, Thaís começou a fazer o curso técnico de enfermagem em Belo Horizonte aos sábados e acompanhou parte da edição do material gravado com Rosaura, que ela chamou de “cortar e juntar”. Júlia achou que gravar foi mais fácil e editar “foi a coisa mais difícil que teve, ainda mais com aquele computador, nossa senhora”. Geíse relatou a dificuldade em ver e rever o material bruto, para depois criar sentido entre as partes:

Nú! Pegar cada pedacinho do bruto !! Porque o bruto é assim, se tiver 2000 trem, você tem que assistir 2000 coisas ! Fica o dia inteiro lá assim, ó...assistindo tudo o que cê gravou. Gravar? Fácil demais, a parte mais difícil é a montagem. Cê tem que prestar atenção no mínimo que acontece. Se acontece uma coisa, você: “Nú !! Vou ter que tirar isso, porque não vai colar, não.” Tem que assistir cada pedacinho de cada vídeo, cortando e tacando pra lá [na *time line*], pra depois juntar tudo de novo. Mais difícil, edição, né? Pra juntar tudo. (Geíse, 2019)

Tentando lidar com as dificuldades técnicas causadas pelo equipamento de edição disponível na comunidade que avançaram pelo mês de setembro e ao visualizar o prazo que faltava para a entrega dos materiais editados e finalizados, de modo que pudéssemos produzir os DVDs, com inserção de logomarcas e encarte, decidimos que eu montaria com mais agilidade os materiais restantes e que, a cada encontro, exibiria o corte para elas contribuírem com a montagem e com as decisões de narrativa. Elas aprovaram a sugestão que fiz de editar o vídeo *Judas e o Bando* de forma não linear, em comparação com a ordem que gravamos acompanhando os acontecimentos do dia. Elas perceberam que a mudança na ordem de aparecimento dos jovens mascarados, que já de início apareciam quase que completamente vestidos no campinho de futebol, criava um suspense, pois as identidades deles só seriam reveladas depois, no meio do vídeo. Também aprovaram a trilha com as músicas de funk e conseguiram perceber que aproveitei somente a introdução de uma das músicas e cortei antes que a letra ficasse mais voltada para a putaria.

Na entrevista com Lindomar elas mantiveram a escolha de retirar a minha voz durante as perguntas, mantendo um ritmo que foi criado a partir das respostas dele sobre a tradição. Também escolheram manter as imagens que registravam todos os que estavam acompanhando a feitura do Judas, desde os mais novos até os mais velhos. Cobrimos alguns

áudios de pessoas, mesclando com outras partes do ambiente sonoro onde não havia alguém falando, aproveitando os sons que vinham do bar. Resolvemos deixar toda a parte do Sr. João cantando, mesmo que, durante a captação do som, o áudio do bar entrasse o tempo todo em cena. Além disso, optamos por manter o áudio onde aparece minha voz perguntando se Júlia estava com medo e pedindo para que ela desse um “pause”, de modo que eu pudesse ajudá-la a segurar a câmera naquele instante, já que ela estava tremendo. Nesse momento sugeri que colocássemos um “rec” em cima da imagem, para que ficasse claro que quem gravava interrompeu a gravação depois da minha fala. Elas ficaram animadas com as músicas que o Bando tocava e, a cada visionagem, percebiam elementos diferentes nas cenas e na montagem.

A situação de feitura do Judas, a saída do Bando e a queima do boneco, traziam muitos elementos interessantes para a filmagem e também muitos desafios que nem eu mesma sabia, pois em outro ano eu havia fotografado Lindomar fazendo o Judas de bambu e a saída de uma parte do bando de mascarados, mas nunca havia participado da festa inteira, nem tampouco filmado. Além disso, estava acompanhando as jovens no início do processo de formação, arriscando em estimular que elas filmassem a maior parte do tempo, todas as situações. Isso me instigou a selecionar esse vídeo para que elas comentassem no momento da pesquisa, pois ali havia sido o primeiro contato delas com a gravação de campo, durante uma festa.

No vídeo *Passeio no rio* optei por trabalhar a montagem na sequência em que foi gravada, incluindo uma pequena parte do trajeto que fizemos em bando, pela estrada de terra, e também a chegada ao rio, as brincadeiras, movimentos, interações das crianças, jovens e adultos. A montagem se utilizou imensamente do som, já que ele se fez presente o tempo todo, no som dos pés andando no cascalho, nos gritos, conversas e risadas, na água do rio correndo, nas músicas que as jovens cantaram e nas interações entre todos durante todo o dia.

Quando assistimos juntas ao primeiro corte, as jovens pediram para alguns áudios de conversas serem encobertos, de modo que não conseguíssemos entender o que elas falavam. Elas aprovaram o ritmo do vídeo, o tempo das imagens, planos e as músicas que entraram na edição final. Mostrei algumas imagens que estavam em lugares de cobertura, além de soluções que utilizei com o áudio, formando um extra campo que se complementa à imagem e produz sentido. Segundo elas, os áudios deixam o vídeo “muito mais engraçado”. Também selecionei esse vídeo para a pesquisa, pois além de ser o favorito das jovens, pela situação do passeio em si, também representa um processo em que a câmera passou de mão em mão e

captou imagens e sons espontâneos, que compõem um registro das relações, onde todos se reconhecem e se veem representados.

O vídeo *Vô João e as galinhas* é um registro que surge a partir de uma proposição: “Gravar animais e plantas: hortas, árvores, plantas usadas como remédio”. Elas gravaram uma conversa com Sr. João, avô delas, que explica sobre o cuidado com as galinhas. As jovens gravaram um único plano e sentimos a necessidade de outras imagens que pudessem contribuir para a montagem. Júlia pegou a câmera um dia e - sozinha - fez imagens do percurso, andou lentamente saindo da frente da capela e foi caminhando em direção ao galinheiro, revelando outras casas que ficam atrás da casa de Dona Nilse. Ao chegar lá, ela realizou movimentos de câmera mostrando o ambiente, planos das galinhas e do galinheiro, com diversos enquadramentos. Isso possibilitou montar uma narrativa que começa com o trajeto até o galinheiro e em determinado momento surge a voz de Sr. João, dizendo: “a primeira coisa que cês tem de fazer, é ter o cuidado, se ocês quiser ter resultado”. A montagem depois segue intercalando imagens do Sr. João falando sobre o cuidado com as galinhas e pintinhos com as imagens do galinheiro. Esse vídeo também integra o conjunto que as jovens comentaram para essa pesquisa, pois é carregado de significado afetivo, partindo da relação que elas estabeleceram com os conhecimentos do avô. O aprendizado que obtiveram, mediado pela proposta de gravação, surpreendeu as jovens, que não esperavam ouvir tamanho cuidado com a criação e o amplo saber que a atividade envolve.

No período que dispusemos, conseguimos finalizar oito vídeos, incluindo *O pastel de Rosaura*, entre eles: um vídeo que registrava as jovens aprendendo a tocar violão, durante as aulas da oficina de música, as brincadeiras de roda e de mão; outro que continha o registro das crianças durante a Coroação de Maria; outro que registrou o Candombe e a procissão no dia da Festa do Padroeiro, focando na presença da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que é formada por pessoas da comunidade; outro vídeo que foi realizado junto com as crianças mais novas, que registra uma conversa com Dona Nilse sobre os bordados que ela faz, além dos três vídeos que escolhi me dedicar com mais atenção nessa pesquisa: *Judas e o Bando*²⁸, *Passeio no rio*²⁹ e *Vô João e as galinhas*³⁰. Separamos 5 vídeos para compor o DVD final do projeto e, depois de finalizados, as jovens escolheram exibir para a comunidade os filmes *Judas e o Bando* e *Passeio no rio*.

²⁸ Judas e o Bando: <https://www.youtube.com/watch?v=vX0Iu2PflDs&t=6s>

²⁹ Passeio no rio: <https://www.youtube.com/watch?v=YxAEiHgnUpA&t=330s>

³⁰ Vô João e as galinhas: <https://www.youtube.com/watch?v=zEDStBYI-ps&t=1s>

A exibição aconteceu na Capela durante as comemorações do dia 30 de novembro, dia da Consciência Negra e no mesmo evento as jovens também tocaram canções que trabalharam durante a oficina de música. Montamos a tela e o projetor dentro da Capela e realizamos a exibição com presença de várias pessoas da comunidade, entre elas crianças, jovens, adultos e alguns anciões.



FIG. 111: Fotografia da exibição do vídeo Judas e o Bando na comunidade. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 112: Fotografia do telão, no momento da exibição do filme O Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 113: Fotografia da exibição do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

No momento seguinte, levei as caixas com os DVDs para a comunidade e naquele dia nos encontramos na parte central do Quilombo para que elas pegassem o material e distribuíssem em todas as casas, entregando também para aqueles que participaram das gravações.

Durante a nossa conversa, quando questionadas sobre qual dos vídeos chamou mais a atenção delas, Júlia responde que foi o do rio, assim como Ana e Geíse, sendo que Geíse também afirmou seu apreço por *Vô João e as galinhas*, pois considerou esse vídeo:

[...] muito interessante porque aprendi muita coisa. Pra mim galinha servia só pra botar ovo e pronto. Porque tem gente que come galinha, né? Eu num gosto de trem caipira, não. Pra mim, só botar ovo e beleza. Vovô falou que tem todo o processo da galinha, tem vacinação, tudo certinho, ração certa. Pra mim era pegar o milho, tacar lá e pronto. Comeu? Tá bom demais. E o *Passeio do rio* foi interessante todo mundo rindo, conversando e tudo mais.” (Geíse, 2019)

Thaís comentou sobre o que chamou mais atenção dela em cada um dos vídeos que foram apresentados:

No Bando foi a cantiga, que eu achei bem legal. É bom a gente assistir escutando, porque no Bando, quando eu tô vestida, eu não ligo muito pra música, eu não presto muita atenção na música, mas quando a gente tá assistindo a gente presta mais atenção e tem umas músicas bem interessantes. No rio tem cantiga também, as meninas cantando e todo mundo entrando junto, dançando, Sabrina fazendo gracinha lá atrás. Ninguém tinha vergonha, todo mundo entrava, interagia do jeito que sabia, se não sabia cantar, dançava. Emily empolgada, dançando e cantando mesmo e todo mundo reunido assim. Não tinha esse trem, “você sabe, você não sabe”, cada um faz o que sabe. E o do Vovô foi a criação, mesmo, o conhecimento, o cuidado que a gente tem que ter. Eu não sabia que tem toda uma fase, o que os pintinhos têm que

comer, que é tipo criança, tudo tem uma fase. Pra mim não tinha essa separação de meses, a ração certa pra crescimento. Foi bom saber, se caso a gente quisesse cuidar, a gente ia saber e é bom porque o Vovô sabe, porque ele tem criação. É uma coisa que é verdade, que a gente vê que é verdade, porque os franguinhos dele e as galinhas são tudo fortinho, tudo bem cuidado. Os cuidados que tem que ter com as galinhas é bom saber. É um conhecimento a mais, vai que você quer ter um pintinho, se você der qualquer tipo de comida você mata ele. É tudo questão de cuidado. (Thaís, 2019)

O cuidado, algo que chamou a atenção de Thaís no vídeo com o avô e que foi comum às outras jovens, se revelou junto a outras dimensões do processo de aprendizado com audiovisual, tal como está sendo descrito nesse trabalho, possibilitando fazer uma relação entre o cuidado com a criação e o cuidado com as imagens.

Quando perguntei diretamente sobre a exibição na comunidade e a distribuição dos DVDs, Geíse e Ana lembraram:

A exibição foi muito legal, na hora que a gente falou alguma coisa, todo mundo rachou os bico. Todo mundo prestando atenção, assistindo, foi muito bom: “Ah lá eu lá!! Ah lá, minha filha, meu neto”. Todo mundo assim, eu gostei super. A distribuição dos DVDs foi coletivo, todo mundo juntou e depois separou, foi lá na casa de tal, tal e tal. A gente foi e entregou no lugar. É assim, pegar DVD e distribuir pelo mundo afora, ”toma aqui DVD, pode levar”. Meu primo elogiou, muito !! Ele tá fazendo um projeto dele também na faculdade e na hora que entreguei pra ele: “Cê tá me entregando um ouro, minha filha, um ouro.” Eu tô assim: “Gente...isso é um ouro?” Eu cheguei mó assim, “toma um DVD”. Dei de boa, normal e ele tá assim: “Nossa, eu vou precisar super de vocês, cês vão ter que me ajudar muito.” É faculdade, ele tá no doutorado não sei das quantas. Sei que é professor de Geografia, tá fazendo faculdade, é doutorado não sei o quê. Eu não lembro. Ele foi até pra fora por causa do trabalho dele. Ele quer fazer um trabalho de livro com a gente. Ele escolheu o nosso quilombo pra falar, das histórias do Matição e tudo mais, nós contando. Nós e todo mundo em geral contando, acho que vai ser muito legal. Eu ainda não levei pra escola, mas vou levar [o DVD]. Toda vez eu esqueço. Eu tenho que levar pra escola, eu acho que tem muita gente mesmo da minha sala que vai gostar, meu professor de história então, acho que vai gostar bastante.” (Geíse, 2019)

Na hora que a gente viu, sentou todo mundo e ficou assistindo. A gente viu nosso trabalho e foi legal. A gente viu o que gente fez, algo que eu nunca sabia que a gente ia fazer. Chegar e gravar. A gente achou interessante na hora que começou a passar a gente nas imagens lá no rio, aí a gente ver nós próprio, dá uma vergonha...você mesmo vendo você...é muito estranho, é uma sensação esquisita...você mesmo vendo você sendo filmado. Depois quando a gente distribuiu o DVD foi uma coisa de orgulho. A gente ficou orgulhosa que a gente conseguiu gravar o vídeo da comunidade mostrando as tradições que tem, as culturas, coisa que muita gente não conhece, né? Porque eu não sabia que existia o Candombe, as músicas eu não conhecia. Depois que a gente viu isso tudo e viu que foi pro DVD e a gente podia distribuir pra outras pessoas, pra mostrar pra elas, foi muito interessante, foi muito legal. A vergonha diminui, cê vai vendo, cê acaba acostumando com cê vendo você próprio. (Ana, 2019)

O processo formativo em audiovisual fez com que Ana ficasse mais próxima das jovens e da comunidade do Matição, que mesmo sendo perto da casa dela, não significa que conhecesse ou participasse das festas. Júlia conta com satisfação sobre a realização dos vídeos:

Nós fez um vídeo, né? Isso aí já é uma coisa. Bastante gente tá vendo. Chega gente aí e fala: “ó”. Esse cara que chamou a gente pra fazer um livro em um projeto, ele tá chamando justamente por causa do DVD que Geíse deu pra ele. Ele viu e gostou. Ele ganhou não sei o quê na faculdade e ele tava querendo que a gente fizesse um vídeo contando tudo o que a gente aprendeu, essas coisas. Isso abriu bastante portas pra nós, eu acho. (Júlia, 2019)

Ela entende o processo formativo como conhecimento, pois traz a dimensão do aprendizado e da processualidade com que isso de dá, quando diz que “cada vez que a gente mexeu mais com aquilo, mais conhecimento que a gente adquiriu. Cada hora é uma coisa a mais que a gente observava e não tinha visto.” (Júlia, 2019)

Thaís, que não estava presente no dia da exibição dos vídeos na comunidade, comentou sobre a importância em perceber que o projeto foi finalizado e como elas podem continuar aprendendo:

Na exibição eu não tava, mas todo mundo falou. Igual mamãe tava falando, que foi uma coisa que teve começo e teve um fim. Teve o material pronto. Foi uma coisa que a gente quis fazer, quis aprender e não foi aquele trem chato “você tem que fazer”, não. Foi uma coisa divertida. Igual na gravação, tinha a gravação, tinha cantoria, tudo junto, mas tinha os dois trabalhos. Foi uma coisa bem interessante, aprender nunca é demais. Conhecimento é bom ter. Esse ano que tá perto da festa, eu pensei em pegar e gravar pra gente não esquecer, ver o que gente ainda lembra. Eu esqueci algumas coisas, mas quando a gente pegar pra gravar a gente vai lembrando e é bom pôr em prática, se não a gente esquece. Fez o negócio, aí pára, depois de um ano volta. A gente vai ter esquecido, não vai lembrar e é bom cada festa, pegar um tempinho e gravar. Tipo assim, uma Coroação da festa de maio? Grava a Coroação e todo mundo participando da procissão. Eu sempre participo por causa do Reinado. Mas se tiver alguma pessoa, tenta gravar. Se for uma conversa, uma brincadeira, uma festinha normal, pega e grava. Ao menos pra lembrar, pra não esquecer porque foi um curso muito importante pra nós, nós aprendemos muita coisa e é bom não deixar esquecido, é bom ficar assim, aceso. Quando tiver uma ideia, gravar. A gente sabe que a gente ainda lembra das coisas, é ruim quando a gente esquece. A gente quer guardar isso pra vida toda, quando a pessoa perguntar se pode gravar...pode gravar porque nós aprendeu. (Thaís, 2019)

A fala de Thaís revela a questão do esquecimento como algo que também acontece processualmente, da mesma maneira que o aprendizado. É importante que elas tenham percebido o risco de esquecer, sendo que isso diz respeito ao processo de aprendizagem com o audiovisual e também à vida em comunidade e à história do quilombo.

Ao mesmo tempo em que a relação com o conhecimento se deu por meio da própria percepção de se ver aprendendo e da satisfação que isso causou, fica evidente a sensação de levar algo que pode ser aprimorado, com continuidade, como descreveu Geíse:

A gente tinha o material. Uma coisa é você querer fazer o projeto audiovisual e você não ter equipamento pra isso. Outra é você ter e você não saber usar. Então esse projeto trouxe muitas coisas boas pra nós porque nós tinha tudo pra fazer audiovisual acontecer, todo mundo aprender. Festa acontecendo e tendo que pagar fotógrafo pra vim cá gravar, tirar foto daquilo. Foi muita coisa boa mesmo e a gente aprendeu muita coisa durante esse tempo, eu vou levar pro resto da vida sim, como ensinamento. Tipo assim, se a coisa tá parada, não vão deixar a coisa parada não.

Vamo lá, vamos ver o que dá pra fazer e correr atrás de um projeto pra desenvolver aqueles objetos e tudo mais. (Geíse, 2019)

Por outro lado, Ana percebeu como seu papel mudou também na família e nos lugares que ela frequenta:

A gente não era acostumado a ver nós próprio gravando e depois a gente se viu nos vídeos. Pra mim era algo muito difícil, né? Que eu nunca imaginava gravar, aquele tanto de significado, pra quê que servia, pegar numa câmera, ter a responsabilidade de gravar uma festa, de pegar todo mundo. Teve um tanto de festa de casamento do pessoal da minha família, aí todo mundo sabe que eu tava fazendo esse negócio de filmagem, aí toda festa que eu ia, o pessoal: “Ana, filma isso aqui”, “Ana tira foto disso aqui”. Todo mundo começou a me pedir. A maioria dos aniversários que teve eu que fico tirando foto de todo mundo. No casamento que a gente foi em Belo Horizonte, eu gravei uns negócio lá no casamento. Eu achei interessante, porque tipo assim, não foi um curso muito longo, mas teve um bom tempo. Pelo pouco que eles sabem que eu tinha de experiência que eu ganhei, eles já tava apostando em mim, que eu tinha capacidade de fazer aquilo. Eu achei interessante, o pouco que eu fiz do curso eles já colocaram a confiança que eu posso fazer isso, que eu consigo fazer. Eu achei muito legal isso. (Ana, 2019)

Ao assistir os vídeos, Ana comentou sobre como o processo de montagem dos materiais modificou o olhar dela quando assiste televisão atualmente:

Igual você falou, quando a gente assistisse novela ou filme a gente ia ficar reparando nas edições que eles fazem, quando tá filmando um rosto quando tá falando, depois eles passa pro outro rosto, aí depois eles mostram, tarde, noite, dia, mudando. A gente fica reparando isso tudo. Eu fico: “Ó o que eles fizeram, ó que doido!” (Ana, 2019)

4. NARRATIVAS DE JOVENS SOBRE OS FILMES PRODUZIDOS NO PROCESSO FORMATIVO EM AUDIOVISUAL

Em março de 2019, retornei à comunidade durante algumas tardes, para conversar com as quatro jovens que participaram do processo formativo. Esse foi um movimento crucial para o desenvolvimento do texto desta dissertação, pois a pesquisa, *Narrativas da Juventude do Quilombo Mato do Tição: vozes, imagens e sons de jovens quilombolas*, conforme o próprio título já endereça, busca dar visibilidade para as vozes dessas jovens, que além de compartilharem falas sobre as suas relações com a comunidade, com as tradições e o território, presentes no texto, também teceram reflexões e comentários sobre o processo de formação em audiovisual e sobre os filmes que produziram. Conversei com cada jovem separadamente, em sua residência, no local de escolha de cada uma delas. Gravei, com a devida permissão, imagens e sons enquanto assistiam aos três filmes que foram comentados: *Judas e o Bando*, *Passeio no rio* e *Vô João e as galinhas*. Levei meu *laptop* com os vídeos e cada uma assistiu usando o fone de ouvido, parando o vídeo no ponto que desejasse e comentando livremente sobre o que assistia. Às vezes eu solicitava que elas pausassem a visionagem, quando queria perguntar alguma coisa diante da reação delas ou estimular alguma memória. Procurei respeitar o tempo de fala e a personalidade de cada uma das jovens, percebendo as pausas e as diferenças de narração entre cada uma delas. Como as conversas sobre os filmes, o processo de produção e as reflexões sobre a formação surgiram durante a visionagem, aproveitei para fazer outras perguntas que não tinham diretamente a ver com o processo de produção e com os filmes, gerando falas que utilizei ao longo de todo o texto da dissertação e que trouxeram a individualidade do processo vivido por cada jovem, para além das perguntas que foram feitas a todas elas sobre os filmes.

Procurei conjugar as quatro narrativas simultaneamente, apesar de terem sido enunciadas em momentos distintos, baseando-me na sequência de *frames* que foram retirados de cada filme. Isso auxiliou a organização de uma linha para os comentários e, ao mesmo tempo, criou a oportunidade de sublinhar áudios presentes nos filmes e outras observações que ultrapassam o conteúdo desses. Optei por privilegiar as falas e comentários das jovens sobre os filmes e não a análise fílmica tradicional, já que a aposta dessa pesquisa é que as participantes da formação e realizadoras tinham muito a dizer. Além disso, essa escolha me possibilitou ouvir atentamente as reflexões delas sobre o meu trabalho como educadora e sobre as escolhas metodológicas que foram feitas durante o processo formativo. Dessa forma, encarei os riscos em ocupar simultaneamente as posições de educadora e pesquisadora e

busquei construir uma forma em que o texto abrigasse as vozes das jovens falando por si mesmas, assumindo os limites para a construção de reflexões mais aprofundadas e analíticas sobre o processo.

4.1. Judas e o Bando: registrando a tradição



FIG. 114: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 115: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

O filme começa com um mascarado batendo o chicote no chão de terra, ao som de uma trilha de funk. Em seguida os mascarados terminam de se vestir no campo de futebol, enquanto Luan, que trás no peito uma caixinha de som, ajuda recolhendo as roupas deles. A trilha sonora do vídeo vem a partir das músicas que eles escutavam naquele momento³¹. Júlia e Geíse iniciam vendo o vídeo e comentando:

Nó, Luan aqui tá com uma cara de criança. Nem parece que foi uns dias atrás. (Júlia) Ele enfia o troço no nariz !! (Geíse)

Depois de uma breve *mise en scène* dos mascarados no campinho, onde dançam e batem com os chicotes no chão, a sequência seguinte mostra a entrada da parte central do Quilombo, em frente à rua onde fica o Bar do Lei e o movimento das pessoas se aglomerando, enquanto aguardam a preparação do boneco do Judas.



FIG. 116: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. Na imagem, o dono do cavalo que vai carregar o Judas afaga o bicho. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 117: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. Na imagem, alguns trazem palha para preencher o boneco do Judas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

³¹ “Vida de solteiro”, MC CL https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=Uyx5JyYfCaI
 “Só cavucada”, MC Belo: https://www.youtube.com/watch?time_continue=21&v=KKrcge7gX2o

Ao rever as imagens, Júlia recordou sobre o que aconteceu no início da gravação:

Nó, nem tava lembrando dessa parte. O cara alisando o cavalo. Ah, os meninos chegando com a palha. (Júlia)



FIG. 118: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. Na imagem, Sr. Dante, ancião da comunidade, chega para acompanhar a feitura do Judas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 119: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. Na imagem, Sr. Dante se senta com a ajuda de Ana, Geíse e Emily. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Naquele momento, duas das jovens tinham ido até a casa de Sr. Dante, ancião da comunidade, buscá-lo para que ele acompanhasse a feitura do Judas. O cuidado dos mais jovens com os mais velhos fica evidente no vídeo, a partir do momento em que as jovens o ajudam a se acomodar em frente ao local onde Lindomar ia preparar o boneco. Ao assistir essa parte do vídeo, Geíse relembrou do momento em que foi buscar Sr. Dante para que acompanhasse a feitura do Judas:

Tio Dante, era quem fazia o corpo do Judas e era de bambu antigamente, sempre foi de bambu. Agora que Tio Dó usou a técnica que já tinha do bambu e fez de arame. Tio Dante sempre fazia, mas como ele já tá mais velhinho, ele não tá conseguindo fazer. Agora Tio Dó que tá responsável por fazer isso. Se nós que tava gravando não fosse na casa do Tio Dante pra buscar ele, pra ele ver, ele não ia ver construindo o Judas, ele não ia ver o Bando. Eu fui lá e falei assim: “Posso levar ele?” Aí elas perguntaram: “Vocês vão cuidar dele lá?” Perguntou se eu ia cuidar dele direitinho, se ia olhar ele. Eu falei: “Vou, pode levar?” Aí fui eu e Ana, fomos lá e trouxemos ele. Aí ele começou a perguntar sobre o Judas: “Quem que fez? Como é que tá?”. Eu falei assim: “Eu vou levar o senhor lá e o senhor vai ver”. Aí ele sentou lá. Tio Dó veio e ele perguntou pro Tio Dó porque não era de bambu e aí ele falou que esse ano foi de arame e tal. Foi muito surpresa pra mim. Se a gente não tivesse iniciativa de ir na casa dele buscar ele...porque é ele que fazia o Judas ! Ninguém ia buscar ele não. Imagina ele não ver? Ah, fiquei com dó demais, o que sempre fazia não ver o Judas, ué ? Na hora que eu fui tomar banho eu pedi Ana pra cuidar dele e ela cuidou direitinho. Aí ficou todo mundo cuidando dele. Não era só nós, todo mundo cuida dele, então, tava de boa, eu fiquei tranquila. (Geíse)



FIG. 120: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. Na imagem, Dona Divina, anciã da comunidade, acompanha o movimento. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 121: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. Na imagem, Lindomar conversa com Sr. Dante sobre a feitura do Judas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

O plano seguinte revela outra parte do local, as pessoas em volta do boneco e mostra Dona Divina, irmã de Sr. Dante, que observa o movimento, enquanto os parentes chegam e lhe pedem bênção. Na sequência Lindomar explica a Sr. Dante que naquele ano tinha feito a armação do Judas de arame e a câmera passa a registrar o movimento de Lindomar, enquanto amarra as bombas na estrutura de ferro. As crianças acompanham tudo em volta dele, enquanto Vitor, um jovem de *Jabó* amigo de Luan, ajuda a segurar as bombas.



FIG. 122: Frame retirado da gravação com Geíse, que observa a cena do vídeo Judas e o Bando, em que Lindomar amarra as bombas no arame. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 123: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Lindomar amarra as bombas no arame com a ajuda de Vitor (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Assim como da primeira vez que as jovens viram a gravação da conversa com Lindomar e a partir daí surgiram indagações sobre as perguntas que eu havia feito, no momento em que assistiam novamente ao vídeo, comentaram:

Você perguntando pra tio Dó: “O que você tá fazendo, Dó?”. Ai ele falou assim: “Tô colocando bomba no Judas”. Isso é engraçado porque se fosse a gente, ele ia responder: “Você num tá vendo quê que eu tô fazendo? Então pra quê você tá perguntando?” Mas como era você que era “de fora” ele respondeu calmamente o que tava fazendo. Nó, saiu uma parte aqui, ó !! Você não viu o que eu vi. Ele encheu aqui de bomba. Vitor, o short dele tá cheio de bomba. Você não viu? Eu vi. (Geíse)

Essa pergunta: “Pra quê serve a bomba?”. Foi inesperado, né? Porque a gente esperava uma resposta dele e ele deu uma totalmente diferente porque tava gravando. E porque cê tava lá, né? Se fosse com nós... (Júlia)

Eu lembrei daquela pergunta que você tinha feito: “Por quê coloca bomba no Judas?” A pergunta não foi bem específica, mas ele soube responder na hora. Ele não levou aquilo como uma coisa muito hilária, ele soube responder, explicou direitinho. Eu também não sabia pra quê servia a bomba. Eu acho que eu perguntaria a mesma coisa. Aí ele explicou que as bombas servem pra espantar os mal, todos os mal que existe lá no Matiçã, eu também não sabia disso. Aí eu fiquei sabendo, mas na hora eu também achei engraçado, mas depois eu fui entender, porque ele também explicou direitinho. Depois da edição não ficou engraçado. (Ana)

Thaís comentou sobre o conteúdo da fala de Lindomar, que durante a conversa conta onde surgiu a tradição do Judas e do Bando:

Eu acho muito interessante uma coisa. O Bando, pra mim, tinha começado na rua, em Jabó. Na verdade começou no Capão Clemente. O povo daqui e Tio Dó iam lá e foi lá que ele aprendeu a fazer o Judas. E lá eles aprenderam a fazer de bambu. Aqui começou a fazer de bambu, só que Tio Dante que fazia. Só que como ele foi ficando mais velho, aí com o tempo ele não tava conseguindo fazer mais, Tio Dó foi e usou a técnica que ele tinha aprendido no bambu e passou pra ferragem, fez de ferro. E foi bem criativo criar um Judas de ferro, né? E no ano passado que foi de ferro, deu muito mais estouro do que quando era de bambu, foi bem mais barulhento, eu achei mais legal. (Thaís)

Em seguida, Thaís contou como foi o momento da gravação com o tio dela:

A gente não escolheu certo quem ia gravar, não. Cada hora uma pegava a câmera e quem tivesse alguma dúvida ia e perguntava. Eu gravei, Ana também gravou e outras pessoas também que tavam do lado do Tio Dó foram fazendo perguntas, quem tinha dúvida. É muita coisa que a gente mesmo num sabia, como colocava as bombas. A gente via, mas não sabia certo. A gente aprendeu esse dia como que coloca direitinho, que coloca dentro do Judas, no meio da palha. Eu achava que era em cima que colocava. (Thaís)



FIG. 124: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Sobre a tradição de queimar o Judas e colocar bombas dentro do boneco, Júlia recordou sobre o quê o processo de gravação acrescentou à sua visão sobre aquele acontecimento:

A maioria das coisas a gente sabia. Eu sabia, mas tipo, meu pensamento era outra coisa. Igual a bomba que ele [Lindomar] falou que na hora que explodia levava o mal da comunidade, pra mim era outra coisa. Eles disseram que o Judas suicidou, eu acho que foi isso mesmo. Aí foi a forma deles matarem ele, sei lá. Eu não esperava que estourava pra levar o mal, não. Mudou meu modo de visão, viu? Porque na primeira vez que a gente viu foi muito engraçado mesmo, na hora que você perguntou “Pra quê que serve a bomba”? Porque é óbvio que é pra explodir, né? Agora, a gente faz uma pergunta achando que vai ser uma resposta e é uma totalmente diferente do que a gente pensa. Então, dependendo da resposta a pergunta deixou de ser idiota. Porque ninguém ia esperar que a resposta ia ser essa, né? (Júlia)

Enquanto assistia à conversa com Lindomar no vídeo. Geíse compartilhou o motivo pelo qual elas não quiseram fazer perguntas naquele primeiro momento de gravação da festa e o quê aquela conversa gerou de reflexão:

Nós tava insegura de receber uma resposta dele, e a gente tava com medo, sei lá, de acontecer alguma coisa. Nós tava sem criatividade pra perguntar também. Nós sabia que era história de Jesus, que Judas tinha traído Jesus e que era só isso, que eles tavam fazendo a encenação lá, queimando o Judas porque ele tinha traído Jesus. Aí nós aprendeu mais com essa gravação porque ele falou que faz o Judas e estoura pra atacar as coisas ruins e mandar as coisas ruins toda da comunidade embora. Eu não sabia disso não. Foi surpresa pra mim. No início, quando você perguntou, eu achei que era pergunta boba, idiota. Bem óbvia, porque ele tava fazendo, a gente tava vendo o que ele tava fazendo, mas tinha outro sentido, outro pretexto. Eu achei interessante, depois que a gente foi vendo...talvez uma pergunta boba faz total diferença porque uma pergunta boba esclareceu muita coisa que a gente não

sabia. As perguntas ajudam a gente aprender mais da comunidade, sendo que a gente lá de dentro não sabe o que é aquilo que eles tã fazendo, a cultura, pra quê que serve. (Geíse)



FIG. 125: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Sr. Dante acompanha o movimento da rua. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 126: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Sr. Dante toca caixa. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao rever o vídeo, Ana também se recordou do momento em que ela e Geíse foram buscar o Sr. Dante e contou o que sentiu ao gravar os anciãos da comunidade:

A parte do Sr. Dante. Eu não lembrava disso, não. Eu lembro que eu e Geíse foi lá buscar ele pra ele ver, aí a gente ficou doida caçando a caixa dele. Eu não sabia que caixa que era, porque eu não conhecia o instrumento. Aí a gente ficou doida caçando pra ele, aí depois eu fui lá gravar ele cantando, porque ele veio cantando com a caixa, né? Eu nem sabia que ele tocava, porque ele já tá de idade. Depois que a gente aproveitou que o Sr. João tava capinando, a gente aproveitou que ele tava cantando, aí a gente gravou ele cantando também. Eu achei interessante, porque ele canta bem, o Sr. João, e ele canta uns tipos de música que a gente num é acostumado a ouvir, que também são músicas muito antigas, que vai de geração em geração. Eu gostei muito de gravar ele. (Ana)



FIG. 127: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Sr. João capina o lugar onde o Judas vai ser queimado. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao ver essa parte do vídeo Thaís, que até aquele momento não tinha acompanhado a montagem dos materiais gravados, comentou sobre a edição final, além de refletir, a partir das imagens do avô capinando, sobre como a comunidade do Matição atua:

Eu gostei da montagem porque não ficou uma coisa muito longa de dia, separou as partes importantes de dia, de tardinha e de noite. Tem todas as partes certinhas. Também é bom lembrar que o Bando, a cultura daqui do Matição, é tudo em grupo, né? Não é nada individual, cada faz uma coisa. Os meninos vestem, sem o Bando não tem Judas. Os meninos vestem, Tio Dó faz o Judas, monta bonitinho, arruma cavalo, aí tem os que canta. Vovô...Eu vi aqui no vídeo que ele limpa, ele sempre tá limpando e sempre limpa os trem cantando e ele canta umas músicas bem bonita. Ele sempre gosta de fazer as coisas cantando. Olhando as culturas daqui tudo é assim, é todo mundo junto. Não tem nada tipo “vou fazer sozinho” ou “tal pessoa vai fazer isso e eu não vou ajudar”, não. É todo mundo ajudando todo mundo. Aí sai uma festa organizada, todo mundo participa e todo mundo gosta. (Thaís)



FIG. 128: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Sr. João canta para a câmera. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao assistir a parte em que o avô dela capina e, em seguida, se vira para a câmera e continua a cantar, Geíse recordou com empolgação sobre a relação dele com quem estava gravando:

Essa foi muito engraçada. Ele nem viu que tava gravando, ele tava capinando. Aí ele tá nem prestando atenção. Aí ele começou a olhar pra câmera e esqueceu o que ele tava fazendo, ele foi capinar o mato e tá lá no meio fio, aí Jesus. Vovô, do nada, você chega lá e ele começa a cantar, do nada ele canta. Tipo assim, ele já tava cantando, aí ele viu a câmera, ele começou a prestar atenção. Geralmente a gente é assim. Quando a gente tá tipo do nada, sem câmera, sem saber que tá gravando, você vai e faz qualquer coisa. Aí quando tá gravando, parece que a câmera vai te seduzindo, aí você fica lá sem saber o que faz olhando

pra câmera, como se ela fosse um bicho te olhando. Você fica assim “O quê que é isso?”. É tipo isso, ele ficou olhando, prestando atenção em quem tava gravando, cantando pra quem tava gravando, na verdade. Eu acho que ele ficou meio constrangido com a câmera, mas mesmo assim isso não deixou ele parar de cantar. Nessa parte aqui também foi interessante porque, ao mesmo tempo em que ele lá capinando, cantando procês, pra quem tava gravando, no bar tava tocando música e os povo do Bando tava cantando música do Bando. Mesmo assim isso não impediu dele cantar a música dele, não. “Tá tocando lá, mas eu vou cantar. Se os dois tão cantando eu vou cantar também, ué!” (Geíse)

A paisagem sonora do Matição, naquele dia de festa, misturava as músicas do Bar do Lei com o som das pessoas conversando e jogando truco, crianças e jovens brincando, correndo, chorando e falando e o movimento de alguns carros e motos que cruzam pela única rua central. Conforme avança o movimento de preparação da festa e chega a hora de colocar o Judas montado em cima do cavalo, a presença de outros sons, gritos, instrumentos, músicas do Bando e as comemorações ficam mais intensas.

Ao assistir a parte do vídeo em que mostra os jovens se dirigindo para o campo de futebol para trocar de roupa, Ana recordou que Júlia estava gravando, enquanto ela segurava o microfone e como elas se comportaram diante daquela situação de filmagem com os mascarados:

Tem umas coisas que eu tô vendo que eu nem lembrava. A parte que eles tavam arrumando o Judas, também a parte que os meninos tavam se arrumando pra festa, mascarados. Eu lembro que foi um dia bem corrido, nós subimos pro campo correndo, que os meninos tavam chegando, mas a gente não sabia direito a hora que eles ia chegar, a Júlia tava gravando no dia, aí nessa hora eu tava ajudando a segurar o microfone. Eu lembro que eu tava gritando demais, eu e Júlia, que a gente tava com medo e também a gente tava numa correria pra gravar, porque também já tava escurecendo. A gente desceu a estrada correndo pra pegar eles chegando, pra aproveitar a luz de uma Kombi, de um carro que tava vindo. Aí a gente desceu correndo pra aproveitar a luz, a gente chegou e gravou mais um pouco lá embaixo. Eu fiquei com medo da velha. (Ana)



FIG. 129: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que os jovens se direcionam para o campo de futebol para trocar de roupa. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 130: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando no momento em que os mascarados saem do campo de futebol e andam pela estrada. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 131: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que aproveitamos o carro passando para gravar usando a luz do farol. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 132: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que os mascarados se aproximam da parte central da comunidade. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Thaís, que naquela hora da gravação já havia se retirado para se vestir de mascarado para a festa, comentou ao assistir a parte do vídeo que mostra os jovens caminhando para se aprontar no campo de futebol:

Eu achei engraçado, porque os meninos que vestiram lá no campo gostam muito de funk, tinha que ter, combina com eles. Achei bem legal. Também já imaginava que ia ter música de funk. Eu acho muito interessante nessa parte também do vídeo que aparece Tio Dante, tantos anos que ele canta e acompanha o Bando, ele não esquece as músicas. Ele sabe tudo de cor, certinho, nunca erra. Ano passado ele tava tocando bem mesmo, tava forte e tá até hoje. Agora ele tá meio debilitado e não consegue acompanhar muito, mas mesmo assim ele gosta muito de acompanhar, de saber. Tio Dó fez o Judas de ferro, ele foi lá ver, porque ele sempre fez de bambu e ensinou a fazer de bambu também, né? E nunca tinha visto de ferro. Foi uma novidade pra ele e ele gostou muito de ter uma mostra diferente do trabalho que ele fazia, há muito tempo. Achei interessante. (Thaís)



FIG. 133: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Assim que começa a sequência de imagens que revelam os mascarados do Bando, Júlia comentou sobre a sensação que sentiu durante a gravação:

Medo, eu tenho muito medo desses trem. E muitas vezes também eu fiquei meio que estressada, né? Porque sei lá, o povo muda o jeito de agir quando tá gravando, às vezes incomoda demais. Ah, esses trem me dá uma coisa. Eu sei quem é, mas eu fico com medo. Não é nem tanto pela pessoa, a fantasia. Como os outros falam que isso aí é os demônio que ia tentando Deus, né? Eu sinto uma sensação meio ruim, uma coisa, não é bom não. Sei lá. Antes eu ficava dentro de casa que eu tinha muito medo. Aí eu comecei a vestir com as meninas pra perder o medo, foi uns três anos. Aí não foi adiantando nada não, porque eu continuei com medo. O dia que eu fiquei sem vestir eu tava com muito medo e na hora que eu fui gravando eu continuei com medo, nenhum minuto parou, não. Estar com a câmera me ajudou porque eu parava de preocupar. Eu não tava ligando, eu ficava mais prestando atenção no que eu tava fazendo. Agora, se eu tivesse deixado a câmera lá e não tivesse alguma coisa pra me distrair eu ficaria mais pensando aquelas coisas e ficaria mais com medo. (Júlia)

Em contraponto, Thaís revelou como se preparou para a saída do Bando e como se divertiu ao ficar irreconhecível diante das jovens que estavam gravando aquele momento:

Eu nunca tive medo, nunca tive medo de mascarado. Eu comecei a vestir com quantos anos, hein? Giovana e Aninha era muito novinha quando eu comecei a vestir. Júlia até vestiu um ano, que eu não sei como, mas vestiu com medo. Ela era mascarado e tinha medo. Era muito engraçado, a pessoa vestida de mascarado, com medo dos outros mascarados. Toda vez que vinha um mascarado bem estranho, esquisito, ela ficava: “Ai Thaís, tô com medo”. Toda hora ela ficava com medo. Aí eu ficava: “Júlia, você vestiu, você é um mascarado, você tá com medo de outro mascarado, como assim?” Eu acho que já vesti uns três anos já, ou mais. Acho que comecei com uns 12 ou 13 anos de idade. Teve um ano

que eu não vesti não, eu não arrumei roupa, tava em cima da hora. Vovó que arruma minha roupa todo ano. Ela e mamãe que saem catando as roupas feia e estranha e dão pra eu vestir. Quem sabe, reconhece. Eu visto sempre com as roupa de Vovó, umas calça que ele usava, só que aí ele ficou magrinho e eu sempre me visto com elas, mas ninguém reconhece porque ele num usa essas roupas. Eu pego as que ele não usa. Eu gosto de vestir. A gente veste no mato porque se a gente sair daqui, a pessoa vai saber que saiu daqui o mascarado, que ele é daqui. Então a gente prefere vestir numa casa de uma pessoa diferente, ou então no mato, que a gente sai e ninguém sabe. No mato pode ser qualquer um. Ninguém sabe ao certo quem é. É fácil saber por causa do meu cabelo, que não tem como esconder. Eu consigo esconder alguns anos, mas tem outros que não. Igual ano passado, eu escondi, só que meu cabelo foi depois e soltou. O povo descobriu que era eu por causa do cabelo. Às vezes é ruim ter muito cabelo. Se ocê fizer um coque a máscara num tampa o volume, sabe? Cê tem que fazer uma coisa pro cabelo ficar assim, pra baixo, pra não dar volume. Aí eu prendo ele assim, coloco um turbante, uma tôca, um tanto de trem, pra ficar com volume de pano, mas não de cabelo. Mamãe que arruma esses trem, essas bagunçaiada. Nesse ano eu acompanhei tudo até acabar de montar o Judas. Eu parei de gravar e fui vestir, na hora que os meninos tavam saindo pra ir vestir no campinho, que as meninas foram gravar. Aí eu peguei minha roupa e subi pra vestir com as meninas lá embaixo. Eu vesti lá no mato, lá embaixo perto da casa de Laíde. Aí desceu eu, Tetê, Daniel, Diego, a gente vestiu tudo junto. Eu ficava olhando as meninas gravando, aí elas ficavam querendo saber quem era, elas não sabiam quem era. Elas ficavam só perguntando e eu ficava só rindo, elas não sabiam que era eu, não. Eu achei bem engraçado. Depois que elas foram perceber que era eu. Acho que a primeira que descobriu que era eu foi Geíse, aí depois todo mundo descobriu. (Thaís)



FIG. 134: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Geíse, que participou da gravação do Bando e naquele ano não se vestiu de mascarado, lembrou como perdeu o medo quando era criança e como se divertia ao assustar as outras pessoas enquanto estava vestida com a máscara:

Eu tenho medo nenhum. Antes, quando eu era menor, eu tinha medo. Se eu não me engano eu tinha medo. Mas quando eu comecei a vestir e saber, porque quando a gente é criança o povo fala assim: “É uma pessoa que tá dentro, é essa pessoa que tá aí dentro”. Se ocê não vê, cê não vai acreditar que é aquela pessoa que tá lá dentro, não. Mas quando você veste, pequeno e aí você já vai aprendendo, rindo, fazendo medo nos outros, porque o engraçado é fazer medo nos outros, você racha os bico lá dentro. Aí você num tem mais medo não, porque cê já sabe que é uma pessoa que tá lá dentro, que tá zoando com a sua cara, só pra rir mesmo e tal. Eu perdi o medo. Antes eu vestia, eu acompanhava o Judas. Eu vestia até acabar. Na hora que falava que ia estourar o Judas, na hora que ele chegava no bar, eu tomava banho e voltava pra ver estourar ele, porque você ficar o dia inteiro com essa roupa não é fácil, não. Com aquela máscara, Cruz Credo ! Esquenta demais. Nós divertia bastante, ficava o dia inteiro dançando, fazia tudo quanto há. Antes, o Bando ia até lá na fazenda de baixo. Saía mais cedo e ia lá embaixo, pra depois subir. Eu acompanhava até lá embaixo, sempre. Até lá embaixo e até chegar lá em cima, o dia inteiro até chegar de noite. Era muito legal. (Geíse)

Thaís e Geíse, ao assistirem o vídeo, fizeram uma distinção entre participar da saída do Bando como mascarado e filmar uma festa:

Quando você tá participando do Bando você não tem responsabilidade nenhuma, você tá ali pra curtir o Bando, fazer bagunça e fazer gracinha. Agora quando cê tá gravando cê tem uma responsabilidade de gravar, de cuidar dos equipamentos, de achar um jeito porque você tem que gravar, tem que achar um jeito. Se tava muito escuro você tinha que achar um jeito, mesmo no escuro, com pouca luz, você tinha que registrar aquele momento, você tava ali pra registrar e só tinha esse dia, porque o Bando é só um dia, então cê tinha esse dia pra gravar e tinha que gravar. Se não gravasse não ia ter a gravação do acontecido. Acho que essa é a diferença, por um lado é diversão, por outro lado é responsabilidade. (Thaís)

Gravar é mais trabalhoso, você tem que prestar atenção no lugar que você tá indo, tem gente que tem medo e tem gente que não tem. É mais difícil, você tem que ficar lá, pegar os detalhes mais interessantes dos povo dançando, os povo isso, os povo aquilo. (Geíse)

As jovens lembraram as dificuldades técnicas que surgiram no decorrer da gravação ao lidarem com a câmera, os movimentos e funções que equilibravam a íris da câmera e temperatura de cor da luz:

Era uma correria pra gravar e a gente tinha que acompanhar tudo pra filmar, pra não perder nada. Na hora de pegar a câmera que a gente tinha medo de quebrar ela e um pouco de dificuldade na hora de gravar mesmo. E também na hora do ambiente, por causa dos barulhos, porque tinha hora que a gente queria pegar uma fala ali, mas saía muitas outras conversas atrás. E também porque fica mudando o tempo, aí muda também a cor, tinha isso também. Na hora a gente esquecia o quê que tinha que apertar pra bater o negócio lá do branco, bater o branco. Era por causa disso mesmo, era onde eu encontrava mais dificuldade, porque eu ficava esquecendo muito. (Ana)

E teve a dificuldade com a luz. A gente pegou uma lanterna só que não foi muito bom, não, né? Porque tinha que ficar apontando nas pessoas que queria filmar e não pegava todo mundo. Meu braço ficou doendo demais, aí foi passando o tempo fui acostumando. Todo mundo filmou. Na hora que cansava a gente trocava, né? (Júlia)

De dia, tem a claridade do sol. Aí você tem que ficar lá olhando, porque o sol vai mudando. De acordo que o sol vai mudando você tem que ir mudando também a posição...como é que chama? A íris, eu acho é a íris mesmo da câmera, porque é de acordo com a luz do sol. A luz tá clara, aí você vai lá fecha, aí se tá escuro você vai ter que abrir. De acordo com a rotação, aí vem o sol, depois entra a lua, de noite foi mais trabalhoso por causa da luz. A luz foi embora, num é muito clara a comunidade, aí foi mais difícil, teve que trabalhar com a lanterna. Não podia tacar a lanterna na cara dos outros, então teve que ficar assim, pra não atrapalhar os outros. Tipo, nós fazia nosso trabalho, sem atrapalhar a diversão dos outros. (Geíse)

Sobre como elas se movimentavam durante a festa, com a intenção de gravar o grupo de mascarados dançando e os tocadores que os acompanham cantando, Ana e Geíse lembraram:

A gente tinha que ter mais posição pra andar na hora de gravar, andar com mais cuidado, porque igual você falou se a gente gravasse com muito movimento, aí as pessoas não conseguiriam acompanhar o vídeo, porque não ia saber pra que lado que ia olhar. A gente tinha que ter mais calma na hora de gravar, na hora de posicionar a câmera, ou na hora que a gente levantava ela assim pra pegar o lugar todo, o ambiente. (Ana)

A gente não ficava parado no mesmo lugar, não. A gente ia lá pra frente, se eles tavam vindo. Se eles tavam descendo, a gente ia lá pra frente e acompanhava eles subindo o morro. Se eles tavam parado no lugar, aí movimentava, olhava, fazia a “paronâmica”, sei lá como é que o nome . Que faz assim pra ver todo mundo. E não ficava parado no mesmo lugar

não, porque fica cansativo você ver uma mesma imagem toda hora, aquela mesma coisa, fica chato. (Geíse)

Eu tentei me enturmar mais com as meninas. Como elas conheciam mais o pessoal daqui, porque eu ainda não tinha muita intimidade com eles. Eu já conhecia, mas não tinha aquela intimidade. Aí na hora de gravar, às vezes dava um pouco de vergonha de segurar a câmera, de filmar a pessoa, às vezes dava aquela vergonha. Mas como as meninas já conheciam mais, eu tentava me enturmar com elas e aí quando eu ficava com elas eu não ficava com tanta vergonha e nem com muito medo. Eu acabava me adaptando, junto lá com elas. Foi uma ajudando a outra. Antes de gravar a gente já decidia, “Júlia uma hora segura a câmera, aí a Ana vai lá e segura o microfone e Geíse fica com o fone pra ver se tá gravando tudo direitinho”. Depois eu segurava o fone, depois eu gravava. A gente ia trocando, variando pra cada uma também filmar, pra não ficar só uma filmando. Porque a câmera também era muito pesada e ficava muito cansativo ficar segurando. (Ana)



FIG. 135: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Sr. Dante toca caixa no meio dos mascarados. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Nesse momento do vídeo, os planos mostram Sr. Dante tocando a caixa, enquanto os mascarados dançam ao redor dele. A caixinha de som os acompanha, criando um contraste entre o Sr. Dante, ancião da comunidade, que toca a caixa, instrumento que faz parte da maneira tradicional da saída do Bando e o som da caixinha, que toca funk. Ao assistir o vídeo, Geíse lembrou como ficou incomodada com a tensão que o volume do som da música eletrônica causou:

Não foi só eu, mas muita gente da comunidade não gostou da caixinha de música que um dos meninos do bando tava usando. Porque a cultura do Matição não tem caixinha, é a música do Bando que todo mundo tá cantando que o mascarado vai dançar. Aí não, eles levaram a caixinha de música deles e colocou. Aí tá lá a música do bando pra todo mundo dançar e eles tavam lá, curtindo a música deles, meio que atrapalhou a música do bando por

causa disso, porque eles levaram a caixinha deles e não deixou a música do bando contagiar a festa. Lá no bar tava todo mundo dançando e eles com a caixinha do lado. Tipo juntou as duas músicas assim e ficou bem nada a ver. A cultura não é essa não, a cultura é só a música do bando que todo mundo tá cantando pra todo mundo dançar. Nunca teve caixinha, não. Aí ano passado teve e aí os mais velhos foi lá e xingou. Aí na hora que xingou é que ele parou com a caixinha. Se não xingasse eles não iam parar não e não ia perceber que eles tavam atrapalhando a festa com aquela caixinha. Porque pra eles é uma coisa normal. Durante a festa os povo tá assim: “Nó gente, alá, por que esses menino ligou a caixinha?” Um comentou: “Nó, é divera, essa caixinha tá atrapalhando divera”. Ao invés deles curtir lá a festa, eles trouxe a caixinha, tá atrapalhando a festa por causa disso. (Geíse)



FIG. 136: Frame retirado da gravação com Geíse, no momento em que ela aponta no vídeo Judas e o Bando, a presença da música eletrônica, em contraste com a música tocada pelo Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 137: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

A cena seguinte revela a continuidade da presença do som eletrônico, enquanto mostra os mascarados dançando junto aos tocadores. Geíse refletiu sobre a cultura do Matição:

De novo a caixinha. O bando tá mais alto, porque os que tá cantando tão cantando mais alto, mas que tá alto, tá. Eu escutei a caixinha ainda. A tradição não tem como ser substituída, tem como não. Tem muita gente ainda nesse trem do Bando, acho que é a cultura do Matição. Porque a cultura do Matição é passada de geração em geração. Começou lá no tata não sei o quê e vai pro biso, pro vô, pro pai, aí chega nos netos, pra passar pros bisnetos, tataraneto, pra frente. Eu acho que a geração do Matição não acaba por causa disso, porque vai passando de geração em geração. A geração que passou pra gente, falou assim com a gente, a geração de 14, 15, 16, 17: “A cultura é essa, você vai seguir assim e é assim, não pode acontecer mais nada além disso”. Nós faz assim, assado, porque é aquela cultura, você não pode mudar a cultura que é. Então não é porque você é mais novo, que

você é isso ou é aquilo, não. Não foi de geração em geração? Então a geração tem que passar do jeito que foi passado pelos outros que tão atrás. Então eu acho que é isso. (Geíse)

Por outro lado, Geíse, que é jovem, comentou sobre como a geração atual se identifica com o funk e como isso é recebido pelos mais velhos:

O jovem de hoje em dia, cada um tem uma forma de pensar, tem um jeito, gosta de uma música aqui e uma música lá. Todos os jovens gostam, tipo funk. Tem os que gostam dos que falam mais palavrão, os que menos fala, os que não fala nada e que é só a batida mesmo. Respeitar, tudo bem. Fica chato, a geração que tá passando pra outra geração, fala: “Essa música é isso, essa música é aquilo”. Nem escuta, fala que é só por causa da batida, “tum, tchá, tchá, tum”. Eles fala que é chato, que é isso, que não pode ficar escutando funk, que fala muita putaria, mas muita música que eles escutam mesmo, que eles cantam, eles não prestam atenção na letra da música. Eles cantam e não sabe o que é que tá cantando. Eles prestam atenção na música da gente e nós na deles, justamente por isso, porque eles reclamam muito da música que a gente escuta. Antes eu escutava muito funk, nú !! Eu escutava funk demais, mas agora só os levinho, muito de levinho mesmo. Os outros até estranham: “Mas gente, Geíse gostava tanto de funk, ficava dançando”. Mas eu não gosto mais tanto, passa o tempo você vai amadurecendo e já não gosta daquilo que você já gostava muito antes. Mas geração mais velha é desse jeito, se ele não gosta, fala com você: “Mas isso tá errado.” Antes eu acho que nem som eletrônico existia. Acho não, tenho certeza. A tecnologia hoje tá muito avançada, daqui a pouco nós tá no 5G que vai lançar na China pra chegar no Brasil. Não vai continuar a mesma geração de antes, que a geração de antes não tinha tecnologia nenhuma, nenhuma mesmo, nada. Nem celular nem existia na época. De acordo que a geração vai passando a tecnologia vai avançando. As pessoas vão ouvindo coisa diferente, vendo coisa diferente. Permanece o que eles passaram, só que com algumas mudanças, altera algumas coisas. (Geíse)

Thaís, ao refletir sobre as questões da tecnologia e como isso atravessa a tradição, comentou:

É diferente, eles não teve tecnologia. Nunca teve. Aí a gente vem com a tecnologia e muda tudo, aí muda a cabeça, o jeito de pensa. Eles têm o jeito de pensar, já entra a gente com outro jeito, com outra opinião. É até bom ter opiniões diferentes, que aí se discute e vê que o lado deles tá certo, mas que o lado da tecnologia não tá totalmente errado, tem seu lado bom. E na idade que a gente tá, a gente procura muito seguir futuro, caçar uma coisa, estudar. A gente não quer com 18 anos de idade ficar dentro de casa, sem fazer nada e tal. Eu penso assim: “Se a minha mãe me criou, com 18 anos eu já vou começar a trabalhar pra

ajudar ela.” É uma coisa que eu sinto como obrigação. Nem que seja um serviço “menos assim”, mas que ajude. Eles têm visão diferente, mas a gente consegue aprender com os mais velhos e ensinar eles também, eles podem aprender as coisas. É bom eles terem uma visão diferente, um conhecimento diferente do mundo de agora, é bom que eles atualiza. Eles vão pensar assim: “Ah, mudou isso.” Ai eles já começam a comparar antigamente com o agora, eles vê o que mudou, o que melhorou. (Thaís)



FIG. 138: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que Dona Bina se aproxima do mascarado. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Em outro momento do vídeo, a câmera registra um mascarado do Bando dançando uma música tradicional³², até o instante que entra em quadro Dona Bina, irmã de Sr. Dante e interage com ele durante a dança. As imagens revelam quais são os instrumentos tradicionais do Bando: agogô, pandeiro, caixa, violão e cavaquinho, e grande parte da festa acontece enquanto todos cantam juntos músicas que fazem parte do repertório da música popular brasileira.



FIG. 139: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que cantam a música Fede pra daná mas é gostoso.. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 140: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

³² Fede pra daná, mas é gostoso - Trio Forrozão: <https://www.youtube.com/watch?v=By5hGxpjMTE>

Ao assistirem o vídeo, as jovens comentaram sobre as músicas que são tocadas e cantadas no Bando:

Nossa senhora, agora que a gente vê o tanto que os mascarados tavam feio. Essa música do gambá mesmo eu nem sabia que era gambá. Eu escutava, escutava e não sabia, pra mim era outra coisa. Fala muita bobagem. São umas cantiga assim que a gente não conhece, aí a gente escuta pela primeira vez, né? A gente acha que é outra coisa. Quando eu fiquei sabendo que era o gambá eu ri demais, pra mim era outra coisa. No Bando é muita cantiga engraçada, muita cantiga interessante e sem o coral também, o Bando num tem graça. Quem vai cantar? São umas músicas diferentes e as pessoas fica animada pra dançar, é alegre, num é aqueles trem chato, aquele trem lento. Porque tem que ser uma coisa alegre, porque o Bando é alegre, incentiva todos os mascarados a dançar, é bom. É bom também quando tem concurso, os povo tá tocando e faz concurso entre os mascarados pra dançar, é muito engraçado, um dança mais esquisito que o outro. (Thaís)

Custei pra saber que essa música tava falando era do gambá. Eu nunca prestei atenção nela direito, só entendia que “fede pra danar mas é gostoso”. (Júlia)

Essa música: “Fede pra daná, mas é gostoso”. Você até falou: “Ah, mas essa música é muito legal, não sei mais o quê.” Nada a ver, eu acho essa música, um trem meio nada a ver, mas tudo bem: “Fede pra daná, mas é gostoso”. Quem tá escutando a música: “Fede pra daná, mas é gostoso”, a pessoa pensa outra coisa, aí na hora que vai terminar a música, é o gambá. Aí a pessoa: “eu não acredito que eu pensei que era aquilo, é o gambá”. Eles sempre cantam. Tipo assim, o roteiro de música parece que eles não esquecem, não. Eles cantam aquelas músicas sempre. “Galopeira”, essa do “Fede pra daná, mas é gostoso”, tem mais um tanto de música que é a playlist de música do bando todo ano e não enfara, não. Pior que não enfara, não. Eles toca porque é divertido o jeito que eles toca e canta. Todo mundo vai rindo, vai cantando e vai dançando. (Geíse)

Geíse compartilhou suas reflexões sobre como o momento da saída do Bando promove integração entre as pessoas da comunidade e como o uso da máscara permite experimentar situações distintas daquelas vivenciadas no cotidiano:

Uma coisa interessante também, aqui no Matição tem muita amizade. Os meninos fazem amizade com os meninos da rua [de Jabó]. Tem uns meninos, que no dia normal, no dia a dia, domingo, você vê eles mais enchendo a cara, fumando e tudo mais. O interessante do Bando é que, pelo menos, algumas horas da vida deles...eles bebeu um pouco, eles bebeu, mas invés deles ficar lá parado, eles aproveitou, divertiu, dançou, riu e tudo mais. Uma coisa que ele não faria num momento de lazer dele no dia a dia, ele faz no Bando, diverte e tudo

mais. Muita gente tem vergonha de expressar, eu tenho vergonha de algumas coisas, vergonha de expressar, de dançar, de falar. Aí no Bando, você pode ser a pessoa mais envergonhada do mundo, ter vergonha de falar um “A” com a outra pessoa. Você veste a máscara, ela te liberta, parece que ela te liberta e manda você fazer coisas. Você vai lá e dança, dança com todo mundo, porque você não sabe quem é mesmo que tá dançando. Os povo julga muito pela aparência, se a pessoa bebe, se faz isso, faz aquilo, já fala que a pessoa não presta. Aí você nem chega perto da pessoa, nem dança, não faz nada. Você não sabe quem tá por trás da máscara, só depois que acaba o bando que você fica sabendo, que todo mundo já tá cansado e tira, aí você fala assim: “Gente, eu dancei com aquele menino, não, dancei não !!”. Na hora que você tá lá divertindo você tá nem aí, dança com todo mundo. Aí você pensa: “Nó, se eu tivesse na vida real, eu nem ia dançar e nem fazia mais nada, nem falava nem “oi”, nem conversava. Você muda seu tom de voz, você muda tudo, você vai dançando, é outra pessoa lá no lugar. Mascarado você é livre pra fazer o que quiser, porque as pessoas têm sempre algo que prende. Tipo assim, igual a cultura, eles fala: “Funk é isso, funk é aquilo. Você é filho meu? Não vai gostar de funk não. Você não vai gostar porque eu não gosto de funk. Você não vai dançar funk, você não vai gostar”. Aí vai lá coloca uma máscara, ninguém sabe quem é você mesmo, tá todo mundo dançando, coloca a música lá todo mundo dança. Daí acabou o Judas ninguém sabe o que aconteceu, tá tudo bem. (Geíse)



FIG. 141: Frame retirado da gravação com Ana, no momento em que os primos dela também assistem ao vídeo Judas e o Bando e André se mostra mascarado no meio do Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2019)



FIG. 142: Frames retirados da gravação com Ana, no momento em que chamam a pesquisadora para mostrar qual mascarado era o André. (Quilombo Mato do Tição, 2019)

Ao assistir o vídeo, Ana identificou o primo dela na cena e a partir daí eles passaram a falar sobre a confecção das máscaras de papel:

O André, com aquelas antenona. O André era aquele que tava com a máscara cinza e dois chifreão vermelho, muito engraçado. A de borracha é mais realista, dá mais medo. (Ana)

André acompanhava nossa conversa e explicou que ele mesmo fez a máscara usada no dia da saída do Bando e que utilizou barro para dar a forma: “a gente fez o formato, depois pegou grude, foi colando jornal, pintou e meu tio ensinou nós. Esse ano vou fazer outra.” O tio dele, Francis, participa do Candombe e também saiu mascarado no Bando.



FIG. 143: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando, no momento em que os mascarados dançam. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 144: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. André é o mascarado pequeno, de chifre vermelho. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 145: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 146: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

As máscaras feitas de jornal ganham cores e formas estranhas, antenas, bicos e dentes, além de barba e cabelo. Alguns dos mascarados pedem dinheiro e ficam puxando o bolso das pessoas, atentando os participantes para que eles deem algo a eles.



FIG. 147: Frame retirado da gravação como Júlia, no momento em que ela aponta no vídeo Judas e o Bando o mascarado que mais lhe dava aflição. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 148: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao assistir o vídeo, Júlia identificou o mascarado que portava uma máscara de borracha e que interagiu com a pessoa que estava com a câmera pedindo dinheiro:

Nossa senhora, é isso que tava falando, esse menino !! Esse menino ficou atrás de nós o tempo inteiro. (Júlia)

Enquanto os mascarados dançam, passando de casa em casa, o cavalo segue acompanhando, enquanto carrega o boneco do Judas. Em cada casa eles bebem cerveja ou cachaça e seguem animados pela estrada de terra no meio do escuro.



FIG. 149: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao assistir o vídeo, Ana comentou sobre o recurso utilizado por quem estava com a câmera, no intuito de enquadrar o momento em que o mascarado dançava e tomava cachaça:

As meninas deu até um zoom pra ver quem era o macaco que tava com a roupa toda branca. As meninas deu um zoom na hora que ele foi beber a cachaça, pra ver se conseguia, mas mesmo assim não conseguiu pegar ele, tampou tudo. (Ana)



FIG. 150: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 151: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao rever o vídeo, Geíse relembrou a presença de pessoas “de fora” do quilombo durante a festa e compartilhou suas reflexões sobre como a gravação com Lindomar contribuiu para que os conhecimentos sobre a comunidade pudessem ser compartilhados com quem tiver interesse em saber mais sobre as festas do Matição:

Nessa imagem aqui, na parte que já passou, eu vi um menino, o menino é “de fora”. Tipo assim, a gente é acostumado com gente “de fora” lá no Matição. Nem sei de onde esse povo é, eles ficou lá desde a montagem, desde a hora que começou, ficou o dia inteiro acompanhando tudo até de noite e eles não cansaram, ficaram perguntando, isso é interessante. Eu gosto quando vem gente “de fora”, porque eles vêm e ficam querendo saber a história, pergunta como é isso. Por isso que quando a gente gravou, no mesmo tanto que a gente gravou a gente tava lá aprendendo, conhecendo, porque a gente é da comunidade, mas a gente não sabe tudo, não. A gente é de lá, mas a gente não sabe tudo. A gente vai aprendendo e quando a pessoa for perguntar, igual agora, a gente já sabe do Judas, pra quê que serve a bomba, porque queimar o Judas. Ai se chegar uma pessoa “de fora” e perguntar assim: “Estoura ele por quê? Pra quê que serve a bomba?” Agora eu tô assim: “Serve pra estourar o Judas, com pretexto de tacar as coisas ruim, mandar as coisas ruim embora.” A gente aprender, pra passar pras pessoas “de fora” como é legal o que a gente faz. (Geíse)

Thaís também refletiu sobre a interação com as pessoas “de fora” da comunidade e como ela aprendeu com os mais velhos a lidar com as diferenças:

Aqui é um lugar normal, toda comunidade tem seu lado bom e seu lado ruim, mas é um lugar que tipo assim, é todo mundo família, né? Antes era mais unido, mas pra mim a família tá reunida e ninguém separa, vai continuar. Com o conhecimento que todos deveriam ter, interesse em saber certo o quê que é, de passar pras pessoas que visitam aqui o que é mesmo [as tradições], chamar as pessoas pra entrar, pra participar, mesmo que seja gente “de fora”, é bom. A pessoa sai falando bem do lugar, que foi bem recebida. É chato quando a pessoa vem visitar o lugar e sai falando que foi mal recebido, é muito ruim, porque o povo

aqui acolhe muito quando vem gente. Mesmo sem conhecer e eles têm o maior prazer de conhecer. É assim, a gente aprende assim. A gente pode não gostar de uma coisa, mas eles ensinam: “Não gostou? Fica quieta, não precisa ficar brigando com as pessoas.” Porque muita gente que vem é diferente, a gente tem que saber desde nova aprender a respeitar a opinião dos outros e o jeito da pessoa, que ninguém é igual a ninguém. E isso é deles [dos mais velhos]. (Thaís)



FIG. 152: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 153: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao assistirem o vídeo, as jovens relembrou como foi a parte da gravação da Queima do Judas, momento em que gravaram sozinhas pela primeira vez sem acompanhamento, ao final do registro de toda a festa.

Na hora da gravação da queima do Judas, nós gravamos sozinhas. Eu não tenho medo de Bando e mascarado, não. Mas depois que colocou o Judas lá e colocou fogo...tinha muita bomba dentro daquele trem. Quem vê o vídeo vai vê...o filme...vai ver que é muita bomba que colocou e não é bombinha pequenininha de criança taca no chão e que fazer “toc”, não. E eu não consigo, eu tenho um trem com barulho. Como no momento do Judas eu não podia falar “Calma Judas, estoura uma devagar” e ele estourava alto. (Geíse)



FIG. 154: Frame retirado do vídeo Judas e o Bando. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

A gravação ia ficar horrível, porque quando a gente mexe no zoom, qualquer movimento, até a respiração que você fizer assim, mexe a imagem. Como o zoom tava aberto

um pouco, nós ficou o mais perto possível pra não voar nada na gente e nem estragar a câmera nem nada, nem machucar a gente. A gente abriu um pouquinho o zoom, aí eu tava com a câmera segurando ela assim embaixo, segurando de boa. Na hora que começou a pegar fogo eu fiquei tranquila, mas na hora que começou a estourar, cada estouro eu tremia. Eu tenho medo desses barulhos, saí correndo e deixei Júlia lá gravando, porque olha procê ver...eu não tenho medo de mascarado, nem de Bando, de nada, tranquilo. E Júlia já tem, a gente inverteu o papel e na hora que foi estourar ela ficou tranquila e eu tenho medo do trem. A gente precisa de todo mundo, toda hora. Ela tava com medo ali, eu vou lá ajudo e pronto. Eu tenho medo daqui, ela vai lá e me ajuda. Eu fiquei com medo nessa hora, realmente, um bichão estourando e Júlia ficou paradinha, gente. (Geíse)

Eu tava meio assustada porque no ano retrasado que o Judas estourou, a bomba foi e voou na minha perna. Aí, como a gente tinha que ficar perto pra ver se pegava alguma coisa, eu fiquei com medo e não cheguei muito perto. Eu fui e coloquei o zoom, só que toda vez que estourava eu tremia um pouquinho e aí ficava balançando. O povo até reclamou que ficava balançando demais, mas ficar perto lá que eu não ia. Ainda mais que dava medo. Por mais que o povo tenha falado que eu tremi demais nessa parte, mas eu sei lá, achei que ficou uma imagem bonita, não sei. Aff, não dá pra agradar todo mundo, né? Até porque nós era iniciante. (Júlia)

Nós desceu correndo pra pegar a câmera. Pior que tava quente, e nós tinha que ficar perto e longe por causa da bomba. A gente foi e deu um zoom pra poder ficar mais pertinho. Deu pra gravar direitinho, ficou meio assim, mas deu pra gravar. Cada estouro que dava, assustava. A gente tá assim paradinho, do nada a gente faz assim, mexe. Júlia só ficava mexendo. (Thaís)

Depois que assistiram ao vídeo *Judas o Bando*, as jovens comentaram sobre o que perceberam na montagem dos materiais gravados:

Depois que montou o vídeo ficou bem melhor sem aquelas partes que eu esqueci que tava gravando. Muitas vezes eu tava gravando, esquecia e deixava o trem pra lá. Ficou mais legal de assistir, porque teve muito erro nessa primeira filmagem, nossa senhora. Toda hora eu pegava o negócio, começava, ficava prestando atenção lá e esquecia que tava gravando. Pegou as melhores partes, isso que foi bom. Igual a hora que os meninos foram vestir. A primeira coisa que a gente gravou foi o povo montando o Judas aqui. Aí depois que a gente subiu e depois mostrou os meninos vestindo. Só que aí [na montagem] fez o contrário, mostrou os meninos prontos no começo e depois mostrou o que ia acontecer no decorrer do

vídeo. Ficou até melhor, porque deixa a pessoa esperando, com mais vontade de assistir o que tá acontecendo. (Júlia)

Deu um suspense porque no começo do vídeo mostrou os meninos já vestidos e só depois que mostrou a verdadeira personalidade deles. Respondeu no meio do vídeo, aqueles meninos que tavam vindo é os mascarados. (Geíse)

Primeiro a gente gravou o Judas, depois a gente gravou a subida, aí a gente gravou os meninos chegando e eles entrando no campo pra vestir a roupa. Eles até já chegaram ouvindo funk, eles começou já vestindo a roupa, depois dançando, aquela animação toda. Ficou bem legal. Na montagem, mostrou primeiro os meninos, inverteu a entrada com a chegada. Eu gostei também do grosso, antes de editar. A trilha sonora também ficou muito legal, na hora deu uma animação, na hora que eles tavam dando chicotada, os meninos começou a dançar e tal. Ficou bem interessante, ficou bem legal. (Ana)

É bom tirar da ordem, não ficar tudo certinho, ficou legal a ordem diferenciada. É bom que mostra os meninos antes, primeiro mostra eles no campo, aí depois mostra eles vestindo, aí mostra a montagem do Judas, Vovô trabalhando, que deve ter sido de tardinha. Ficou bem legal essa montagem diferente, não tudo certinho. (Thaís)

Júlia comentou sobre as reações ao vídeo e sobre as escolhas das imagens na hora da montagem dos materiais gravados:

Todo mundo gostou né? Eu gostei, por ser o primeiro vídeo eu esperava muito menos, porque a gente não sabia fazer nada direito ainda, foi a primeira coisa, mas o resultado ficou bem legal. Parece que o povo gostou também. A gente usou bem o material gravado, mas as partes engraçadas, por causa do respeito à pessoa, a gente teve que tirar, tipo a hora do “cofrinho” e do menino roubando a bomba. Coisas assim não poderia ser mostrado mesmo não, porque é pessoal. Depois a pessoa fica com vergonha e tem que ter o respeito. Mas pra gente que conviveu lá, foi engraçado. Pra gente pode ser bom, engraçado, mas a gente não sabe o que a pessoa vai tá sentindo com a imagem dela sendo colocada por aí fora. Acho que fizemos de um jeito cuidadoso. (Júlia)

4.2. Passeio no rio: cruzamentos afetivos com o território



FIG. 155: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

O passeio nesse dia contou com a presença de alguns adultos: Sabrina, mãe de Júlia, Nilsélia, irmã de Geíse e mãe de Raí, mulheres da comunidade; eu e Jonatah, educadores de audiovisual e de música; os jovens do quilombo e do entorno: Thaís, Geíse, Júlia, Luan, Ana, Diego, Vitor, Geison e Cristof; e as crianças: Giovana, Adriely, Emily, Raí, André, Davi “de Sabrina”, Davi “de Néia”. Todos o chamam por Davi “de Néia”, para diferenciá-lo do Davi “de Sabrina”, usando em seguida do nome deles, o nome da mãe como forma de identificá-los. Júlia lembrou como foi o caminho na ida nesse dia e comentou que tinha bastante tempo que ela não visitava o rio:

Foi legal demais. Nessa ida até que eu não filmei não, eu acho que eu fui atrás. Agora lá no rio eu peguei bastante na câmera, a luz lá era boa. Nós convidamos outras pessoas pra ficar mais animado, mais engraçado. E a maioria que foi mesmo foi só nós do projeto. E o bom foi isso, a gente tem mais intimidade. Foi o Jonatah [educador da oficina de música], o Cristof, que morava aqui perto da Fazenda de Baixo. Só que ele mudou e ninguém sabe mais dele. Vitor e Geison, que moram lá no Bichinho, em Jabó. Eles sempre vêm aqui por causa da Folia, só que agora eles tão sumido, diz Geison que ele tá trabalhando. Ai se Geison não vem, Vitor não vem. Fazia muitos anos, uns 5 ou 6 que eu não ia no rio. As meninas vão no rio direto. Eu também não gosto muito de ir nesse trem não. Geíse ia com Dindinha pescar, Ana também, mas eu não. Eu gosto de ir, mas nadar eu não gosto não.
(Júlia)



FIG. 156: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao assistir o vídeo, Geíse relembrou quando frequentava o rio com a irmã e como para ela foi marcante o fato de conseguirmos reunir uma turma grande para o passeio naquele dia:

Agora eu não tô indo muito no rio, não. Antes, quando eu era menor, a gente ia no rio quase toda semana, o rio era lotadão, todo mundo ia no rio. Depois de um tempo todo mundo parece que esqueceu do rio, parece nem existia mais. Não sei o quê que aconteceu com os povo, todo mundo sumiu do rio. Aí ia uma turma, sozinha, depois ia outra. Não ia todo mundo igual a gente foi, junto, unido. Vai um separado, vai outro, vai outro...tempão que num ia mesmo e tinha muita gente ali que num ia. Eu vou lá de vez em quando com Nilsélia pescar, mas num pesco nada, não. Eu num sei pescar, não. Na hora que eu pego a piaba, na hora que eu faço assim pra ela vim, ela cai dentro do rio de novo. Mas é isso, tinha muito tempo que eu num ia no rio, não. Uma turma grande, unida assim, rindo, conversando de boa. Teve uma fase do Matição que acontecia briga...Matição...o povo é briguento...mas nunca o Matição deixou de ser unido...mas chegou um determinado tempo lá...tipo assim, nós que é da comunidade nós sabe, mas quem é “de fora” nunca sabe. As pessoas, umas ficaram lá embaixo, porque o centro do Matição é lá no Bar do Lei, na Capela, aquele que é o miolo do Matição, todo mundo unido. Aí chegou um tempo que quem é de lá em cima, ficava só lá em cima...o meio só no meio, embaixo...ninguém ficou interligado um com o outro não...lembrou bem isso, todo mundo junto e unido é bom...cê nem vê a vida passar. Eu não voltei no rio depois que a gente foi nele, não. Até hoje, não voltei. As meninas também num foi não. Viu a diferença? Ninguém foi, não. Todo mundo fala: “Nossa, hoje tá calor, né? Bom pra uma água”. Mas ninguém vai. Se chegar um vendendo picolé, você toma mil picolés, mas ninguém vai no rio.” (Geíse)

Para Ana, que estava acostumada a ir ao rio somente com a família dela, além da gravação, a presença de várias pessoas da comunidade também foi novidade:

O rio tava cheio nesse dia, né? Eu já tinha ido várias vezes. A gente vinha mais vezes aqui pra aproveitar o rio, na época de calor. Acho que um dos melhores dias que a gente gravou foi esse, porque foi um dia que... a gente nunca foi de sair com os meninos...quando a gente vai pro rio, vai mais assim a gente, nós da minha família, nós reúne e vai os primos. Esse foi um dia que reuniu todo mundo, foi o pessoal de lá e foi os daqui também. Todo mundo se reuniu, todo mundo brincou, acho que foi o dia mais legal. (Ana)

Quando conversamos sobre a frequência das suas idas ao rio, Thaís demonstrou os motivos pelos quais teria deixado de frequentá-lo:

Tinha muito tempo que eu não ia no rio. Toda vez eu falava que eu ia, mas nem...dá uma preguiça de andar...tinha muito tempo que eu não ia. Olha que a gente mora aqui, hein? Imagina. A gente ia muito antes, quando o rio era mais limpo. Depois que ficou sujo a gente parou de ir. Que a gente tinha medo de pegar esses trem de rio, doença de sei lá o quê. O povo falava que tavam tacando lixo de esgoto no rio, nós ficava com mais medo ainda. Aí a gente foi e parou de ir. Tinha tempo que eu não ia. Que bom que a gente foi nesse dia matar saudade. (Thaís)

Ao relembrar sobre as indagações que surgiram sobre a distância e o percurso até chegar ao rio, Geíse comentou sobre o motivo pelo qual, daquela vez, o caminho para ela pareceu curto:

Ah, eu gostei da ida no rio, porque foi assim...alguém fez a primeira pergunta, “carro vai no rio?” Ó o negócio da geração em geração de novo. Antes os povo tinha carro pra ir no rio de carro? Tinha não. Quando fez a ponte pra carro, todo mundo foi e tal. A ponte caiu, quebrou, num dá mais pra subir de carro. A geração mais nova teve que voltar atrás e voltou. Todo mundo teve que ir a pé, todo mundo conversando e tal. Vai ocê sozinha no rio, sozinha: “Nossa, esse lugar é lá aonde que o Judas enterrou a bota e enterrou a cabeça. Esse lugar tá longe demais, tá doido !” Agora quando cê vai lá, primeiro vai uma turma, vai outra, vai todo mundo junto, conversando, cê nem vê que é longe. Cê vai, brinca, curte, depois cê volta, fica conversando, cê nem vê que o lugar é longe. É muita cultura ir no rio, a pé. (Geíse)

Ao relembrar como foi a gravação naquele dia, Ana comentou como ela percebeu que a câmera trocava de mão e que cada hora um gravava, fazendo com que em vários momentos ela esquecesse que estava sendo filmada e fotografada:

Tem até o Cristof no filme, que não mora aqui. Ele mudou de novo. Esse passeio no rio foi tão legal, os meninos pescando os peixe. Eu e Thaís ficamos um tempão conversando também. As meninas também cantou no rio, os meninos zoou demais. Eu gravei bastante,

gravei a estrada, a gente chegando, depois quando a gente chegou lá no rio, as meninas lá cantando. Foi bem legal, a gente gravou muita coisa nesse dia. Foi um momento de diversão que tava todo mundo reunido, todo mundo começou a gravar um e o outro, a gente começou a conversar. Então a gente não se importou muito com isso, a gente ficava distraído, um ficava cantando, aí depois o outro ficava brincando. A gente nem ligou pras imagens, porque eu também não gostava que me filmava. Quando eu tava conversando com Thaís eu nem vi que tava me filmando, eu esqueci que tava gravando. (Ana)

Júlia, assim como Ana, comentou sobre a questão de ver a própria imagem registrada por outra pessoa e que sentimento isso gera:

Nossa, aparecer dá vergonha demais, mas uns gravava, depois trocava e gravava outros, depois trocava, cada hora um aparecia. As meninas também tavam tirando fotos, a Giovana tava igual a uma fotógrafa, toda hora tirando foto. Eu ainda tenho bastante vergonha, porque você se olha no espelho e vê uma pessoa, mas você se ver na câmera de outro ângulo, você já se acha diferente, aí você fica meio com vergonha. Não dá pra gente se ver, pra saber como que a gente é, aí você olha na câmera você vê de um jeito, aí depois muda o ângulo você vê de outro. Fica uma dúvida. Até que isso mudou um tiquinho, agora eu apareço mais nesses negócios, não tô ligando tanto não. (Júlia)

Ao relembrar sobre o dia de gravação, Geíse comentou sobre a diferença entre a gravação de uma festa e aquela realizada durante um passeio no rio:

Tipo quando você tá gravando uma festa, em momento algum você vai aparecer nas imagens. Às vezes você aparece, porque descansa quem tá atrás, quem tá com a câmera. A diferença é muita, porque você tá gravando: “nó, eu vou gravar isso até o final, com o pretexto de terminar, tudo bonitinho”. Já o passeio do rio, é “o” passeio no rio. Tipo assim, você num tava indo com a ideia, “vou gravar até o final”. Não, um começou a ir com a câmera, outro foi no meio, outro terminou, outro gravou lá, outro voltou com a câmera, foi bem de boa. Tinha vezes que a gente até esquecia que tinha gente gravando. Eu esqueci, pra mim não tinha ninguém gravando, pra mim nós tava lá num passeio no rio. Todo mundo tava lá e tava tudo bem. Uma coisa é você tá com a câmera, você tá gravando, você gravar as pessoas. Outra é a pessoa te gravar sem você perceber. A gente sabia que a câmera tava indo, mas eu nem vi que ela tava me gravando momento algum. Eu acho que melhorou muito, [aparecer na filmagem] porque durante a trajetória das gravações, desde o começo do projeto até o final, nós aprendemos muita coisa. Antes a gente tinha muita vergonha, tipo: “Nossa, tô feia e tal”. A gente falava assim: “Ah não, quero que grava eu não, vai aparecer”. Medo dos outro rir da cara da gente, debochar e tudo mais. Aí depois: “Gente,

seja você, não liga para que as pessoas pensam. Você não vai ser você porque a pessoa acha isso? Não. Seja você e tal”. Melhorou muito a nossa convivência, com você ensinando a gente muita coisa e nós te ensinando ao mesmo tempo, todo mundo aprendendo. Foi muito legal.” (Geise)

Assim como todas as outras jovens, Thaís ficou envergonhada ao se ver nas imagens e demonstrou surpresa quando se atentou para os registros que foram feitos durante o dia do passeio:

Eu não gosto de ser filmada, não. Eu sempre saio feia nas gravação. Nossa senhora, tinha visto essa gravação, não. Eu nem lembrava, eu nem vi. Isso que eu tô falando, eu nem sabia que tava me gravando. Eu filmei, mas nem vi que os outros tavam me filmando. Eu vi que tava filmando as meninas, né? Mas achei que não tava me filmando, num tava me pegando. Mas pegou sim. Não adianta, eu tenho vergonha. Eu tenho vergonha até de apresentar trabalho na sala de aula, imagina gravar e ver eu passando num telão, eu dou um treco. Eu gosto de gravar os outros, mas num gosto que os outros me grava não. (Thaís)

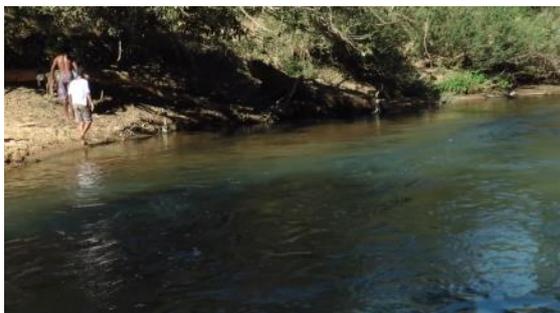


FIG. 157: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 158: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao assistir o trecho do vídeo que mostrava a chegada ao rio, em uma cena posterior ao caminho da estrada de terra, Ana comentou sobre o que percebeu com relação ao áudio:

No caminho de ida, tem umas partes que foram abreviadas. Um som foi jogado em cima do outro lugar. Sabe aquela parte que a Aninha fala: “Nós tá quase chegando lá”? Só que ainda faltava um tanto pra chegar no rio. Só que você colocou lá na frente, quando a gente já tava chegando no rio mesmo. Você colocou por cima e ficou até melhor porque quem nunca foi no rio e tá vendo o vídeo, falaria: “Nossa, tá demorando muito a chegar”. Assim que você colocou, que cê abreviou um pouco o caminho e colocou o som em cima do outro, deu pra ver onde que ela tava especificando, que era quando a gente tava chegando no rio mesmo. O áudio que levou a gente lá. (Ana)

Na cena seguinte ao momento que Ana descreveu, Geíse comentou o plano onde a câmera registra um celular em cima de um boné da *Nike*, tocando uma música do grupo Racionais MC³³. Geíse retomou seus comentários sobre a tensão percebida entre a caixa de som usada pelos mascarados no dia da saída do Bando e a música tocada pelos tocadores e comparou com o momento em que o celular tocava música durante o passeio no rio:

É, nessa cena. Uma coisa é a música de um jovem com a caixinha num Bando, no meio de uma multidão, meio que atrapalhando a cultura e a outra é um passeio no rio e uma música que tá lá tocando de boa, baixinho, enquanto todo mundo tá curtindo o rio. É muito diferente, uma música lá, quietinha, ninguém tá nem aí, todo mundo lá conversando da vida. Sentou tipo em dupla, uma dupla, uma dupla, outra dupla. Todo mundo conversando ao mesmo tempo, uns pescando, os meninos brincando e a música lá, sozinha. Ninguém ligando pra música, mas a música tava lá. Uma coisa é ela tá lá, tá sendo ouvida e num tá incomodando ninguém. E a outra é quando tá numa multidão de gente, tipo no Bando. É uma cultura e tá lá a música atrapalhando. (Geíse)



FIG. 159: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 160: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Enquanto a pessoa que está com a câmera registra os jovens dentro do rio, o áudio de Luan é captado simultaneamente, fora de campo, quando diz que tinha ido cortar o cabelo em *Jabó* e que voltou a pé lá da cidade para acompanhar o passeio no rio. Comenta que o telefone dele apagou “do nada” e depois conta que em outro dia foram ao rio pegar cascudo, que o peixe bateu na perna de Geison, ele ficou com medo e largou a rede. O peixe fugiu. Todo mundo que estava perto riu do caso.

A cena seguinte mostra Davi “de Néia” brincando na beirada do rio, onde as pedras são muito lisas e cheias de lodo.

³³ Estilo Cachorro - Racionais MC: <https://www.youtube.com/watch?v=JQE4aZhytkc>

A hora que Giovana fala: “Ô menino, se ocê cair, cê vai quebrar até o osso da bunda”. Ela falou engraçado demais. Acho que nesse dia ninguém fugiu da câmera, todo mundo foi gravado. “Esse povo da cidade num tá acostumado com rio gelado, não.” Acho que os meninos tavam falando é de mim. Eles tava arrumando a rede porque eles falou que ia pescar bagre. (Ana)



FIG. 161: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Na cena seguinte, a câmera registra Giovana e Adriely fazendo os gestos e cantando a música *Gessi los beibe*³⁴, música com brincadeira de mão que ensinei para elas durante um dos encontros. Naquele dia as jovens filmaram a aula da oficina de música, que envolveu cantigas de roda ensinadas por Sr. João, roda de Candombe e brincadeiras de mão.

Ah, a brincadeira que você ensinou a gente, ah lá. No mesmo momento que você tava ensinando a gente, a gente tava aprendendo, a gente tava escutando você e tudo mais, nós rachou os bicos. Nós riu “de-mais”, de muita coisa. Você ensinou essa brincadeira pra gente, nós nunca tinha visto essa brincadeira. Você ensinou ela nem sei quanto tempo antes, depois todo mundo ficou “Gessi los beibe”. Do nada: “Gessi los beibe, ai, ai, ai”. Foi muito engraçado isso aqui. (Geíse)

Essa musiquinha sua vai ficar pra história, viu? “Gessi los beibe”. As meninas não param de cantar. (Júlia)

O que ficou pra mim é isso, conhecimento, muitas cantigas e muitas dancinhas engraçadas que você ensinou e que a gente não vai esquecer. Quando a gente era mais novinha, cê ensinou essa brincadeira da mão, a gente não esqueceu, a da “princesinha”. A gente era mais nova, mas a gente não esquece. Quando eu te conheci eu tinha 7, 8 anos. Nú !! Pior que eu lembro da música, eu não esqueço essa. É uma coisa que tem tempo, mas marcou

³⁴ *Gessi los beibe*, música da Cultura Popular Brasileira, aprendi na época em que morava em São Paulo, entre os anos de 1999 e 2003, onde cursei uma especialização para Arte Educadores no Teatro Brincante e fiz parte de um grupo de pesquisa de Brinquedos e Brincadeiras da Cultura Popular, junto às pesquisadoras Adriana Friedman e Renana Meirelles. Assim como as jovens, depois que brinquei nunca mais esqueci dessa e de tantas outras cantigas de roda, brincadeiras e mágicas com barbante, corda, elástico e amarelinha.

a infância da gente, sabe? É uma coisa boa. Nó, a gente se divertiu demais com cê. Criança gosta de cantar e dançar, eu gostei muito. E nós crescemos e continuamos a fazer as musiquinhas, cantando e dançando, é bom. Tipo assim, era uma coisa da infância que voltou na nossa adolescência e vai continuar, aí quando a gente tiver os filhos a gente ensina pra eles também e fala que ocê que ensinou nós. (Thaís)



FIG. 162: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Enquanto as crianças brincam, a câmera registra os movimentos delas jogando pedras no rio e se enterrando na areia, enquanto o áudio que foi montado sobrepondo a cena, simultaneamente desvenda comentários e percepções que o ambiente provocava. “Minha pedra quicou”, Adriely comemora, “Manda eles fazer castelo na areia”, Nisélia fala com Giovana, que transmite para os meninos mais novinhos. “Ó as piabinha”, ela depois comenta enquanto brinca com os pés na água. O microfone capta uma conversa miúda no fora de campo, onde Giovana aconselha alguém quem está fora de quadro, que acabou de comer e entrou na água, “Vai dar congestão. Você comeu comida quente.”, referindo-se ao arroz temperado que Nilsélia e Sabrina haviam feito. “Vai dar congestão, Giovana?” Sabrina emenda, “Não, é digestão nasal” e Adriely completa, com a voz ao fundo.



FIG. 163: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 164: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Em seguida fica evidente o áudio de Cristof indignado, na cena em que divide o enquadramento com Vitor e os outros meninos: “Meu cabelo lotado de gel o cara taca água”. Ao assistir o vídeo, Geíse comentou sobre como a imagem na cena seguinte está superexposta:

Eu acho que nessa cena quem tava com a câmera esqueceu de fechar o olho dela, tá muito claro. Se o fundo tá claro e na frente tá escuro e se a gente fechar a íris, pra aparecer lá atrás, quem tá na frente vai ficar escuro. É aquele negócio, como é que fala, gente, quando você tá de frente, ou você tá de costas...o trem do sol [contra-luz]. (Geíse)



FIG. 165: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 166: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Sobre a cena dos jovens abrindo a rede de pescaria, ao mesmo tempo em que os mais jovens, no lado esquerdo do quadro, atiram pedras no rio, Júlia e Geíse comentaram sobre o quê a cena representou para elas:

Olhando agora, vejo os meninos tudo brincando, que é os mais novos. Do lado, quando eles são mais velhos já tão pescando. É como se tivesse mostrando a passagem do tempo. (Júlia)

Eu acho que é negócio da geração, de novo. Se esses meninos aqui, ó, Geison e Vitor, os mais velhos, fosse do tamanho desses meninos aqui, eles iam tá fazendo o que esses meninos tão fazendo, tacando pedra. Eles num iam tá querendo pescar. Eles iam tá aqui brincando, nem aí pra vida. Se fosse ao contrário, os meninos iam tá do mesmo jeito que eles. Então é por causa da geração, pequeno vai fazer isso, brinca com a pedra, tacando no rio e os adolescentes de hoje em dia, quer pescar, quer conversar com as outras pessoas. Cê tá vendo essa imagem aqui, os dois tão aqui e os meninos lá brincando. Você sabe o que tá acontecendo no rio todo, só vendo aquela imagem, porque você tá escutando. O que tá aqui atrás tá cantando “Gessi los beibe”, os meninos pequeno tá lá brincando e os mais velhos tá virado pra lá desembolando a rede, conversando com os outros lá do outro lado. O áudio tá

vindo de lá, você sabe que tem uma pessoa lá. E o ambiente atrás da câmera, acho que o som tá geral. Se eu tivesse com o gravador chegando lá onde eles tavam, ia tá aparecendo só os meninos aqui no rio. Como tá em geral o áudio, deu pra pegar todo mundo que tá no rio, com todas conversas. Se você prestar atenção dá até pra saber as conversas que têm por trás das câmeras. Eu acho que nessa hora eu já tinha criado intimidade com a câmera. Se ela tivesse ali ou não tivesse, pra mim ia tá tipo, normal. Um dia normal que ela tá ali e tudo mais. (Geíse)



FIG. 167: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Enquanto Adriely canta *Gessi los bebe*, Giovana brinca com a água e comenta: “O barco vai pra frente porque a água, a força que a água tem que leva ele”.

Ao assistir a cena que mostra as jovens e mulheres conversando sentadas na beira do rio, enquanto observam as crianças do lado oposto, no fora de campo, Ana e Geíse comentaram como essa cena mostrava as gerações interagindo:

Parece que eu e Thaís tava num assunto interessante, na parte que a Júlia foi conversar com Geíse lá na pedra e a Nilsélia e Sabrina sentou pra conversar. Cada uma sentou pra conversar com uma. Eu e Thaís começamos a conversar, eu nem lembro o que a gente tava conversando nesse dia, só sei que eu tava tão focada no assunto, prestando atenção. (Ana)



FIG. 168: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Depois que a câmera vira, deixa os meninos lá e vira, aí você vê as pessoas que eles tão conversando, aqueles povo que tá lá, ó, geração, geração e geração. Todas as gerações diferentes e as outras duas gerações que tá aqui, ó. Falei com cê que eu lembro, ficou todo mundo em dupla. Eu e Júlia lá, de 14 e 15, as outras que tão com 17, quase fazendo 18 e as outras de 29 e 30 anos. E as outras de 11 e 12 na frente, viu? E os meninos pequenininho tudo de 4, 5 anos, brincando. É tudo separado, a geração. (Geise)



FIG. 169: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

A partir da visionagem do vídeo, Geise continuou refletindo sobre a interação com outras pessoas que já frequentaram o Matição:

Na filmagem também aparece a relação de pessoas que passaram pelo Matição, a relação deles com a gente. Sempre, no Matição, os mais antigos tinha, tipo assim, num é obrigação de fazer amizade, mas quando a pessoa chega lá no bar do Lei, aí todo mundo que tem filho pequeno, leva o filho pequeno e quando nós era tudo pequeno, nós já começava a fazer amizade desde cedo. Acho que a geração passou isso pra nós. A gente faz amizade com todo mundo, qualquer pessoa que chegar no Matição. Quando a gente é criança e chega uma pessoa, você fica com vergonha assim...fica olhando pra ela...tipo, “Vem até a mim”. Aí você fala: “Oi, como é que é seu nome? Vão brincar”? Aí já vai e brinca. É a mesma coisa, chega um adolescente no Matição: “Como é que é seu nome, o que você faz, da onde cê veio”? A gente pergunta e tudo mais e começa a fazer amizade. O Cristof passou pelo Matição e pela gravação a gente lembra: “Nossa, o Cristof, nessa época Cristof tava aqui ainda”. Como é que nós ia lembrar que ele tava aqui nessa época? Muito legal isso [ver a imagem dele no vídeo]. (Geise)



FIG. 170: Frame retirado do vídeo Passeio no rio.
(Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 171: Frame retirado do vídeo Passeio no rio.
(Quilombo Mato do Tição, 2018)

Enquanto alguns ajudam a segurar a rede, Luan tenta achar um peixe, cutucando as locas de pedra com um pau. Giovana pergunta, segurando a rede com as mãos e os pés, dentro d'água: “Esse peixe morde?” e em seguida escuta-se o áudio no fora de campo, de Ana falando “essa água gelaaaaada” e André, também fora de campo, dá uma sugestão: “Podia bater um solzão aqui. Tem que cortar essas árvore aí, ó.” Júlia comenta, imitando o jeito dele ao falar, enquanto assiste o vídeo: “O outro tá pensando em tirar a natureza: “Nossa, podia bater um solzão aqui. Podia tirar esses mato tudo aqui”. Ao invés dele pensar no bem ele tá querendo é tirar”.

Eu acho que esse filme é sobre a interação entre as pessoas da comunidade, como as pessoas interagem. Igual com os meninos: “Pára de fazer isso!!” Ao mesmo tempo que cê conversa, cê tá xingando, cê tá rindo. Os meninos tá lá tacando pedra: “Ô menino, num taca pedra ni mim não”!! Aí o menino tá andando na beirada do rio onde tem lodo: “Cê vai cair aí e vai quebrar o osso da bunda!!”, “Vão atravessar todo mundo o rio, gente !! Vamos atravessar !! Ah !!! Tá indo com a correnteza !!!” A gente racha os bico. (Geíse)



FIG. 172: Fotografia de Júlia capturada durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Enquanto Júlia se diverte com a câmera fotográfica que eu sempre levava para os registros do diário de campo e também para deixar na mão das crianças e jovens, Thaís grava

a movimentação dos jovens dentro do rio, tentando achar o peixe. A voz de Júlia se faz notar no fora de campo, chamando as meninas para fazer pose para a foto.

Nó, agora que eu reparei nisso aqui. Eu gritando: “Meninas!!” A Giovana vai lá e dá um sorriso. Aí eu: “Ó o sorriso !!” Agora que eu entendi que eu tava tirando foto delas e por isso que ela tá fazendo pose, por isso que ela tá assim. Quanto mais a gente assiste mais coisa a gente percebe que aconteceu. Se não tivesse o som ia perder a graça. Porque a imagem também é bem legal, mas o jeito que as pessoas falam, o jeito que elas tão agindo ali, a forma como elas tão falando já deixa engraçado o vídeo. Agora se tirasse o som ia tirar um pouco da graça do vídeo, tem muita risada. Esse filme é entretenimento, né? Foi muito engraçado, a aposta que os meninos tinham de achar não sei quanto de peixe e não achou nenhum, as brincadeiras besta deles lá. Por mais que foi umas brincadeiras idiota, mas tava muito engraçado, num dá pra explicar, não. Foi o que mais chamou minha atenção. (Júlia)



FIG. 173: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 174: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Enquanto o enquadramento registra Geison recolhendo a rede, após perceberem que não iam conseguir pescar nenhum peixe, ele fala para os outros, que estão no fora de campo: “Você já viu cordão matar viado na curva?”. Geíse, ao assistir o vídeo, fica repetindo a cena de Geison falando, tentando entender o que ele fala: “Você já viu cordão matar viado na curva? Tendi nada, mas tudo bem. Aí ele tá assim: “Você nunca viu? Aí na sua mão”. “Matar viado na curva a gente pega em qualquer lugar”. Não entendi, não, vou perguntar ele”.

Na cena seguinte Thaís opera a câmera e conversa com Ana enquanto grava, reclamando que os meninos não param quietos, que ela está tremendo muito e que não sabe o porquê:

- “Esse dois não sossegam, ficam só brincando. Nó, tô tremendo muito hoje, por quê isso?”
- “É frio?”
- “Não, meu braço tá conseguindo segurar, não.”



FIG. 175: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao assistirem esse trecho do vídeo, Júlia e Geíse se divertiram com o áudio de Thaís e comentaram:

Thaís tá lá: “Nossa, eu tô tremendo muito”. Aí Ana: “É frio?”. “Não, é porque tá pesado”. Num calor daquele, frio? (Júlia)

Ó a diferença das pessoas com relação a segurar a câmera. Tô escutando aqui, quem tava com a câmera, acho que era Thaís e Ana, você reconhece as vozes das pessoas. Acho que tava com o zoom, aí qualquer movimento que ela faz: “tum!”, puxa lá. Ela tá assim: “Gente, eu tô tremendo demais! O que tá acontecendo? Acho que minha mão que não tá conseguindo segurar”. E elas falando. Acho que ela não percebeu que tava com o zoom e qualquer trem que você faz, mexe muito. (Geíse)

Geíse começa a rir do áudio de Geison, no fora de campo: “Tô igual aqueles *Parati* velho batendo queixo: “Tec tec tec tec”.



FIG. 176: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao comentar sobre a montagem do áudio nessa parte do vídeo, Geíse lembrou a opção que fizemos pela sobreposição de um áudio de outra cena, em cima daquele que elas não queriam que fosse possível identificar naquele momento:

Tinha umas falas que nós não queria que aparecesse, não. Hoje em dia tem muita gente que fica com a pessoa por causa de beleza, olha só o lado de fora da pessoa e não acha que a pessoa tem sentimento, é só o lado de fora que vale. Aí nós tava falando isso e tinha muitas coisas. Com o tempo você vai mudando muito, uma coisa que você pensava de uma pessoa hoje é tudo diferente: “Gente, mas eu falei isso mesmo? Ah não, vamos cortar isso”. Aí a gente cobriu com outro áudio de coisa que tava acontecendo no rio, você colocou um áudio em cima. É o mesmo áudio do vídeo, só que você colocou pra ficar bem diminuído o áudio que a gente tá falando. (Geise)

Ao assistir novamente o vídeo, Ana também percebeu a sobreposição do áudio de uma cena na outra e lembrou:

Tem uma parte aqui que Diego tava conversando com Geison, falando que o lugar [outro rio da região] era fundo. Aí ele fala assim: “Lá nós só vai olhar, né?” Geison falou que a água lá bate no queixo. Só que aí depois apareceu essa fala de novo quando a Thaís tava gravando os meninos brincando na pedra, eles vai lá e repete. É a mesma fala uma montada na outra, pra não dar pra perceber o que as meninas tavam falando no fundo. Não tinha jeito de apagar a fala, senão ia ficar um silêncio. Só se você ver o filme mais de uma vez que acaba percebendo isso, porque eles tão falando de muita coisa ao mesmo tempo, tem um monte de fala. Mas aí ele tinha falado do viado na curva duas vezes, eu percebi isso também. (Ana)

A cena de Geison recolhendo a rede de pesca termina com o áudio do Luan, que está fora de campo, cantando um funk³⁵.



FIG. 177: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 178: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Na cena seguinte a câmera mantém o enquadramento aberto, mostrando a paisagem e registrando as crianças jogando pedras cada vez maiores no rio, enquanto as meninas tentam atravessar para o outro lado. Luan grita, fora de campo: “Ô Davi, cês vai machucar!” e Nilsélia emenda: “O ruim de vim no rio com muito menino é isso, eu fico doida”. “Muito

³⁵ Tô apaixonado nessa mina - Mc Kevinho: <https://www.youtube.com/watch?v=g5wgmBvf9M>

menino assim eu fico doida”, Geíse riu muito ao escutar o áudio de Nilsélia, que é sua irmã mais velha, falando. Ao comentar sobre a presença dos adultos naquele dia do passeio, Júlia relembrou:

Tá todo mundo junto e só de tá todo mundo se divertindo, é bom ver isso. Agora, se não tivesse nenhum adulto com a gente, pode ser que não ia ser tão engraçado igual tava, a gente taria até doido com esse meninos, não saberia nem o que fazer. Porque muitas vezes a gente fala que o adulto fica só enchendo o saco, mas tenho certeza se eles não tivessem lá ajudando a gente, a gente não saberia nem por onde começar. E ali eles ajudaram muito com esses meninos. (Júlia)

A cena termina com o áudio de Sabrina: “Cuidado pros meninos não acertar aí no cê, André”.



FIG. 179: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 180: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

O enquadramento aberto continua no plano seguinte, que mostra o movimento de Ana Flávia atravessando o rio para o outro lado, onde os jovens fazem uma fogueira. Na montagem foi usada uma das canções³⁶ que as jovens cantaram, para encobrir o áudio da cena e nos levar até o outro lado do rio, onde a cantoria continuou. Nesse momento, Ana está com a câmera e também canta, acompanhando as jovens.

E o som das meninas ficou bom! E todo mundo começou a cantar. Os meninos da minha escola também falou isso, quando eles assistiram o vídeo: “Ô Ana, tem uma parte que a gente ouviu você cantando”, naquela hora que cê misturou [o áudio] lá com as meninas. (Ana)

³⁶ Cansei de farra – Dilsinho: <https://www.youtube.com/watch?v=aGgtComK-mY>



FIG. 181: Fotografia de Giovana capturada durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 182: Fotografia de Giovana capturada durante o passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 183: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 184: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao rever as imagens que mostram Geíse e Júlia cantando, Geíse relembra como as primas viviam um momento de convivência intensa e fraternal:

Se eu não me engano isso foi em junho. O aniversário de Giovana passou na semana, aí nós até levou bolo pra cantar parabéns pra ela. O tempo muda muito, eu não tava namorando, nem Júlia tava namorando. Nó, foi muito boa essa época. Aconteceu muita coisa na minha vida de ruim, mas foi bom, eu e Júlia tava muito próxima. Qualquer coisinha, uma olhava pra outra e: “Nú, cê viu”?! (Geíse)



FIG. 185: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 186: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ana permanece filmando as jovens cantando uma parte da música do Tiago Iorc³⁷ e enquanto grava, o microfone da câmera captura sua fala: “Ai que saudade do Tiago Iorc, viu?”. No momento em que ela assistiu as imagens gravadas, disse que já não gostava mais daquele cantor. A música seguinte³⁸ cantada a capela pelas jovens também é registrada na íntegra por Ana, enquanto desvenda no fundo do quadro eu e as mulheres da comunidade rindo. Ana comenta ao assistir: “Você rindo ! Você ri pra trás”.

Quando perguntei a Júlia o que ela sentia quando se ouvia cantando no vídeo, ela comentou:

Eu não gosto da minha voz nesses negócios [de gravação], não. Acho que fica estranha, sei lá. Ou ela é estranha, não sei. Como tá todo mundo amigo ali e também com os ensinamentos que a gente tava tendo com a aula de música, a gente se sentiu mais confiante. Eu gosto muito, muito mesmo de cantar. Eu canto 24 horas por dia. Geíse fica com raiva, porque eu acordo e vou pra escola, eu ponho no fone e dentro do ônibus eu vou cantando até chegar lá. Na hora do recreio eu ponho o fone e fico zoando com as meninas cantando, aí eu volto pro ônibus de novo pra ir embora e tô cantando, aí eu chego em casa ponho música pra arrumar a casa e tô cantando. Tipo, eu canto então toda hora. Geíse estressa, todo mundo sai de perto porque...ah, sei lá. Cantar me deixa bem, sabe? Eu não tô nem ligando, se eu tiver a música comigo tá bom. Agora se tá incomodando ou não, eu tô gostando, é o que importa. As imagens tem hora que serve pra ver os defeitos da gente, né? O que dá pra melhorar. A forma que eu tô cantando e o jeito que eu tô, isso já ajuda muito, pra gente mudar. (Júlia)

³⁷ Amei te ver – Tiago Iorc: <https://www.youtube.com/watch?v=W62-ZG9tPpI>

³⁸ Trevo de quatro folhas - AnaVitória: <https://www.youtube.com/watch?v=dUuZ9Y1qFZU>



FIG. 187: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Sobre a próxima música³⁹ que aparece no vídeo, Ana comentou: “A música do pesadão, eu não suporto ouvir ela. É interessante a letra, mas não suporto a música. Engraçado, né? Nessa hora eu tava com a câmera e queria mostrar o que tava acontecendo no ambiente. Igual quando as meninas tavam cantando, aí eu vi Emily cantando. Eu fui lá e virei a câmera pra mostrar ela cantando, só que quando eu virei pra pegar ela, acabou pegando os meninos tudo lá brincando. Aí eu fiquei interessada, querendo ver o que tava acontecendo com os meninos também. Aí eu acabei mostrando pra todo mundo ver”.



FIG. 188: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 189: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

No vídeo, Ana faz uma panorâmica que desvenda o restante do grupo ao fundo, enquanto Emily canta e dança em primeiro plano. A câmera permanece gravando os meninos rolando na areia.

³⁹ Pesadão – Iza: <https://www.youtube.com/watch?v=g8psa0UBZKA>



FIG. 190: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 191: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

No meio da brincadeira, Diego cruza o quadro chamando a atenção de Vitor, que havia derrubado um menino menor: “Cê machuca o menino. Ó o tamanho do menino”.

Quando filmou elas também de costas, elas cantando, enquanto mostrava elas cantando mostrava a bagunça lá atrás. Então, quem tava assistindo o vídeo podia ver elas cantando e também os meninos lá trás na bagunça. E todo mundo parou só pra olhar, todo mundo ficou olhando eles. (Ana)



FIG. 192: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Na cena seguinte o enquadramento aberto mostra Giovana e Adriely ao longe cantando e brincando com as pedrinhas na praia, junto da mata e do rio, enquanto Ana e Thaís conversam fora de quadro sobre cortar o cabelo e as meninas cantam outra canção. Ana comenta: “Essa música é linda” e Thaís “Ela é meu toque de telefone”⁴⁰.

É bom também lembrar que eu nem sabia que tava gravando eu cantar. Nossa senhora, tem umas partes que nem tava lembrando que tinha gravado e tem uma parte que eu nem sei, eu tô falando. A voz tá estranha. Eu esqueço que eu tô gravando e a gente fala, esqueço que vai ficar gravado. Dá uma sensação muito boa, porque ninguém foi no intuito de gravar tudo, ficar tudo certinho, com aquela obrigação de gravar, não. Foi pegando por diversão, foi gravando as partes que achava legal e tava todo mundo reunido, todo mundo

⁴⁰ Largado às traças – Zé Neto e Cristiano: <https://www.youtube.com/watch?v=WcTRQXtXJPs>

brincando, ninguém tá nem aí pra nada, as meninas cantando, todo mundo cantando, né? Todo mundo fazendo bagunça. E deu pra gravar, ficou engraçado, não ficou nada planejado. A pessoa fica diferente porque tá gravando, se eu mesma soubesse que tava gravando eu saía correndo da frente da câmera. E é uma coisa natural, assim, que acontece, não fica aquele trem muito marcado. Todo mundo tava normal. Uma coisa é a pessoa ficar forçando e fazendo gracinha porque tá gravando. Ai não, todo mundo é desse jeitinho memo. E tá todo mundo junto da família, né? Todo mundo divertiu muito. (Thaís)



FIG. 193: Frame retirado da gravação com Ana, no momento em que ela comenta sobre o áudio durante uma cena do vídeo *Passeio no rio*. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 194: Frame retirado do vídeo *Passeio no rio*. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

O áudio da música anterior cobre a imagem seguinte e Ana comenta: “E nessa parte que você continuou com a trilha sonora da gente cantando lá no rio, você usou na hora que a gente já tava indo embora. Ai a trilha sonora foi acabando, e daí começou o som ambiente”.



FIG. 195: Frame retirado do vídeo *Passeio no rio*. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 196: Frame retirado do vídeo *Passeio no rio*. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

A câmera acompanha Davi correndo e brincando de bater uma madeira na outra e a imagem desvenda um longo caminho que corta a fazenda. Nesse momento o grupo anda de forma mais dispersa, com um pessoal já bastante a frente. Ele pára e pergunta: “Por que eles tá correndo e tá deixando nós pra trás? Por quê?”. Em seguida ele acelera o passo e sai correndo para encontrar o pessoal que seguia ao longe, pelo caminho.



FIG. 197: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 198: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Na cena seguinte a câmera se detém em Júlia, que sai correndo em direção ao pé de limão. Enquanto o enquadramento mostra o momento em que ela pegava os limões do pé, Diego grita: “Ó o boi, Júlia!”

O que eu gostei foi a luz. O sol tava se pondo e aí fica uma cor maravilhosa de se ver. Ainda mais que a gente tá lá entre montanhas, tava na volta do passeio. (Geíse)



FIG. 199: Sequência de frames retirados do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Júlia vem retornando do fundo do quadro e a câmera mantém o enquadramento em Geíse e Diego, que têm um diálogo em primeiro plano enquanto ela retorna. No meio do caminho, Júlia olha a paisagem e diz:

- “Neca, que lindo, filma essa paisagem aqui”.

Diego responde: “Ela tá filmando”.

- “O que cê tá filmando eu pegando limão”?

Essa cena tava engraçado demais, se não tivesse o áudio esse plano ia ficar completamente sem graça. A única coisa que ia ter de engraçado é eu não tendo altura pra pegar o limão. Agora a parte que ficou engraçada: “Você vai tocar?”, “Toco”, “Você toca?”, “Toco”, “Vaiiii!!” Aqueles dois discutindo foi tipo a parte mais engraçada que teve. Eu não tava nem percebendo que você tava gravando, depois de um tempo que eu vi. Por isso que eu falei que quando a pessoa tá vendo que tá gravando ela já muda totalmente o comportamento e perde toda a graça que você queria levar pra pessoa que tá assistindo. Nós num tava esperando você gravar. Igual aquela parte que a gente tava cantando e você não

tava gravando. E pra nós você tava gravando e você não tava. E quando a gente achou que você não tava, você tava. Aí ficou natural, porque eu tenho certeza que se até eu soubesse que você tava gravando eu não ia ficar olhando pra lá, nem mandado você gravar. Ah, não dá pra explicar, não. Porque eu sou muito vergonhosa mesmo. (Júlia)

Ao assistir esse trecho do vídeo, Geíse comentou sobre a percepção dela de que o jovem sempre indaga sobre a habilidade do outro em tocar um instrumento, até que ele mostre na prática que sabe tocar.

Eu zôo muito a Júlia por ela ser pequena e ela me zoa por ser grande demais. Diego tá tocando agora na Igreja. Eu vi uma gravação, acho que o pai dele postou. Agora ele tá tocando, tá tocando bem, gostei disso. Eu não imaginava que ele tocava violão. O tio dele que ensinou. Ele sempre falava isso comigo, mas eu não acreditava não, só acredito vendo. Aí ele foi lá e me mostrou que ele tava tocando. Porque tipo assim, um jovem. Ele fala assim: “Eu toco”. O outro: “Toca mesmo? Eu nunca vi você tocar.” Muita gente na escola não sabe que eu toco não, fico quietinha na escola. Teve um sábado letivo, tinha muita atividade na escola, música, desenho, artesanato, aquelas cordas que estica, maquiagem, esses trem tudo. Cada um podia entrar em alguma coisa. Antes de começar eu tava bem tocando violão, aí eu sou muito amiga da supervisora, desses povo tudo em geral. Ela falou assim: “Cê toca?” Aí eu assim: “Toco”. E ela: “Mentira que cê sabia tocar esse tempo todo e ninguém sabia que cê tocava. Ah, mas é filha de tocador, também”. Mas eu tô assim: “Mas num é porque a gente é filho de tocador que a gente sabe tocar, não. Mas a gente tenta, né”? Depois eu ganhei um tanto de parabéns na escola, porque teve Carnaval e a turma do Matição não pôde ir. Ninguém pôde ir porque tava todo mundo ocupado. Aí veio Vitor, Rafael, alguns meninos juntou com os meninos da escola e começou a tocar. O tamborim, ninguém sabia tocar ele. Aí eu fui lá, peguei e fui tocar. Aí aconteceu o Carnaval da escola. Até o final, eu peguei e toquei. Aí meu professor tá assim: “Muito bonito, ocê ter ido lá, cê toca demais”. Os meninos tinham me chamado, e eu pensei: “Ah, num vou, não”. Aí depois que eu vi que eles precisava de ajuda e eu não aguento ver os outros precisando de ajuda, eu poder ajudar e não ajudar. Eu fui lá pegar, o menino olhou pro Rafael: “Ela sabe tocar, Zé?” Aí, o Rafael: “Sabe.” Aí eu fui lá e comecei a tocar, o menino ficou assim, de boca aberta. (Geíse)

Diego decidiu não tocar e, carregando o violão, saiu de quadro junto com as jovens. O microfone da câmera captura o áudio dele, que começa a cantar⁴¹ “Pela longa estrada da vida.” As meninas, após darem uma risada, emendam: “Eu não quero e não posso parar, a

⁴¹ Pela longa estrada da vida – Milionário e José Rico: https://www.youtube.com/watch?v=BV_1slcOjr8

esperança de ser campeão, alcançando o primeiro lugar”. Ana comenta sobre o final do vídeo: “Ficou mó legal eles cantando “Essa longa estrada da vida” e mostrou o sol lá atrás”.



FIG. 200: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 201: Frame retirado do vídeo Passeio no rio. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Depois que assistiram o vídeo, as jovens fizeram alguns comentários que foram suscitados a partir da visionagem. Júlia comentou sobre o sentimento de união que o vídeo causa nela:

O vídeo Passeio no rio eu sei de cor, eu via direto antes de queimar o aparelho de DVD lá de casa. Não sei explicar, é igual quando a gente saía pra fazer piquenique por esses morro afora. Eu não sei a palavra pra te falar. Tipo a gente tira o dia pra fazer essas coisas. União, a gente fica tudo unido. (Júlia)

Geíse também relacionou o vídeo com a união da família e refletiu sobre como a tecnologia influencia as relações, conforme ela mesma relatou:

Uma coisa é quando tá todo mundo unido, unido memo. Lá na casa de Vovó, todo mundo fica com celular na mão mexendo na internet. Até os mais velhos mexendo na internet. Tá no rio? Quem tá mexendo no celular ali, você viu alguém mexendo no celular ali? O celular ficou lá tocando música, ninguém ligou pra celular. Todo mundo foi caçar brincar, conversar. Lembra muito o que a tecnologia tá fazendo hoje em dia. Antigamente os povo conversava dos papo de assombração, contando caso e ocê sentada, ouvindo, conversando. Hoje em dia, Júlia tá lá mexendo no celular, eu do lado e aquele silêncio. Eu sou assim, eu mexo no celular. Minha professora tá fazendo uma pesquisa em geral: “Quanto tempo você fica no celular durante um dia? Quantas horas direto?” Aí a maioria: 5, 6 horas. Tem dias, quando eu fico muito tempo sem usar, meus vídeo do YouTube, novela, vídeo engraçado, fica tudo acumulado. Você fica quase o dia inteiro e a noite inteira assistindo. Você num fazia isso antigamente, não. Antigamente era só conversa. Agora não. Os povo tem hora que vai jogar um joguinho e deixa ocê de lado. Ao invés de prestar atenção na conversa, a pessoa vai mexer no celular e na rede social. As pessoas têm que colocar consciência que é tecnologia,

tem suas consequências por causa do uso, tem seu ponto negativo e seu ponto positivo. Tudo tem seu tempo. Vai ter seu tempo de mexer na internet durante o dia, vai ter seu tempo de sentar e conversar. Eu chego em casa e falo assim: “Nó mãe, o que você fez hoje”? “O que você fez na parte da manhã”? “Nó mãe, aconteceu isso e isso na escola, professor falou isso e eu falei aquilo outro”. Depois eu vou, almoço, assisto um vídeo de boa, arrumo casa e tudo mais, depois faço dever, depois vou assistir televisão e, na mesma hora que eu tô assistindo televisão com mamãe, nós fica conversando, nós num deixa de conversar, não. Mas hoje em dia, muita gente não tá levando em consideração as pessoas, que as pessoas têm sentimentos, esquece que a pessoa existe e vai viver a tecnologia, pensa que a tecnologia vai dar você sustento, vai amar você, vai fazer tudo por você. Eu acho que não é isso. (Geíse)

4.3. Vô João e as galinhas: aprendendo com os mais velhos



FIG. 202: Sequência de frames retirada do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

O filme começa com um plano sequência na altura dos olhos, em uma caminhada pelo pátio central, em frente à Capela, passando ao lado da casa de Dona Nilse e Sr. João e se direcionando para os fundos. Enquanto isso surge o áudio do Sr. João cobrindo a imagem: “A primeira coisa que cês têm que fazer, é ter o cuidado, se ocês quiser ter resultado”. Ao assistir o início do vídeo, Geíse comentou surpresa sobre a montagem do áudio sobrepondo a imagem e fez uma analogia da fala do avô com o processo formativo em audiovisual:

Ó! Eu num tinha visto, não. O Vovô falando e agora, andando. É a mesma coisa da gente tá andando. Nossa, não tinha visto, não. “Ter o cuidado pra você ter o resultado”. Óia pro cê vê. Foi interessante, que ele falou assim: “É ter o cuidado pra ter o resultado”. Você tem que ter cuidado com a coisa pra você ter o resultado, igual ao audiovisual. A gente teve todo cuidado com a câmera, agora nós tem o resultado do filme. (Geíse)

Sobre a pergunta feita pelo Sr. João no início da gravação da conversa com as jovens: “Vocês pretendem criar galinha?”, Júlia comentou:

Eu saí andando mesmo pra gravar, fui gravar as galinhas. Aí eu vi o Vovô e chamei ele. Eu comecei a perguntar e ele foi falando com nós: “Vocês pretende criar galinha?” Aí a

gente falou que “sim”, mas é “não”. Minha opinião. Eu não pretendo criar, de jeito nenhum. Ah nem, quero não. (Júlia)

A partir da visionagem do vídeo, Geíse relembrou os momentos da infância em que ela ajudava o avô a cuidar da criação de galinhas:

Não tenho vontade de criar galinha, não. É um medinho assim, básico. Se a galinha correr atrás docê, cê sai correndo. Vovô tinha um ganso quando a gente era pequeno, o ganso era assim, do nada cê tá andando e ele começa: “pu, pu, pu, pu” atrás docê e saía correndo. Eu num tenho muito medo de galinha, não, mas se aquele trem correr atrás de mim, eu sumo, do mundo! E quando cê vai tacar comida pra elas, cê entra dentro do galinheiro, elas faz assim nocê, ó ! Eu fico agoniada com aquele tanto de galinha vindo pra cima de mim! Eu num tenho vontade de criar galinha, não, mas minha irmã já criou. Quando é pintinho é bunitinho, mas quando cresce...uh! Cê viu? Minha vizinha tem um galo desse tamanho! Se aquele bicho correr atrás docê, ele sabe voar, cê vai pra onde? Não dá certo eu com galinha, não. Ó Jesus. Eu lembro que Vovô, nós, desde pequeno, nós amava cuidar de galinha. Acordava cedo, “Vovô, deixa eu !” Vovô colocava milho na mão de cada um, aí nós ia tacar pra galinha e elas já: “pruuuuuuu” e nós: “pruuuuuuu...titititi”. Aí nós limpava o bebedouro, tinha dois bebedouro, um grande assim e uma pedra com um trenzinho no meio. Nós limpava aquele negócio direitinho e colocava água limpinha e no filme [Vô João e as galinhas] ele falou assim que pra galinha não ter doença, não ter nada, tem que lavar todo dia o bebedouro delas. (Geíse)

Sobre a conversa que as jovens fizeram com Sr. João, durante a gravação, Ana relembrou:

Eu achei interessante a conversa porque tinha muita coisa que a gente não sabia. Eu também não gosto de galinha, mas a gente achou interessante. Essa parte que eu tava vendo aqui que ele falou, que de manhã a gente tem que dar ração, aí de tarde a gente tem que dar milho, que assim a gema sai vermelhinha. Isso eu nem sabia que tinha, achei que podia dar milho de manhã, de tarde, na hora que você quisesse. Tem outras partes lá na hora que ele falou de aplicar um remédio na galinha e depois de alguns dias você não pode comer os ovos, se não pode causar contaminação, né? Tinha muitas coisas que a gente não sabia na hora da entrevista, a gente achou interessante que ele tava explicando. Meus tios também mexem com criação e eu nem sabia dessas regras que tinha. Eles têm criação de galinha, pato, porco, tinha vaca também, só que a vaca morreu. A gente não sabia, só convivendo, ou perguntando as pessoas experientes que a gente ficou sabendo. (Ana)



FIG. 203: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 204: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ao recordar sobre o momento da gravação com o avô, Thaís comentou:

Quando a gente começou a gravar, toda hora que a gente começava a gravar, a gente esquecia alguma coisa, ou tava escuro, ou a gente esquecia de conectar o microfone, senão ia ficar muito baixo. Toda hora tinha que ficar pedindo pro Vovô esperar. Ele ficou meio sem paciência, porque repetia o trem e eu falava: “Vô, perai”. Ai ele não esperava e eu: “Vô, péra. Eu tô arrumando o negócio aqui ainda”. “Nó, mas ocê num arrumou o trem, não?” E eu falei: “Calma!”. Depois ele foi e falou direitinho, fui eu que gravei esse trem. Eu tava com a câmera e Júlia com o microfone, esse dia eu lembro. (Thaís)

Júlia relatou parte das dificuldades que tiveram durante a gravação com o avô:

Primeiro foi o microfone, que não tava pegando. Ai tirou a vara. Ai fiquei segurando na mão e pedi pra Thaís olhar a câmera pra mim. Ai dava problema lá, a gente não conseguia tirar do automático. Depois eu arrumei os trem tudo e foi umas três vezes que a gente teve que começar de novo, pra sair do jeito que queria. (Júlia)

Ana descreveu as dificuldades que tiveram e o momento em que descobriram como resolver o problema durante a gravação com Sr. João:

A gente demorou um tempão pra gravar, surgiu um monte de problema com o cabo na hora, não tava saindo o som no microfone e também nem no fone. Ai a gente ficou um tempão pra resolver o que era. E era por causa da vara, acho que a vara não tava adaptando lá no cabo. A gente num tinha costume de mexer com isso e a gente tava ainda no início da formação. Ai foi a hora que a gente aprendeu, foi o primeiro descobrimento nosso. A gente descobriu que o defeito tava ali na vara. A gente foi e ficou segurando lá no cabo mesmo. Acho que Thaís que tava filmando nessa hora o “Jão”, ai eu tava segurando o cabo e acho que era Júlia que tava com o microfone. Ele tava esperando já, agoniado. Toda hora que ele começava a falar, a gente ficava assim: “Não, perai, perai, Sr. João”. A gente parava. Ai depois ele começava de novo e a gente pedia pra ele parar de novo. Ele já tava ficando

eufórico, já. Eu e Thaís ficamos lá fuçando na câmara, tentando descobrir o que era, tava tendo alguma coisa que não tava saindo o som. Sabe aquele negócio lá que a gente olha o som? A gente foi nos botõezinhos da câmara, às vezes pegava de um lado do fone, não pegava do outro. Aí quando a gente tirou da vara, o som começou a pegar normal. Foi aí que a gente percebeu que o problema tava na vara, no contato do microfone com o cabo. (Ana)

Ao ouvir novamente as explicações do avô sobre os cuidados com o galinheiro e a criação, Geíse relembrou:

Nunca passou pela minha cabeça que se é pintinho tem que fazer assim, se é frango tem que fazer daquele jeito. Falou que tem que vacinar depois 30 dias, 30 dias de fase de crescimento. Ele cresceu, muda a ração, isso é muito interessante. Falou assim que é os piolhos que dá na galinha. Pode dar bactéria por causa disso. Eu pensava que piolho pegava igual ser humano, que pega passando, passando, passando. O piolho da galinha acontece com as fezes que fica no ninho, aí dá bactéria, ela vai lá e pega piolho. Um trem diferente, meio assim. Pra mim, a galinha do nada ia lá, “quer chocar”? Vai lá, bota o ovo, fica em cima do ovo durante um tempo, o pintinho sai e pronto. (Geíse)



FIG. 205: Frame retirado do vídeo *Vô João e as galinhas*. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 206: Frame retirado do vídeo *Vô João e as galinhas*. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Júlia reconta como foram as gravações que geraram o material que foi editado e que deu origem ao vídeo *Vô João e as galinhas*:

Primeiro foi a gravação com o Vovô. Vovô começou a falar o que tem que fazer. Aí ele falou que tem que vacinar as galinhas, eu não sabia que galinha vacinava. Eu comecei a perguntar, porque eu não sabia, né? Aí foi surgindo. No outro dia, eu peguei a câmara e sai gravando o resto. A maioria das imagens que tá aqui foi as que eu gravei depois, senão não teria um começo pro vídeo. Depois mostra o Vovô, depois mostra as galinhas, mostra ele falando de novo, depois ele fica em cima da outra imagem que eu gravei. (Júlia)

Ao rever o vídeo, Ana comentou sobre a montagem, que incluiu imagens que foram gravadas em um momento posterior à conversa com Sr. João:

Ficou tão legal ! Aqui você colocou as imagens e ele falando. Depois que a gente já tinha feito a entrevista, depois foi lá e gravou o local onde fez a gravação. No dia a gente só colocou ele sentado e deixou o fundo pra mostrar as galinhas e ele falando. A gente gravou entrevistando ele e só. Por isso que eu falei: “Tá diferente”. É porque ele tava falando, só que a gente conseguia ver as galinhas, mas não tinha imagens do ambiente onde a gente tava, né? (Ana)



FIG. 207: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 208: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Durante a visionagem, Thaís também observou as imagens que foram inseridas no momento da edição:

Deu uma diferença do galinheiro, gravando de cá pra lá. A gente gravou de frente e quando ela [Júlia] gravou vindo, ficou legal, gravou o galinheiro de um lado, gravou do outro lado, de frente, deu pra ver tudo sobre o lugar, e tinha muito a ver. O Vovô falando sobre as galinhas, foi bom, ter colocado o galinheiro lá atrás. É criação dele, ele que criou assim, né? Ficou bem legal porque tinha muito a ver a entrevista com a imagem. A gente conversou com ele antes. Eu e Júlia pedimos pra ele explicar, aí eu falei com Júlia que eu ia ficar gravando, que eu não ia perguntar, a gente combinou. Eu gravei, pedi pra ele ir falando, aí quando ele tivesse acabado era pra ela ir perguntando, que ela tem mais facilidade de perguntar do que eu. (Thaís)

Ao comentar sobre o enquadramento da câmera, que incluiu Júlia segurando o microfone enquanto conversa com o avô, ela observou:

A única coisa que foi o erro, porque como eu tava fazendo a pergunta, ele tava olhando pra mim. E eu tava com o microfone e Thaís querendo pegar ele, só que ele tava olhando pra mim. E não tinha uma posição muito boa ali não, porque tem muito buraco. Aí ficou mostrando eu ali segurando o microfone. É legal, mas eu acho que eu não tava

preparada, sabe? Eu tava com se eu tivesse entrevistando mesmo, mas não como se tivesse conversando. E pra ele era como se a gente tivesse conversando. (Júlia)

Do ponto de vista de Ana, a opção de enquadrar Júlia junto com Sr. João facilitou o entendimento de quem assiste ao vídeo, pois dessa forma pode-se visualizar para quem Sr. João se direciona ao responder sobre os cuidados com as galinhas:

Na hora que a Thaís tava filmando, a gente não tava fazendo as perguntas. A Júlia que tava fazendo as perguntas. Pra não ficar estranho, ela deixou até uma parte do corpo dela aparecendo, porque ele virou na hora. Aí pra ninguém achar estranho com quem ele tava conversando, deixou uma parte do corpo aparecendo. (Ana)



FIG. 209: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)



FIG. 210: Frame retirado do vídeo Vô João e as galinhas. (Quilombo Mato do Tição, 2018)

Ana também comentou sobre os conhecimentos que ela obteve a partir da conversa com Sr. João durante a gravação:

Eu achava que criando a galinha com ração, porque ração tem vitamina, cálcio, tem de tudo pra galinha ficar mais forte e engordar mais rápido. Eu achava que era melhor a carne da galinha e também os ovos, mas é o contrário. É com milho que a galinha fica mais saudável e eu não sabia disso. Ah, no final foi tão tranquilo, quando acabou o vídeo e a Júlia agradeceu e ele: “Sempre as ordi” e depois ficou filmando com aquele som ambiente, os passarinhos. (Ana)

5. REPENSANDO CAMINHOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO AUDIOVISUAL COM JOVENS NO MATO DO TIÇÃO

5.1. Percurso com a comunicação comunitária

Indagações que surgiram durante o fazer, provocadas por outras experiências com formação em audiovisual vivenciadas durante meu percurso profissional, geraram em mim um forte desejo de realizar práticas junto à comunidade Quilombola Mato do Tição, de modo a colaborar com reflexões e também fortalecer a importância pedagógica intrínseca aos processos de produção audiovisual. Baseando-se nesses fundamentos, a pesquisa, *Narrativas da Juventude do Quilombo Mato do Tição: vozes, imagens e sons de jovens quilombolas*, desenvolvida no Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da UFMG, buscou conjugar as experiências com processos formativos e produção audiovisual que experimentei ao longo da minha trajetória, com a pesquisa acerca das imagens, sons e narrativas de jovens do Quilombo Mato do Tição, participantes de um processo formativo em audiovisual no qual tive a oportunidade de atuar como educadora, durante o ano de 2018. Por outro lado, a experiência com os jovens do quilombo do Mato do Tição me fez repensar minha trajetória. Trata-se de uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que meu percurso me leva ao processo formativo no Mato do Tição, esse por sua vez me faz repensar o meu percurso.

Durante a minha trajetória profissional, passei a encarar a produção de imagens e sons como um ato de resistência e, através do ato de pensar com as próprias mãos, garantir a autoria do que se produz. (LEANDRO, 2001) E, principalmente, de *quem* produz. No decorrer do meu percurso, aprendi o valor do convívio com pessoas muito diferentes entre si e deixei-me afetar (GOLDMAN, 2005) por situações que me levaram a questionar e ampliar modelos e privilégios pré-existentes, limites de percepção e de território. Através da atuação em diversos projetos que buscavam criar oportunidades de acesso para pessoas ou grupos que quisessem aprender a produzir audiovisual, passei a considerar que poderiam existir múltiplos processos de formação e arranjos de produção, tendo em vista as especificidades econômicas, sociais, raciais e culturais dos envolvidos.

O início dessa caminhada se deu no momento em que estudava Publicidade e Propaganda⁴² e simultaneamente integrei a equipe do projeto de extensão TV Sala de Espera, do Departamento de Comunicação Social da UFMG. O projeto, desenvolvido entre os anos de 1993 e 1997, pretendia envolver as comunidades dos bairros Paulo VI e Ribeiro de Abreu,

⁴² Minha formação acadêmica inclui o Bacharelado em Publicidade e Propaganda pela Uni-BH (1994-1998) e Licenciatura em Artes Plásticas pela UEMG - Escola Guignard (2004-2008)

situadas na região nordeste de Belo Horizonte, na produção de uma TV comunitária local, cujas produções eram exibidas nos Centros de Saúde públicos, durante o horário de atendimento. O objetivo era amplificar as vozes dos moradores dos bairros e envolver os líderes comunitários, professores, estudantes das escolas públicas, técnicos de saúde e jovens ligados a movimentos culturais. Para uma jovem que vivenciava sua primeira experiência profissional, os processos de produção de comunicação comunitária suscitaram várias reflexões sobre as formas de abordagem e narrativas, além de questionamentos sobre as relações de poder contidas nos discursos comunicacionais, nos formatos televisivos e nos modos de produção audiovisual. Junto disso, para uma jovem mulher recém-chegada na universidade, branca, classe média, que conhecia pouco da cidade, pegar um “vermelhão” no centro para seguir em direção a regiões que nunca tinha nem pensado que existiam e encontrar tantos outros modos de viver, foi arrebatador.

O fruto dessa experiência foi a formalização de uma ONG, em 1997, que batizamos de Associação Imagem Comunitária – Grupo de Pesquisa e experimentação em mídias de Acesso Público (AIC), onde as ideias que foram geradas ganharam corpo e expansão. A AIC buscou uma metodologia de ensino de audiovisual que partia dos princípios de pesquisa, invenção, experimentação e compartilhamento, apoiados em processos de formação coletivos. Algumas premissas passaram a nortear esse grupo, cujo repertório foi sendo constituído a partir de referências das áreas da Educação, do Cinema⁴³, das Artes Plásticas⁴⁴, da Filosofia e da Cultura Popular (LIMA, 2007).

Nessa época tive o primeiro contato com a pedagogia do educador e filósofo Paulo Freire, por meio das publicações sobre suas práticas na educação popular. As ideias desse mestre formam um “divisor de águas” no meu entendimento sobre como a concepção bancária de educação se constitui como instrumento de opressão e colonização junto aos meios de comunicação. Identifiquei-me prontamente com a ideia de buscar bases dialógicas para a construção do aprendizado e um “fazer junto comunicativo”, como exercício das diferenças e do desenvolvimento humano. Passei a acreditar em práticas pedagógicas que

⁴³ Eduardo Coutinho, Jean Louis Comolli, Jean Rouch, Edgar Morin e outros, cujos filmes e pensamentos nos nortearam e inspiraram.

⁴⁴ Fomos instigados por Lygia Clark e Helio Oitica, com suas proposições, obras abertas, interativas, que buscavam aproximar a arte da ação, a partir do pensamento que surge junto à experiência e à cultura popular. Os jogos teatrais de Viola Spolin, as reflexões de Joan Huizinga e Walter Benjamin sobre o *homo ludens*, conectaram-nos à experiência do jogo e das brincadeiras/brinquedos como elementos primários na formação do ser e da cultura. Esses e outros nortearam o grupo e nossa metodologia, que incluía a criação de jogos midiáticos e proposições voltadas para formações audiovisuais. Algumas práticas desenvolvidas por esse coletivo foram sistematizadas no livro: “Audiovisual Comunitário e educação: histórias, processos e produtos”. (Catálogo de práticas, pg 387)

contribuíssem com a autonomia das pessoas, respeitando cada repertório de saberes e práticas culturais.

As primeiras ações dessa associação se delinearão em torno da democratização dos meios de comunicação, em confluência com outras experiências de comunicação popular em diversas partes do país (ALVARENGA, 2004). Época de fortalecimento das organizações da sociedade civil e associações, que desenvolveram uma grande diversidade de projetos voltados para a produção de uma comunicação que privilegiava as comunidades e as iniciativas que não eram representadas nas grandes mídias. Experiências de produção de mídias comunitárias como a TV Maxambomba⁴⁵, realizada pelo CECIP (Centro de Criação de Imagem Popular), na Baixada Fluminense, mobilizavam os moradores para se expressarem e retratarem suas realidades por meio de vídeos produzidos por eles mesmos e que eram exibidos em praças públicas, e a TV Viva⁴⁶, realizada pelo Centro de Cultura Luiz Freire, em Recife, que produzia conteúdos nos bairros onde eram exibidos semanalmente em telões montados em praça pública. Essas diversas iniciativas pretendiam não apenas preservar a memória social e cultural das regiões onde atuavam, mas democratizar o acesso “[...] às transformações no modo de lidar com a TV e o vídeo – suportes, ambientes concebidos para veiculação, compartilhamento e interação com o público, fomento à vida comunitária e à participação política através de recursos audiovisuais”.⁴⁷

A partir do fortalecimento das mídias produzidas pelos movimentos sociais, passamos a entender a Comunicação e Expressão como direito e seguimos a aposta de que a apropriação dos meios de comunicação por parte de quem não tinha acesso só se realizaria plenamente se associada a processos formativos que se construíssem junto às especificidades de cada indivíduo e grupo. Diversas experiências comunicacionais ao redor do mundo frisavam a importância de utilizar os meios de comunicação para promover uma cultura de direitos, que respeitasse as diferenças e fomentasse debates sobre questões de interesse público. Passamos a encarar o educador e todos os envolvidos na formação e produção audiovisual como criadores de imagens, sons e formas de aprendizado, sendo também pedagogos em potencial. A importância do papel do educador se dava na mediação e investimos em diluir uma relação assimétrica, na medida em que os jovens eram estimulados

45 Disponível em: <<http://www.cecip.org.br/site/category/conheca/>>. Último acesso em 10 de novembro de 2019.

46 Disponível em: <<http://cclf.org.br/tv-viva/>>. Último acesso em 10 de novembro de 2019.

47 Disponível em: <<http://www.cecip.org.br/site/tv-maxambomba-2/>>. Último acesso em 10 de novembro de 2019.

a se apropriarem das técnicas de forma expressiva, enquanto lidavam com os códigos, formatos e linguagens que inicialmente lhes eram inacessíveis.

Essa ideia corrobora com o que Anita Leandro diz sobre a pedagogia das imagens, que ao serem abordadas sob o ponto de vista da criação, podem ser capazes de suscitar, da mesma forma que o texto escrito, um verdadeiro processo cognitivo. Compartilho da ideia que os processos de produção de imagem fazem pensar e é nesse sentido que contêm uma pedagogia intrínseca, pois se constitui como forma de se conhecer e compartilhar conhecimento. (LEANDRO, 2001)

No ano de 2003, passados quase dez anos da sua fundação, a AIC aprovou em edital público, o projeto Rede Jovem de Cidadania (RJC)⁴⁸, cuja proposta era construir uma rede de comunicação feita por jovens de diversas partes da cidade de Belo Horizonte. No primeiro ano, a RJC contava com um núcleo de 54 jovens correspondentes, moradores de vilas, favelas e bairros periféricos, que foram selecionados junto a uma rede de associações comunitárias, grupos culturais, coletivos e movimentos sociais. A partir de 2004, a rede de jovens participantes do projeto foi se ampliando, e os processos formativos começaram a contar com uma diversidade cada vez maior de grupos e coletivos juvenis, articulados a partir de ações de mobilização. Em seguida, o programa Rede Jovem de Cidadania passou a ser veiculado num espaço semanal de 26 minutos de duração, dentro da programação da Rede Minas de Televisão, canal público do estado de Minas Gerais. (AVANCA, 2012)⁴⁹ Ao longo dos primeiros anos, os jovens produziram vários produtos de comunicação que surgiram de processos formativos, cuja proposta era fomentar a reflexão crítica sobre os processos de produção pelo envolvimento na prática com as mídias. A intenção era que, ao longo dessas formações, os jovens se apropriassem das linguagens e gerassem produtos em diversos formatos, para serem veiculados em vários espaços, como TVs alternativas e rádios comunitárias, que naquela época resistiam em vilas e favelas.

Além da pedagogia intrínseca à produção de imagens e ao fazer, a circulação e divulgação de outras narrativas no espaço midiático integravam o que entendo como atos de resistência. A criação de imagens a baixo custo por televisões comunitárias, cineastas independentes, pequenas produções populares, universitárias ou escolares, e mesmo o filme

⁴⁸ O projeto Rede Jovem de Cidadania (RJC) fez parte do Programa Petrobrás Cultural entre os anos de 2003 e 2014. A coordenação do projeto esteve com Rafaela Lima, Juliana Leonel e Ana Tereza Brandão até 2008. De 2009 a 2014, atuei como Diretora de Projetos e coordenadora do RJC de forma compartilhada com a equipe de jovens.

⁴⁹ BRASIL, Michel; GUIMARÃES, Victor; MELO, Alexia; QUIRINO, Clebin. *Audiovisual comunitário entre a estética e a política: a experiência da Rede Jovem de Cidadania no Brasil*. Festival de Cinema AVANCA, Portugal, 2012. Acesso em: <https://pt.scribd.com/document/105512997/Audiovisual-comunitario-entre-a-estetica-e-a-politica-Avanca-2012>

de família, podem ser, conforme defende Anita Leandro, armas eficazes nessa *guerra das imagens*. (LEANDRO, 2001, P. 35). Ao longo de onze anos de resistência⁵⁰, o programa Rede Jovem de Cidadania experimentou uma diversidade de métodos e configurações, tanto na estrutura do projeto quanto na equipe, sempre buscando colocar em prática a ideia de acesso público e democratização dos meios de comunicação, a partir da articulação em rede envolvendo processos formativos. Por se tratar de um programa inicialmente veiculado em todo o Estado de Minas Gerais e depois exibido na TV Brasil, canal público federal de abrangência nacional, a partir de 2011 conseguimos perceber o impacto que as narrativas carregadas de dimensões estéticas e de conteúdo formulado pelos jovens provocaram na audiência, sempre acostumada com as tradicionais formas estigmatizadas por meio das quais essas juventudes eram retratadas. As produções empregavam, muitas vezes, formatos narrativos e princípios de estruturação de elementos simbólicos pouco usuais na mídia de massa, cumprindo outras funções de comunicabilidade.

Toda essa experiência nos estimulou a fortalecer o argumento de que a potência da produção audiovisual comunitária residia não apenas em dar visibilidade a grupos e temas invisibilizados, mas, principalmente, em sua capacidade estético-política de rearranjar as formas dominantes de ver e ouvir, inventando novos espaços e tempos para o aparecimento dos sujeitos e criando experiências distintas para o espectador. (AVANCA, 2012)

A equipe da Rede Jovem de Cidadania, entre os anos de 2009 a 2014, foi composta essencialmente por jovens realizadores⁵¹, que colaboravam junto à minha coordenação, na produção dos programas de TV, atividades educativas, mobilização, articulação e exibição nas comunidades. As relações entre nós eram fortalecidas, com base em pesquisas e trocas constantes, nos campos da Arte, Cultura, Música e Audiovisual. Ao longo dos anos, criamos um repertório coletivo e mixado, que se juntou segundo as nossas diferenças, com referências do “asfalto” e da “favela”: um conjunto de filmes e referências no campo do documentário, vídeo clipes, músicas, fotografias, trilhas e batidas, gírias, textos, artigos, revistas e experiências de vida. Tal diversidade ficava evidente no programa de televisão, pois os produtos resultavam de processos formativos desenvolvidos pela equipe, que se revezava com cada participante ou grupo, vindos de diversas partes da cidade. Novos fluxos iam sendo criados constantemente para movimentar essa rede de produção coletiva, que era estimulada

⁵⁰ Os programas foram exibidos semanalmente na Rede Minas de Televisão, entre os anos de 2004 e 2015 e na TV Brasil, entre os anos de 2011 e 2014. Alguns vídeos da *Rede Jovem de Cidadania* podem ser vistos em: <https://vimeo.com/channels/332295>

⁵¹ Michel Brasil, Jéferson Cléber dos Santos (Clebin Quirino), Fabiana Santos, Marcelo Lin, Daniel Dorledo, Gracielle Fonseca, Lucas Botelho, Eu Penaforte e Satiro Saone foram alguns dos jovens que fizeram parte da equipe da Rede Jovem de Cidadania entre os anos de 2009 e 2014.

com reuniões presenciais e processos de mobilização constantes, na tentativa de facilitar a participação e a interação entre os grupos. A rede de relações que cada integrante tecia e o nosso comprometimento com as pessoas e com os coletivos foram essenciais para ampliarmos a diversidade de narrativas, territórios e também conquistarmos a legitimidade perante os grupos. Por ter sido um projeto premiado e longo⁵², tive a oportunidade de representar institucionalmente o projeto Rede Jovem de Cidadania em seminários, festivais de audiovisual, encontros de formação, oficinas e palestras em várias partes do país e no exterior, além de contribuir com pesquisas acadêmicas sobre as iniciativas do terceiro setor nos campos da Comunicação e Educação (CIRELLO, 2013; OLIVEIRA, 2013),⁵³ envolvendo as juventudes, processos formativos em audiovisual e tessitura de redes.

Depois dessa experiência marcante em minha trajetória, que se finda em 2014, permaneci com a crença naqueles encontros que evocam o diálogo, o respeito às diferenças, o exercício político cotidiano e a valorização de cada um como protagonista na construção da sua própria narrativa e da sua comunidade. No ano de 2015, ingressei como educadora de Fotografia e Audiovisual na Escola de Arte e Tecnologia Oi Kabum! BH⁵⁴, em Belo Horizonte, que funcionou entre os anos de 2009 e 2016. A escola, voltada para jovens estudantes ou egressos de escolas públicas, tinha como proposta pedagógica a valorização das diferenças, alinhadas a princípios democráticos e participativos. A gestão da escola desenvolveu uma proposta de integrar os jovens em processos de gestão coletiva e implementou uma matriz curricular que priorizava tanto o exercício coletivo quanto individual, a experimentação e a transversalidade entre as áreas do conhecimento, com aulas práticas nos laboratórios da escola e em diversos espaços públicos da cidade. Como escola técnica, a matriz curricular oferecia formação em três áreas: Multimídia, Produção em Áudio e Vídeo e Artes Visuais e apostava em princípios pedagógicos que buscavam incentivar a autonomia dos jovens diante dos processos de criação, produção, e também na gestão do espaço e das atividades, além da argumentação e a capacidade de expressão oral, escrita,

⁵² A Rede Jovem de Cidadania finalizou suas atividades em 2014 e as exibições na Rede Minas e TV Brasil saíram do ar em 2015.

⁵³ CIRELLO, Moira Toledo Dias Guerra. *Educação audiovisual popular no Brasil-panorama, 1990-2009*. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo;

OLIVEIRA, Monique Torres. *Produções midiáticas populares e a construção da subjetividade dos jovens*. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado de Minas Gerais. Faculdade de Educação, 2013.

⁵⁴ A Oi Kabum! BH foi uma escola de arte e tecnologia que oferecia formação nas áreas de Multimídia, Produção em Áudio e Vídeo e Artes Visuais. Em Belo Horizonte, a Oi Kabum! foi resultado da parceria entre o Instituto Oi Futuro, a ong Associação Imagem Comunitária (AIC), com coordenação, entre 2009 e 2016, de Ana Tereza Brandão, Paulo Emílio Andrade, Paulo Roberto Costa e Paula Gontijo Martins, e o PLUG MINAS – Centro de Formação e Experimentação Digital do Governo de Minas.

corporal e artística, o envolvimento com a construção coletiva, o respeito à diversidade, o diálogo e a horizontalidade nas relações entre coordenadores, educadores, funcionários e jovens participantes.

Como educadora, atuei em disciplinas que tratavam dos princípios da captura de Imagens e de questões ligadas diretamente à produção Audiovisual. A experiência de trabalhar em uma escola como a Oi Kabum! BH foi um grande desafio, pois os processos de aprendizagem com os jovens se davam de maneira contínua e estavam integrados às outras disciplinas, educadores e à gestão da escola. O conteúdo das disciplinas envolvia os conhecimentos técnicos de cada área, assim como proposições e jogos criados pelos próprios educadores, que buscavam associar as competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos jovens, com os seus diversos saberes, referências, experiências profissionais e redes de contato. As trocas foram intensas entre a equipe e os jovens, vindos de diversas regiões da cidade de Belo Horizonte e de contextos familiares, sociais e culturais distintos. A infraestrutura material da escola permitia a invenção didática por parte dos educadores e a concretização das ideias e desejos dos jovens, além do espaço ser bonito e acolhedor, situado no Plug Minas, no bairro Horto, uma área ampla e arborizada, que passou por uma intensa reforma após abrigar, até o ano de 2003, a Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM). (REVISTA KABUM, 2019)

As experiências foram sistematizadas de variadas formas e em diversas publicações⁵⁵, entre elas uma revista virtual de autoria coletiva, lançada em 2019, que contém reflexões, registros, textos e proposições que podem contribuir com os processos educacionais⁵⁶, dando visibilidade ao que foi construído e experimentado naquela escola, em relação ao ensino de Arte e Tecnologia⁵⁷. Depois de completar a formação da quarta turma, tivemos a dimensão de como vários jovens que passaram pela escola, depois se envolveram em grupos e coletivos que realizaram atividades culturais na cidade de Belo Horizonte, além de se fazerem presentes em entidades, universidades e também em trabalhos profissionais dentro da área artística, educacional e de produção audiovisual.

A escola encerrou suas atividades, assim como o projeto Rede Jovem de Cidadania, devido às dificuldades no cenário político e econômico nacional, que afetaram diretamente os

⁵⁵ SANTOS, Débora Bráulio. *Gestão coletiva na Oi Kabum! BH – A construção de saber pelo fazer compartilhado*. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 1 N. 1 – pag 93-114 (fev - mai 2015): “Artes de educar”. Acesso em 10 de setembro de 2019.

⁵⁶ Revista Encontros de Diálogo, 2009: https://issuu.com/kabumbh/docs/2009_revista_encontros_de_diálogo. Acesso em 10 de setembro de 2019.

⁵⁷ Revista Oi Kabum! BH, 2019: https://issuu.com/kabumbh/docs/revista_oikabumbh Acesso em 10 de setembro de 2019.

incentivos à Educação, à Arte, à Cultura em nosso país e também por decisões institucionais, que não nos permitiram buscar a continuidade das ações em outras condições. Tudo isso culminou na minha saída da Associação Imagem Comunitária⁵⁸, em 2016, o que reforça ainda mais a importância de registrar, no meu percurso, as experiências, aprendizados e encontros que tive ao longo de mais de 20 anos de trabalho com Comunicação Comunitária e Educação.

5.2. A experiência no Quilombo Mato do Tição

Desde 2015, tenho atuado como diretora, cinegrafista e montadora de documentários com comunidades quilombolas, ao contribuir com o Inventário Nacional de Referência Culturais (INRC) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de seis quilombos da Serra do Cipó (Ascaxar, Açude, Mato do Tição, Três Barras, Buraco e Cubas) e, em 2017, com o Dossiê de Registro de Patrimônio Imaterial das comunidades Manzo Ngunzo Kaiango, Luízes e Mangueiras, a pedido da Diretoria de Patrimônio Cultural (DIPC), da Prefeitura de Belo Horizonte⁵⁹.

Transitar por outros contextos, territórios e estabelecer vínculos com pessoas que possuem uma relação direta com os saberes ancestrais, reforçou meu interesse por constantemente buscar interlocução com jovens, grupos e comunidades que escolhem e constroem a maneira como querem apresentar suas identidades, fortalecendo e preservando modos de viver, manifestações culturais e saberes que desejam compartilhar. Nesse sentido, considero que a produção audiovisual que se coloca a serviço desses grupos ou comunidades, de forma que eles possam criar e ter autonomia nas escolhas das suas próprias narrativas contribui para um movimento contracolonial, na medida em que conflui saberes e reconhece que é “preciso desmanchar o que meu povo fez, o povo colonialista fez” (BISPO, 2018).

Considerando o cenário da produção de filmes a partir de processos formativos que proporcionam às pessoas ou comunidades espaços de criação de materiais onde elas produzam e se vêem representadas, além de ser um ato de resistência, conflui com o que o quilombola piauiense Nego Bispo, da comunidade Saco-Curtume, chama de Contracolonização⁶⁰. Para Bispo, que se posiciona como um tradutor que provoca debates sobre a colonização, sobre os quilombos, seus modos e suas significações, Contracolonizar é

⁵⁸ *Imagem Comunitária e Transformação Cultural: 20 anos de Associação Imagem Comunitária*, 2015. Publicação que registra a trajetória da instituição:

https://issuu.com/assimagemcomunitaria/docs/livro_aic_baixa. Acesso em 10 de setembro de 2019.

⁵⁹ O documentário *Tem Quilombo na Cidade - Mangueiras, Luízes e Manzo Ngunzo Kaiango, patrimônio de BH* pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=s0OvrYKuKWc>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

⁶⁰ SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

uma confluência entre os saberes. Confluência, na fala de Bispo, é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual (BISPO, 2015). Partindo desse pensamento, Bispo entende que Contracolonizar seria quando um movimento é realizado, por exemplo, pelas universidades em direção ao que elas não sabem, se colocando no sentido de aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar, aprender a arquitetura indígena, aprender para que servem as plantas da caatinga e aprender como os indígenas e quilombolas aprenderam um dia com eles. Bispo nos convoca para um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas do lugar. Uma contracolonização. (BISPO, 2015; p. 89).

Ele mesmo se pergunta o que é Contracolonizar. “É reeditar as nossas trajetórias a partir das nossas matrizes. E quem é capaz de fazer isso? Nós mesmos!” (BISPO, 2018). Dessa forma, são fundamentais processos educativos que visam o fortalecimento do aprendizado mútuo entre as partes, a partir da construção de outros parâmetros de equidade entre os saberes e as relações. No campo do audiovisual, o que percebo, com algumas exceções, é uma contínua apropriação de imagens, narrativas e conhecimentos dos jovens, das comunidades e dos povos tradicionais, formações que não consideram os diversos saberes e contextos específicos ao impor uma metodologia, ou que não dão devida importância ao processo, em detrimento do produto, além de pesquisas que os colocam como “objetos” de estudo, onde prevalecem as falas e interpretações dos pesquisadores.

Entre os anos de 2014 a 2017, ao integrar a equipe de registro audiovisual para o Inventário de Referências Culturais (INRC) de seis quilombos da Serra do Cipó, entre eles, o Quilombo Mato do Tição, me foi dada a oportunidade de voltar a conviver mais intensamente com essa comunidade e registrar diversas manifestações culturais. Eu frequento a comunidade desde 2010 e observava que, geralmente, as festas e celebrações que ocorrem no quilombo são capturadas de modo pouco criterioso com os celulares, ou por “gente de fora”, como eu, que realizam projetos de registro audiovisual, ou por pessoas que frequentam a comunidade há um tempo e passam a fotografar alguns eventos. É costume ouvir de pessoas do Matição, que os outros sempre filmam as festas, as pessoas tocando ou dançando, mas eles nunca mais veem as gravações, ou quando procuram, as imagens já estão circulando na internet. Esse tipo de fala me causa um incômodo que me acompanha há muito tempo, dentro do meu percurso com comunicação comunitária e produção audiovisual, pois percebo que as equipes que fotografam e filmam povos, grupos culturais e comunidades, raramente se movem em direção à exibição e devolução dessas imagens para os mesmos. Como gente “de fora”, além de procurar me integrar às pessoas envolvidas, de modo que o audiovisual atue sem invadir ou

atrapalhar aquilo que naturalmente acontece ali, me atento ao cuidado para que todo o material, bruto e editado, seja exibido, arquivado e fique disponibilizado na comunidade.

Ao refletir sobre as gravações durante o processo de registro audiovisual realizado junto ao Quilombo Mato do Tição e outras comunidades, ficou evidente que mesmo que as pessoas estejam sendo somente filmadas, devemos considerar que elas não são somente personagens ou protagonistas daquilo que está sendo registrado, mas são coautores, pois contribuem com a equipe técnica quando oferecem sua *mise en scène*, quando dão sugestões a respeito da gravação ou atuam na produção. Dessa forma, elas têm o direito ao registro da sua própria imagem, fala e ao que consideram ser a melhor representação delas mesmas. Além disso, penso sobre como se faz necessária uma construção da autonomia dessas pessoas na produção de suas imagens e narrativas, trazendo outros olhares e espaços de fala, desvinculando das mãos de pessoas “de fora”, o registro daquilo que é importante para as comunidades.

Considerando essa perspectiva, imagino que os casamentos, batizados, coroações, as rezas, o Candombe e outras manifestações culturais começam a compor um repertório local, produzido, no caso dessa pesquisa, pela juventude do Quilombo Mato do Tição. No meu entendimento, penso que os arquivos audiovisuais podem assumir inúmeros usos e sentidos, contribuindo com a preservação da memória das comunidades, guardando registros afetivos das pessoas, da história e dos saberes, tornando possível o compartilhamento e exibição durante as manifestações culturais no quilombo e nas escolas, e também podendo ser instrumentos de comprovação para projetos que concorrem a editais públicos. A difusão de imagens e sons sobre a cultura quilombola na internet e nas escolas pode ajudar a contribuir como um importante instrumento de transformação, no momento em que possibilita a partilha de olhares de dentro das comunidades sobre os seus saberes e suas manifestações culturais. A produção audiovisual realizada pelas jovens do Maticão revela práticas e relações que perpassam os vários lugares e as diferentes formas de habitar um mesmo território autointitulado como quilombo. Além dessas questões, se considerarmos que o território do quilombo inclui um conjunto de relações sociais, a produção de imagens pode contribuir para que surjam outros momentos onde aconteça a transmissão cultural e onde os limites territoriais definidos pelas jovens podem ser redefinidos e ressignificados, a partir de outras representações e relações que elas estabeleçam dentro do espaço da comunidade. Milton Santos fala do território como o chão que pisamos (ou que deveríamos pisar) e as ações e relações que se dão sobre este chão. Cada lugar, segundo ele é, à sua maneira, o mundo. Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se

exponencialmente diferente dos demais. (SANTOS, 1996; P.213) A partir da circulação dos materiais, a produção audiovisual produzida dentro do quilombo abre a possibilidade para que dentro das suas especificidades, a comunidade esteja conectada a outras experiências, permitindo a criação de uma multiplicidade de territórios e o fortalecimento dos processos de reconhecimento simbólico e territorial que ainda são processos de luta dos povos tradicionais.

A aposta de que as próprias comunidades possam construir e alimentar seus arquivos audiovisuais e produzir filmes corrobora com a ideia de outros projetos de comunicação, como aqueles desenvolvidos pela ONG Vídeo nas Aldeias (VNA)⁶¹, fundada por Vincent Carelli, em 1986 e que desde então se dedica à formação de cineastas indígenas e à produção de filmes. O VNA entende que o audiovisual é um instrumento que se apoia na força da palavra, da imagem, dos sons e da memória, e ao longo dos anos construiu um vasto arquivo sobre mais de 40 povos no Brasil.

Pensando a respeito da potência dessas práticas de formação audiovisual, que consideram as especificidades de cada grupo e de como elas vão sendo construídas a partir das relações que estabelecemos, recorro um momento da trajetória do Vídeo nas Aldeias, por volta de 1999, em que ocorre o encontro com os *Ateliers Varan*⁶², de Paris, na figura de Mari Corrêa, que convidada a integrar a equipe do VNA, adaptou junto com Carelli o método desenvolvido pelos *ateliers* ao mundo das aldeias. Em suas observações, Corrêa deixa claro como enxerga no audiovisual uma possibilidade para a comunidade acessar um instrumento de diálogo com o mundo exterior, indígena ou não, e a possibilidade de se apropriarem de sua imagem. O que ela julgava mais importante é que eles aprendessem a fazer filmes e a se filmarem, passando de objetos de observação a sujeitos do discurso. Dessa forma seria possível acabar com a crendice da pureza, uma imagem idealizada pelo homem branco, pois ela faz mal aos outros e a nós. (CORRÊA, 2006).

Assim como os indígenas, as imagens de comunidades tradicionais, quilombolas e povos que habitam múltiplas realidades, merecem reparação histórica, ao serem desmistificadas e revisitadas, a partir do olhar desses como sujeitos das suas próprias narrativas. Na maioria das comunidades e até nos lugares mais remotos é possível perceber a

⁶¹ Filмотeca Vídeo nas Aldeias: <http://videonasaldeias.org.br/loja/sobre/>. Acessado em 22 de abril de 2019.

⁶² Os *Ateliers Varan* foram fundados em 1980, por iniciativa de Jean Rouch e Jacques d'Arhuys. Seu objetivo inicial era formar jovens cineastas em países onde não havia ainda uma produção cinematográfica, mas também grupos étnicos e sociais minoritários que não tinham acesso às técnicas do cinema. Os filmes produzidos nos *ateliers* mostram frequentemente lugares onde nunca estivemos e nos deixam vê-los sob diversas facetas, longe da estética espetacular e do exotismo, contrariando as convenções da linguagem televisiva ou do documentário tradicional. As produções servem de referência a diversas escolas que pretendem escapar às limitações do cinema dominante, fundado no roteiro, no longa-metragem de ficção e em atores profissionais. (ARAÚJO & MARIE, 2016, P. 8)

presença massiva das imagens da televisão, das plataformas de compartilhamento de imagens e de redes sociais onde as representações colonialistas e os discursos racistas imperam.

Em contraponto, as imagens e sons produzidos pelos diversos grupos constituem a singularidade dos produtos audiovisuais realizados por meio de processos formativos, um “cinema leve”, como batiza Jean Rouch, defensor de toda câmera que se movimenta. Experimenta um cinema vivo e vivaz, um cinema da autonomia, dito “direto”, “artesanal”, com captação de imagem e som direto sincronizados, como nomeia Jean-Louis Comolli⁶³, ao refletir sobre como o aprendizado na prática se constitui em um modo de pensar o cinema.

“Ir a campo, sim, mas sobretudo, permanecer ali por tempo suficiente para que o campo nos mude, mude a ideia que se podia ter dele antes de compartilhar com ele a experiência, quer dizer, antes que ele mesmo tenha mudado pelo fato de acolher uma equipe de cinema com suas máquinas(...) O cinema de campo, aquele que nos obstinamos em chamar de “documentário”, é antes de tudo um cinema de *relações* – e as relações são construções que engajam presenças, pessoas, vidas, e então durações e paciências. Os seres falantes que filmamos são transformados na medida da parte que eles tomam nesse filme. A um tempo, eles se dão e, tentando apresentar sob uma forma filmada sua experiência de vida, suas preocupações ou seus sonhos, eles participam da operação cinematográfica como tal, poderíamos dizer participam do ato de alçar a experiência a uma forma de cinema, dito de outra maneira, uma forma intercambiável e transmissível, não estéril (...) Fico tentado a adiantar que não há diferença substancial entre escola de vida e escola de cinema, lembrando que estamos hoje presos num mundo de espetáculos e que fazer imagens e sons é provavelmente o melhor meio de nos encontrarmos, quero dizer de não nos perdermos”. (ARAÚJO & MARIE, 2016, p.104)

Realizar produções audiovisuais que constroem relações, como nesse “cinema de relações” que nos coloca Comolli, e conjugar com o que Nego Bispo chama de Confluência, sob a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e que nos ensina sobre as diferenças, pressupõe a construção de processos onde as relações são horizontais, dialógicas, que busquem o fortalecimento dos laços entre todos os envolvidos, considerando os saberes específicos. Nesses processos de produção, os vínculos se estreitam a partir da convivência, que deve ser baseada em princípios que respeitem os espaços de fala e que busquem trazer as representações e narrativas dos participantes para o primeiro plano, buscando instaurar espaços de confiança e camaradagem. Os educadores e realizadores devem buscar várias formas, no sentido de prestar atenção, abrindo espaço para aprender com o outro, protegendo-se especialmente do “poder sobre” os outros, garantindo lugar para os participantes e pessoas filmadas, desprendendo do risco de ocupar o espaço inteiro, todos os espaços (VIÈLE, 2010). A produção audiovisual é uma forma de estimular que outros atores

⁶³ Texto publicado inicialmente em *Mémoires du réel*, Centre Georges Pompidou, 2012 e reproduzido no catálogo Varan, um mundo visível. Balafon, 2016.

ocupem o lugar de produtores de imagens, sons e representações, ao mesmo tempo em que o processo consegue acolher as semelhanças e diferenças que existem entre nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou revelar o processo formativo em audiovisual desenvolvido com jovens da comunidade Mato do Tição, em Jaboticatubas, Minas Gerais, durante o ano de 2018. Considerei essa formação para investir em um processo de pesquisa, por se tratar de uma experiência circunscrita, que não visava alcançar grandes números, formar muitas pessoas ou oferecer uma metodologia infalível, mas justamente, buscava valorizar a singularidade do processo e dos participantes.

Diferente da primeira experiência com audiovisual vivenciada no quilombo, em 2010, onde atuei no papel de coordenadora de dois jovens educadores e minha inserção junto às crianças e jovens participantes da formação foi pontual, nesse processo atuei diretamente como educadora e trabalhei em tempo integral com as jovens. Sendo assim, tornou-se importante contextualizar meu primeiro contato com a comunidade e como a minha relação com as pessoas me instigou a interagir cada vez mais com a história, as tradições e a cultura do Matição.

Ao longo dos anos, meus caminhos profissionais voltaram a se cruzar com a comunidade, quando atuei no papel de realizadora audiovisual, no momento das gravações e montagem do documentário para o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), entre os anos de 2014 e 2017. Talvez por causa disso, no momento em que a Associação do Mato do Tição aprovou o projeto de formação de lideranças juvenis, que incluía uma formação em audiovisual para os jovens da comunidade, o convite para que eu integrasse a equipe se firmou, abrindo a possibilidade para que esta pesquisa pudesse se concretizar. Comemorando essa oportunidade, enxerguei a possibilidade de aliar a minha formação como educadora e realizadora, com o investimento em pesquisa, distinguindo o processo formativo tratado nesta dissertação, de outras experiências vivenciadas por mim no quilombo anteriormente e mesmo ao longo de minha trajetória profissional como um todo.

Ao ocupar simultaneamente os papéis de educadora e também de pesquisadora, procurei trazer detalhes sobre o processo formativo em audiovisual desenvolvido com as jovens, procurando encarar a proposta como parte de um movimento contracolonial dentro da produção das imagens, na medida em que aposta, para além de uma única metodologia ou da análise dos produtos realizados durante a formação, que o processo vivenciado coletivamente faz surgir outras maneiras de ver, ouvir e, simultaneamente, conhecer e se fazer representar.

A processualidade, enfatizada em diversas falas das jovens, busca revelar as várias dimensões do aprendizado, da autonomia, da autorrepresentação e da descoberta de outros papéis que podem ser ocupados por elas dentro da comunidade e também em relação aos “de fora” da comunidade. As jovens passam a utilizar a imagem nos próprios processos de elaboração de questões que têm relação direta com a identidade, a história e a cultura do quilombo.

Dessa forma, em um primeiro momento, busquei descrever a singularidade desse processo, introduzindo parte do universo das jovens participantes da pesquisa, como vivem, o que gostam, como recontam as histórias transmitidas pelos mais velhos e como colaboram nas manifestações culturais da comunidade. Em seguida, apesar das etapas terem acontecido simultaneamente, separei o processo formativo em audiovisual em duas fases, a título de organização do trabalho: *Primeira fase*, onde procurei descrever detalhadamente as etapas do processo de formação em audiovisual com as jovens, situando o contexto da oficina no território do quilombo, o primeiro contato das jovens com os equipamentos e os desafios iniciais dessa aproximação. Na sequência, investi no compartilhamento dos conteúdos e proposições que foram sendo trabalhados durante os encontros, optando por utilizar, junto às vozes das jovens, fotografias e informações que foram registradas no meu diário de campo, assim como frames retirados dos filmes e das gravações realizadas separadamente com cada uma delas, no intuito de dar visibilidade para as experiências transcorridas no processo coletivo de aprendizagem e para o gestual que as jovens utilizaram para descrever as práticas aprendidas por elas por meio da fala e do corpo.

Na tentativa de demonstrar a complexidade de um processo formativo em audiovisual e como essa experiência formativa afetou as pessoas envolvidas, procurei relatar no capítulo denominado *Segunda Fase*, as experiências de gravação de campo que aconteceram durante as festas na comunidade, intercalando a minha narrativa com relatos das jovens que filmaram naquelas situações. Optei por reunir sequencialmente as experiências de gravação que aconteceram em momentos distintos ao longo do primeiro semestre de 2018, mesmo que tivessem sido alternadas por outros encontros onde as jovens gravavam as proposições e outros em que assistíamos os materiais. Também descrevi o processo de montagem dos materiais filmados e a percepção das jovens diante da exibição e distribuição dos vídeos na comunidade, como parte do que intitulei como *Segunda fase*.

Ao retornar à comunidade no intuito de conversar com as jovens, em março de 2019, levando a proposição de assistirem e comentarem três vídeos produzidos na formação do ano anterior, indaguei-me como elas iriam traduzir, por si mesmas, questões sobre as relações, as

tradições e o território, a partir das experiências transcorridas durante o processo formativo em audiovisual. Essa escolha me possibilitou ouvir atentamente comentários e reflexões sobre cada descoberta, além da percepção, de forma muito particular de cada uma das jovens, sobre as dimensões do próprio aprendizado, as relações entre o dentro e o fora do quilombo e o território. Junto disso, a aposta que as participantes da formação e realizadoras tinham muito a dizer abriu espaço para que surgissem reflexões sobre o meu trabalho como educadora e sobre as escolhas metodológicas que foram feitas durante o processo formativo, revelando como elas são capazes de elaborar o próprio processo que vivenciaram e como contribuíram para que eu como educadora, pudesse elaborar o meu.

Ao interagir com cada fala no momento de redigir o texto, deparei-me com a minha percepção sobre o momento em que atuava como educadora do processo formativo em audiovisual e com o que as narrativas das jovens revelaram. Mesmo que durante todo o tempo em que atuei como educadora audiovisual eu tivesse buscado me posicionar de forma aberta e atenta aos sinais que as jovens me davam, meu enquadramento estava direcionado para a formação e para os vídeos que elas produziram. Ao atuar como pesquisadora procurei escutar o ponto de vista das jovens, elaborando sobre o processo formativo e os filmes que realizaram.

No momento em que escutei as falas das jovens sobre a experiência de gravar uma festa sem acompanhamento, algo que não aconteceu de forma premeditada, percebi como as jovens encararam o desafio como uma responsabilidade e como conseguiram perceber por elas mesmas, as dificuldades e o aprendizado que aconteceu durante a prática. Isso me faz pensar que é de extrema importância que o educador fique atento para não ocupar o espaço inteiro ou todos os espaços e como a experiência que as jovens tiveram com a autonomia durante as gravações, partiu do cuidado e foi sendo encarada como um passo de cada vez, considerando o acaso, os erros, as dificuldades e os desvios como parte do aprendizado. Outro ponto importante a ser ressaltado, como conclusão sobre a escuta das jovens, é a necessidade de que o educador considere sempre que existe uma diferença entre o quê ele pretende ensinar ou a forma como ele decide ensinar e o quê ou como os participantes aprendem nesse processo. Uma formação em audiovisual certamente envolve um diálogo entre essas duas perspectivas.

De início eu pensava que era comum que as jovens fizessem perguntas para os adultos e os mais velhos sobre as histórias do quilombo e as tradições, já que o povo do Matição tem o costume de narrar e contar casos com maestria. Nesse sentido, é notável como as práticas audiovisuais, inclusive a minha presença em alguns momentos junto com elas, revelaram-se

como mediadoras de outras formas de interação e transmissão das tradições, pois estimularam que as jovens pudessem se ver em várias posições, nos instantes em que buscaram formas de abordar os assuntos e filmar as situações cotidianas. É possível dizer que elas experimentaram outras formas de aproximação dos adultos, dos mais velhos, das tradições e das situações cotidianas vivenciadas no território do Quilombo.

Com relação ao território, imaginava que elas transitavam por grandes distâncias, que sempre frequentavam o rio e que isso fazia parte da rotina delas, assim como criar galinhas. É interessante perceber que elas não iam constantemente àquela parte do território, algumas nem gostavam de nadar e outras nunca tinham ido ao rio em grupo, ou junto com outros meninos e jovens. Assim como, em outra experiência de gravação, apesar das jovens não se sentirem empolgadas com a prática de criar galinha, algo que é feito próximo a elas, ao tomarem contato com esse conhecimento todas reconhecem o cuidado e os saberes compartilhados pelo avô como algo fundamental.

É importante assinalar também como foi importante acolher as sensações que elas sentiram durante as filmagens, sem minimizar os sentimentos e dificuldades, buscando valorizar as características de cada uma das jovens e de cada passo dado. Os sentimentos de cansaço ou medo, assim como o encorajamento e a alegria, são alguns dos muitos afetos que surgiram durante a prática do audiovisual.

Sendo assim, dediquei um capítulo onde optei por privilegiar as falas das jovens sobre os filmes e não a análise fílmica tradicional. Procurei conjugar as quatro narrativas das jovens, enunciadas em momentos distintos durante as gravações, baseando a construção do texto na sequência de frames que foram retirados de cada filme que foi exibido, no intuito de criar um fio condutor para os comentários, mas também sublinhar áudios presentes nos filmes e apontar observações e reflexões que ultrapassaram o que está em cena, fazendo parte daquilo que consideramos como o fora de campo do filme ou mesmo da situação pedagógica da oficina. Ao fazer a escolha por colocar as falas das jovens em primeiro plano, tentei interligar uma fala com a outra e aproximar os comentários dos momentos em que foram enunciados, buscando uma forma que desse conta da complexidade de situações, afetos e relações em jogo.

A experiência com a oficina de audiovisual no Matição me indica que a aliança entre Educação e Audiovisual, quando associada à experiência da pesquisa, pode fornecer um entendimento mais amplo sobre os processos de aprendizado, sobre as relações com o território e com as múltiplas dimensões que envolvem o grupo de jovens mobilizado na experiência. Isso me permite repensar sobre cada uma das experiências que vivi anteriormente

em outros contextos e abrir perspectivas para desenvolver processos formativos com grupos diversos.

BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, Clarisse Maria Castro de. *Vídeo e experimentação social: um estudo sobre o vídeo comunitário contemporâneo no Brasil*. 2004. 206p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, SP.

ALVES, Aline Neves Rodrigues. *Juventude quilombola: projetos de vida, sonhos comunitários e luta por reconhecimento*. Belo Horizonte, 2015. Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

ARAÚJO, Juliana e Michel Marie. *Varan: um mundo visível*. Belo Horizonte, 2016. Balafon, 2016.

ARRUTI, José Maurício AP. *O quilombo conceitual: para uma sociologia do artigo 68 do ADCT*. Texto para discussão: Projeto Egbé–Territórios negros (*KOINONIA*) (2003).

BISPO, Antonio. *Colonizacao, Quilombos-Modos e Significados*; Brasília, 2015.

CIRELLO, Moira Toledo Dias Guerra. *Educação audiovisual popular no Brasil-panorama, 1990-2009*. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

COMOLLI, Jean-Louis. *Sob o risco do real*. In Catálogo do Forumdoc.bh.2001. Belo Horizonte, 2001.

COSTA FILHO, Aderval. *Quilombos e povos tradicionais*. Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (2011).

DAMASCENO, Maria Nobre. *Juventude: educação e cidadania no contexto da diversidade cultural*. VI Congresso Português de Sociologia. Faculdade de ciências sociais e humanas. Universidade Nova de Lisboa. No. 186. 2006.

DAYRELL, Juarez. *A escola como espaço sociocultural*. In: DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. P. 136-161
_____. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação. N.24, v.2, 2003.

GOLDMAN, Márcio. *Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia*. *Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)* 13.13 (2005): 149-153.

- GOMES, Nilma Lino. *Escola e diversidade étnico-cultural: um diálogo possível*. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG (1996): 85-91.
- GUIMARÃES, César. *A singularidade como figura lógica e estética no documentário*. *Revista Alceu* 7.13 (2006): 38-48.
- HOOKS, Bell; A teoria como prática libertadora. In: _____ *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens* Ilus 86. Vol. 3. Routledge, 2014.
- IMAGEM COMUNITÁRIA, Associação. *Imagem Comunitária e Transformação Cultural: 20 anos de Associação Imagem Comunitária*. Belo Horizonte (2015)
- LEONEL, Juliana M. e Ricardo Fabrino Mendonça. *Audiovisual comunitário e educação: histórias, processos e produtos*. Belo Horizonte: Autêntica(2010).
- LEANDRO, Anita. Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem. *Comunicação e Educação* 2001; 7:29-36.
- LIMA, Rafaela. *Mídias comunitárias, juventude e cidadania*. Vol. 5. Associação Imagem Comunitária, 2007.
- LUCAS, Glauro. *Os sons do Rosário*. Belo Horizonte: UFMG (2002).
- MARQUES, Carlos Eduardo. *Bandeira Branca em Pau Forte: a Senzala de Pai Benedito e o Quilomblé urbano de Manzo Ngunzo Kaiango*. Campinas, 2015. Dissertação (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Antropologia.
- MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. Azougue Editorial, 2015.
- MOTA, Regina. *Tecnologia e informação*. Múltiplos olhares sobre educação e cultura (2001).
- OLIVEIRA, Fernanda. *Quando reza a fé no Quilombo Maticção, família, festas, males e curas fazem comunidade*. Belo Horizonte, 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Vol. 1. Editora Autentica, 2010.
- SILVA, Samia Paula dos Santos. *A juventude remanescente de quilombo da comunidade Bastiões (CE): tensões e identidades*. Fortaleza, 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Diss. www. teses. ufc. br.
- SPÓSITO, Marília Pontes (1997), *Estudo sobre juventude em educação*, *Revista Brasileira de Educação*, ANPED. São Paulo, no. 5, pp.37-52. Formação da Juventude: educação e cidadania no contexto da diversidade cultural

SANTOS, M. 1978. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo : Hucitec. SANTOS, M. et al. 2000. O papel ativo da Geografia : um manifesto. Florianópolis : XII Encontro Nacional de Geógrafos; *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

VIÈLE, Anne. *Posfácio: Potência e generosidade da arte de “prestar atenção”*. Ponto Urbe 7, 2010.

Sites visitados:

<http://novo.mgquilombo.com.br/artigos/comunidades-quilombolas/comunidades-quilombolas-reconhecidas/> acessado em 2 de julho de 2018

<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/index.php> acessado em 2 de julho de 2018

<https://www.inventarcomadiferenca.org/apresentacao/> acessado em 2 de julho de 2018

<http://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf> acessado em 10 de julho de 2018

<https://educacaoeparticipacao.org.br/tematica/educacao-e-territorio/>

<https://farofafilosofica.com/2018/01/21/milton-santos-12-livros-em-pdf-para-download/>

<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/biblioteca.php>

<http://www.ateliersvaran.com/>

<http://conaq.org.br/quem-somos/>

ANEXOS

TERMO DE COMPROMISSO DE CUMPRIMENTO DA RESOLUÇÃO N. 466 DE 2012- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS)

Nós, Alexia Costa Melo, pesquisadora, RG. MG7.506-442, e Profa. Dra. Clarisse Maria Castro de Alvarenga, coordenadora/orientadora, RG. MG6.086-554, responsáveis pela pesquisa intitulada por *Narrativas da Juventude do Quilombo Mato do Tição: vozes, imagens e sons de jovens quilombolas*, declaramos que conhecemos e cumprimos os requisitos da resolução 466/12 (CNS) e suas complementares.

Comprometemo-nos a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceitamos as responsabilidades pela condução científica do projeto. Temos ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada e fará parte integrante da documentação do mesmo.

Assumimos o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa. Os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados para se atingir o (s) objetivo (s) previsto (s) na pesquisa.

O material e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a nossa responsabilidade pelo prazo de cinco anos no gabinete da pesquisadora orientadora na Av. Antônio Carlos, 6627. Faculdade de Educação, DMTE - Sala 1637. CEP: 31.270-901 / Belo Horizonte – MG
Telefones: (31) 98863-8765, E-mail: clarissealvarenga@gmail.com.

Os resultados da pesquisa serão tornados públicos em periódicos científicos e/ou em encontros, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa, não havendo qualquer acordo restritivo à divulgação.

Assumimos o compromisso de suspender a pesquisa imediatamente ao perceber algum risco ou dano, conseqüente à mesma, a qualquer um dos sujeitos participantes, que não tenha sido previsto no termo de consentimento.

O Conselho de Ética na Pesquisa da UFMG será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa, por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da interrupção da pesquisa.

As normas da Resolução 196/96 serão obedecidas em todas as fases da pesquisa.
Belo Horizonte, ____ de _____ de 2019.

Alexia Costa Melo
Pesquisadora
CPF 028.042.756-55

Profa. Dra. Clarisse Maria Castro de Alvarenga
Coordenadora da pesquisa/ Orientadora
CPF 005.292.946-99

Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, _____, nascido em _____, de nacionalidade _____, portador da cédula de identidade RG nº. _____, residente à Av/Rua _____, nº. _____ complemento _____, na cidade _____ e no estado _____, AUTORIZO o uso de imagem e voz do menor _____, portador da cédula de identidade RG nº. _____

em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para serem utilizados no projeto de pesquisa *“Narrativas da Juventude do Quilombo Mato do Tição: vozes, sons e imagens de jovens quilombolas”* e que esses sejam destinadas somente para fins da pesquisa.

A presente autorização é concedida a título gratuito e abrange os vídeos contidos no DVD produzido no projeto *“Formação de Lideranças e agentes culturais no Quilombo Mato do Tição”*. O DVD com os vídeos será anexado à dissertação e poderão ser utilizados para divulgação científica da pesquisa, o que inclui apresentações em seminários, participação em festivais de cinema no Brasil e no exterior e fornecimento de material para formação de acervo da Universidade Federal de Minas Gerais, sem qualquer ônus ao Quilombo Mato do Tição. As jovens realizadoras sempre serão consultadas e informadas sobre a circulação do material.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Jaboticatubas, _____ de _____ de 20 _____.

Assinatura do representante legal

Nome do representante legal:
Endereço:
Cidade:
RG Nº:
CPF Nº:
Telefone para contato:
Nome do menor:

(TCLE) - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Responsáveis por Menores de Idade

Prezado/a senhor/a,

A estudante _____,
menor de idade sob sua responsabilidade legal, está sendo convidada a participar da pesquisa de minha autoria intitulada: “*Narrativas da Juventude do Quilombo Mato do Tição: sons, vozes e imagens de jovens quilombolas*”, que tem por objetivo *analisar os vídeos produzidos pelas jovens que participaram da formação audiovisual e captar relatos e falas que contenham suas impressões e reflexões acerca do processo.*

Meu nome é **Alexia Costa Melo**, RG 7.506.442, sou arte educadora e produtora audiovisual, aluna do Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esta pesquisa para a qual a estudante menor de idade sob sua responsabilidade está sendo convidada está sob a responsabilidade e supervisão da **Prof.^a. Dr.^a. Clarisse Maria Castro de Alvarenga**, minha orientadora.

Nesta pesquisa, como procedimento metodológico de coleta de dados, as quatro jovens convidadas a participarem da pesquisa, com faixa etária entre 14 e 17 anos, participarão de uma entrevista para coleta de impressões e reflexões sobre o processo de formação em audiovisual que compôs o projeto “*Formação de lideranças e agentes culturais no Quilombo Mato do Tição*”, realizado em parceria com a Associação Quilombola Mato do Tição e o Fundo Estadual de Cultura de MG, em 2018 e no qual atuei como educadora. O fruto dessa experiência culminou na realização de oito vídeos, sendo que cinco deles compõem um DVD previsto no projeto.

Espaço para rubricas:

Responsável legal pelo menor de idade

Pesquisadora

Como contrapartida, o projeto proposto pela Associação Quilombola Mato do Tição e financiado pelo Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais disponibilizou cópias para a

Biblioteca Pública de Belo Horizonte e a distribuição do restante está a cargo dos jovens e da Associação.

Três dos vídeos produzidos durante o processo formativo serão analisados na pesquisa *“Narrativas da Juventude do Quilombo Mato do Tição: vozes, imagens e sons de jovens quilombolas”*. A intenção é suscitar, a partir de exibições do material gravado pelas jovens, depoimentos e relatos sobre as experiências vividas ao longo da formação em audiovisual. As imagens e sons serão a motivação para que as jovens do quilombo Mato do Tição possam falar sobre suas memórias, pensamentos, aprendizados e sobre questões relativas ao processo formativo, de modo que no texto da dissertação estejam presentes as falas, impressões, reflexões e contribuições das jovens realizadoras sobre o processo de produção de três filmes que compõem o DVD final do projeto, que estará anexado à dissertação.

Os dados coletados, registros em diário de campo, fotografias, gravações de áudio e vídeo, além do DVD com os filmes realizados, serão disponibilizados somente para fins acadêmicos e ficarão arquivados na sala 1637, gabinete da professora responsável e orientadora desta pesquisa, Professora Dra. Clarisse Maria Castro de Alvarenga, na Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, situada na Avenida Antônio Carlos, 6627, Pampulha – Belo Horizonte - MG, por um período de **cinco (cinco) anos**, sob responsabilidade da pesquisadora principal, sendo seu acesso autorizado somente aos envolvidos na pesquisa. A pesquisadora tratará a sua identidade e da menor sob sua responsabilidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Espaço para rubricas:

Responsável legal pelo menor de idade

Pesquisadora

Sabe-se que toda pesquisa que envolva seres humanos pode causar eventuais riscos e/ou desconfortos aos participantes (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2012). Porém, a pesquisadora estará atenta e disposta a diminuir ao máximo esses riscos e desconfortos. Reconhece-se que o principal risco envolvido nesta pesquisa está na divulgação indevida da

imagem e das falas dos (as) participantes, de modo que nos propomos a realizar todos os esforços possíveis para assegurar a dignidade dos (as) mesmos (as).

Os vídeos produzidos pelas participantes e pela pesquisadora em arquivo digital ao longo da pesquisa serão armazenados em local seguro, de acesso garantido apenas ao pesquisador principal e não ficarão armazenados na Rede Mundial de Computadores, para que outras pessoas não possam vir a acessá-los causando possíveis constrangimentos aos participantes da pesquisa. A identidade dos (as) participantes será preservada por meio do uso de nomes fictícios, e qualquer informação que por ventura possa vir a identificá-los (as) será trabalhada e apresentada de modo codificado, buscando reduzir ao máximo esse outro risco.

Responsável legal pelo menor de idade convidado

Pesquisadora

Espaço para rubricas:

Responsável legal pelo menor de idade

Pesquisadora

As participantes da pesquisa não terão nenhum benefício direto, mas a pesquisa proposta visa contribuir com os campos da Educação, do Audiovisual e da Antropologia, mas especificamente, com os estudos que buscam a reflexão sobre pedagogias possíveis ao cinema, e em nosso caso, entre atores sociais de origem quilombola, já que são raros os dados específicos sobre as possibilidades pedagógicas do ensino de cinema pensadas para a especificidade da Educação Quilombola. A presente pesquisa buscará dar sua contribuição,

por meio da produção de um conhecimento que dê visibilidade ao cotidiano, às aspirações e percepções da juventude quilombola do Mato do Tição e do audiovisual como forma de interação entre os jovens e como instrumento de preservação das tradições e da memória da comunidade.

A participação dos estudantes convidados ocorrerá de forma **voluntária**. Asseguramos que não haverá nenhum ônus a nenhum dos/as participantes da pesquisa. Todos os gastos serão de responsabilidade do(a) pesquisador(a) principal.

Os/as participantes da pesquisa conhecerão de antemão os riscos e benefícios inerentes ao processo e a **sua participação deve ser voluntária e pode ser suspensa a qualquer momento, sem justificativas e prejuízos de qualquer natureza.**

Pesquisadora

Participante

Espaço para rubricas:	
Participante	Pesquisadora

A jovem sob sua responsabilidade, como voluntária, pode recusar ou desistir em participar desta pesquisa a qualquer momento retirando seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem qualquer penalidade ou prejuízo ao tratamento a que está sendo submetido.

O (A) Sr. (a), como responsável legal pelo (a) jovem menor de idade convidado (a) a participar da pesquisa, pode recusar ou desistir em conceder sua autorização a qualquer

momento retirando seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem qualquer penalidade ou prejuízo ao Sr.(a) ou ao (a) estudante participante.

Reiteramos (repetimos) que a pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12;441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), porém os resultados obtidos da pesquisa serão utilizados para fins acadêmicos e científicos publicados ou apresentados oralmente em palestras e congressos sem revelar a identidade da jovem. Os dados obtidos durante a pesquisa são confidenciais e não serão usados para outros fins. Sua participação não envolverá gastos de qualquer natureza, pois a pesquisadora providenciará todos os materiais necessários e, portanto, não haverá ressarcimento de despesas. Está garantida a indenização em casos de eventuais danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. A pesquisadora estará atenta qualquer situação de risco ou dano e se coloca à disposição para arcar com qualquer despesa referente a qualquer tipo de prejuízo que possa ocorrer ao longo da pesquisa.

Em conformidade com a Resolução CSN nº 466 de 2012 itens IV.3f e IV.5d. **este termo seguirá em duas vias** originais contendo **7 (sete)** páginas cada uma, com espaço destinado para rubricas e o **COEP (Comitê de Ética em Pesquisa)** com endereço descrito ao final deste documento poderá ser contatado em caso de dúvidas éticas.

Espaço para rubricas:

Responsável legal pelo menor de idade

Pesquisadora

A pesquisadora e sua orientadora colocam-se à disposição para responderem qualquer dúvida que surja sobre o projeto ou sobre sua participação na pesquisa e seus respectivos contatos encontram-se ao final deste documento.

Concordando em autorizar **a participação da jovem menor sob sua responsabilidade de forma voluntária** nesta pesquisa, peço-lhe a gentileza de rubricar nos campos específicos contidos em cada página e assinar, nas duas vias, este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Responsáveis por Menores de Idade (TCLE). Uma das vias ficará com o

responsável pela menor e a outra será arquivada pelos pesquisadores por cinco anos, de acordo com a Resolução 466/2012.

Desde já agradecemos a sua colaboração.

Responsável legal pelo menor de idade convidado

Pesquisadora

Espaço para rubricas:

Responsável legal pelo menor de idade

Pesquisadora

ORIENTAÇÕES SOBRE A PESQUISA OU EM RELAÇÃO A QUESTÕES ÉTICAS

Caso você tenha alguma dúvida que possa surgir mesmo após todos os esclarecimentos prestados pelo (a) pesquisador (a), ou caso queira deixar de participar da pesquisa ou queira informações sobre questões éticas entre em contato pelos meios disponíveis abaixo.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa favor entrar em contato com os pesquisadores responsáveis:

Nome completo do Pesquisador Responsável: Prof. Dr^a. Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627. Faculdade de Educação, DMTE - Sala 1637.

CEP: 31.270-901 / Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 98863-8765

E-mail: clarissealvarenga@gmail.com

Nome completo do Pesquisadora: Alexia Costa Melo

Endereço: Rua Padre Marinho, 303 casa B. Santa Efigênia.

CEP: 30.140-040 / Belo Horizonte – MG

Telefones: (31) 996771837

E-mail: alexianeca@gmail.com

Em caso de dúvidas éticas:

COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592

Espaço para rubricas:

Responsável legal pelo menor de idade

Pesquisadora

